

**UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA**

Jussara Fernandes Reis Filgueira

**PELAS PÁGINAS DE *O LEOPOLDINENSE* (1946 – 1960) – SINAIS DA
NEOCRISTANDADE NA DIOCESE DE LEOPOLDINA-MG**

**Niterói
2019**

JUSSARA FERNANDES REIS FILGUEIRA

**PELAS PÁGINAS DE *O LEOPOLDINENSE* (1946 – 1960) – SINAIS DA
NEOCRISTANDADE NA DIOCESE DE LEOPOLDINA - MG**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em História da
Universidade Salgado de Oliveira, *campus*
Niterói, como parte dos requisitos para
obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Ideologia e Política

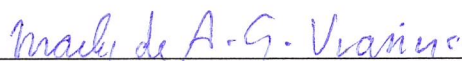
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marly de Almeida
Gomes Vianna

**Niterói
2019**

JUSSARA FERNANDES REIS FILGUEIRA

**“PELAS PÁGINAS DE O LEOPOLDINENSE (1946 – 1960) – SINAIS DA
NEOCRISTANDADE NA DIOCESE DE LEOPOLDINA-MG”**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História, aprovada no dia 30 de outubro de 2019 pela banca examinadora, composta pelos professores:



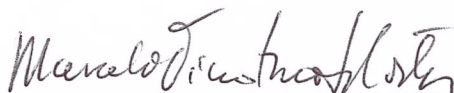
Prof.^a Dr.^a Marly de Almeida Gomes Vianna

Professora do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)



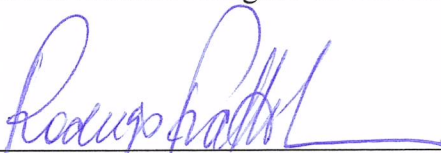
Prof. Dr. Mabel Salgado Pereira

Professor do Centro de Ensino Superior (CES/JF)



Prof. Dr. Marcelo da Silva Timotheo Da Costa

Professor do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)



Prof. Dr. Rodrigo Fialho Silva

Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

Resumo

Esta dissertação tem por finalidade percorrer as páginas do jornal *O Leopoldinense*, no período de 1946 a 1960. Este órgão da Diocese de Leopoldina - MG foi criado durante a gestão de seu primeiro bispo, Dom Delfim Ribeiro Guedes (1908 – 1985). Durante os quase 14 anos de existência desse periódico, os editores seguiram as orientações da hierarquia eclesiástica católica que, no Brasil, teve como principal liderança Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra (1882 – 1942), arcebispo de Olinda e Recife e posteriormente do Rio de Janeiro. Essas orientações seguiam um modelo denominado neocristandade, que pregava um catolicismo revitalizado, mais atuante na sociedade, com um posicionamento combativo e contrário ao comunismo, ao protestantismo, ao espiritismo e à maçonaria, principalmente. Com a análise de seus conteúdos, será demonstrado que *O Leopoldinense* estava em perfeita sintonia com os posicionamentos citados, confirmando que, no território da Diocese de Leopoldina, no interior de Minas Gerais, o modelo de neocristandade também se fez presente, não ficando restrito somente aos grandes centros urbanos. Configura-se, também, uma interiorização do comando de novas dioceses, que, utilizando práticas de comunicação, encontrou na imprensa uma aliada para a propagação das ideias propostas por este modelo de Igreja Católica.

Palavras-chave: Diocese, Igreja Católica, imprensa, Leopoldina, neocristandade.

Abstract

This research aims to analyze the newspaper “Leopoldinense”, during the period of 1946 to 1960. This Newspaper was created by the Catholic Church of Leopoldina, during the administration of its first bishop, Delfim Ribeiro Guedes (1908 - 1985). During its period of existence (almost 14 years), the editors followed an orientation of the ecclesiastic hierarchy led by the archbishop Sebastião Leme da Silveira Cintra (1882 - 1942), Archbishop of Olinda and Recife and then in Rio de Janeiro. This orientation followed a model named neochristianity, known as a new Catholicism, more active in society, opposed to the Communism, Protestantism, Spiritualism and Freemasonry. Analyzing the newspapers' pages, it will be demonstrated that the newspaper “Leopoldinense” was in perfect harmony with the positions mentioned, confirming that on the diocese located on Leopoldina, a small city in Minas Gerais State, the model of neochristianity was also presented, not being restricted only to the large urban centers. It was also observed the distribution of the command of new dioceses to smaller cities, which, using new ways of communication, used the press as an ally for the dissemination of ideas proposed by the Catholic Church.

Keywords: Diocese, Catholic Church, Press, Leopoldina, Neochristianity.

À memória de meu pai, Jarbas da Costa Reis, meu eterno incentivador.

Agradecimentos

Gratidão é reconhecer o bem que recebemos. Nesse sentido, tenho muito a agradecer por tudo que recebi nessa caminhada.

Primeiro a Deus, que foi meu maior esteio.

À Professora Dr^a. Marly de Almeida Gomes Vianna pela orientação, apoio e estímulo.

Ao CEFET-MG pelo apoio institucional, tornando essa qualificação possível.

Ao então bispo da Diocese de Leopoldina, Dom José Eudes, pela permissão de acesso ao arquivo da Cúria Diocesana, durante a pesquisa.

Ao Monsenhor Antônio Chamel e a todos os funcionários da Cúria Diocesana, em especial ao Luciano e ao Douglas pela gentileza em me atenderem e colocarem as edições dos jornais à minha disposição, esclarecendo dúvidas quando estas surgiam.

À Luciana, funcionária do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, pela ajuda na pesquisa.

A meu esposo, Teotonio, que nessa trajetória, sempre me apoiou. Com ele pude dividir minhas angústias e aflições.

A minhas filhas Nara e Laura, que me incentivaram, me acalmaram e me deram razões para nunca desistir.

À minha família pela torcida e orações.

Aos colegas de trabalho do CEFET-MG pela força e boas vibrações, em especial à Virgínia, à Flávia e ao Léo pela colaboração.

Ao Professor de Latim, Luiz de Melo Sobrinho, pela tradução da carta *Cum ambitus*.

À Tayná, secretária do Mestrado, pela cordialidade no tratamento.

Um agradecimento especial ao Professor Dr. Rodrigo Fialho Silva, meu professor na graduação, orientador do projeto de iniciação científica, base dessa pesquisa. Foi um grande incentivador nos momentos difíceis.

E terminando, agradeço à Professora Mariana Cândida G. C. de Almeida, que me encantava com as aulas de História Medieval na graduação e que me provocou, fazendo com que eu chegasse até aqui.

Abreviaturas

ACB – Ação Católica Brasileira

CERIS – Centro de Estatística e Investigações Sociais

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

JUC – Juventude Universitária Católica

LEC – Liga Eleitoral Católica

OPER – Organização Paroquial das Escolas Radiofônicas

PC do B – Partido Comunista do Brasil

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PDC – Partido Democrata Cristão

PL – Partido Libertador

PR – Partido Republicano

PRP – Partido da Representação Popular

PSB – Partido Socialista Brasileiro

PSD – Partido Social Democrata

PST – Partido Social Trabalhista

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

PTN – Partido Trabalhista Nacional

SIRENA – Sistema Radio Educativo Nacional

UDN – União Democrática Nacional

Lista de Imagens

Imagem 1:	Dom Sebastião Leme e Getúlio Vargas	33
Imagem 2:	Dom Sebastião Leme e Alceu Amoroso Lima	35
Imagem 3:	Capa de um exemplar da Revista <i>A Ordem</i>	36
Imagem 4:	Cardeal Leme e Getúlio Vargas, entre outros, no Palácio do Catete.....	37
Imagem 5:	Dom Leme e Dom Duarte com a imagem de N.S. Aparecida.....	38
Imagem 6:	Núncio Bento Aloisi Masella, Getúlio Vargas, Dom Leme e Dom Augusto.....	39
Imagem 7:	Igreja Matriz de São Sebastião.....	52
Imagem 8:	Notícia Instalação da Diocese.....	58
Imagem 9:	Decreto de Criação da Diocese.....	59
Imagem 10:	As obras da Catedral.....	60
Imagem 11:	Balancete da Festa de São Sebastião.....	67
Imagem 12:	Torre da Igreja São José em construção.....	72
Imagem 13:	Vista da Igreja de São José como Convento.....	72
Imagem 14:	Carta circular de Dom Delfim sobre Escolas Radiofônicas.....	76
Imagem 15:	Matriz de São Sebastião em construção.....	78
Imagem 16:	Catedral de São Sebastião – desenho da fachada.....	79
Imagem 17:	Catedral de São Sebastião.....	79
Imagem 18:	Notícia da posse de Dom Delfim.....	81

Imagem 31:	Orientações da LEC.....	105
Imagem 32:	Mensagem aos eleitores.....	106
Imagem 33:	Notícia das eleições.....	106
Imagem 34:	Fala de Pio XI sobre o comunismo.....	112
Imagem 35:	Orientações ao eleitorado católico.....	126
Imagem 36:	Para os eleitores católicos.....	127
Imagem 37:	Sobre aos protestantes.....	131
Imagem 38:	Manifestação sobre o espiritismo.....	132
Imagem 39:	Sobre escolas não católicas.....	135
Imagem 40:	Sobre a maçonaria.....	135
Imagem 41:	Realidades Maçônicas.....	136
Imagem 42:	A maçonaria e a Igreja Católica.....	137

Lista de Quadros

Quadro 1:	Distribuição de Dioceses no Brasil até 1930.....	53
Quadro 2	Distribuição de Dioceses no Brasil de 1930 a 1960.....	54
Quadro 3:	Resultado eleição 1950 – presidente e vice-presidente do Brasil.....	121
Quadro 4:	Números de brasileiros segundo a religião – 1872 a 1960.....	129

Sumário

Introdução	12
Capítulo I – Os projetos da Igreja da neocristandade e a Diocese de Leopoldina – MG	19
1.1 Aspectos históricos da Igreja Católica no Brasil.....	19
1.2 A neocristandade – um modelo para a Igreja Católica no Brasil.....	30
Capítulo II – A Igreja Católica em Leopoldina – MG – 1942 a 1960.....	45
2.1 A Zona da Mata Mineira – sua denominação.....	45
2.2 Aspectos históricos de Leopoldina.....	48
2.2.1 Dos fundadores.....	48
2.3 A criação da Diocese de Leopoldina.....	53
2.4 Dom Delfim – o mais novo bispo da Diocese de Leopoldina – MG (1943 – 1960).....	80
Capítulo III – O Leopoldinense e os sinais da neocristandade.....	86
3.1 O jornal – o contexto para sua criação.....	86
3.2 O jornal – fundadores, diretores e redatores.....	93
3.3 O Leopoldinense – difusor de ideias da Igreja Católica do Brasil – o modelo de neocristandade.....	100
3.3.1 O comunismo e o anticomunismo.....	109
3.3.2 O protestantismo, a maçonaria e o espiritismo.....	129
Considerações Finais.....	139
Referências Bibliográficas.....	141
Anexos.....	145
Anexo 1 Carta Petição de Dom Helvécio.....	145
Anexo 2 Cópia da Ata da Reunião Realizada para a Fundação do Bispado de Leopoldina.....	147
Anexo 3 Tradução da Bula <i>Quae ad maius</i>	151

Introdução

O interesse pelo tema surgiu durante as aulas de História Medieval, no curso de Licenciatura Plena em História no ano de 2006, nas Faculdades Integradas de Cataguases, em Cataguases - MG. Nas aulas, o tema sobre a construção das catedrais me chamou a atenção. Era um empreendimento que demorava, às vezes, mais de um século, incluindo pintura, painéis, afrescos e tudo quanto mais fizesse necessário para embelezar o monumento.

Assim, fiquei curiosa por saber sobre a construção da catedral de Leopoldina, visto que a cidade sedia um bispado. E, como meu curso era de licenciatura, tive a oportunidade de experimentar a pesquisa como ferramenta de estudo. Participei da seleção de iniciação científica com o projeto: “Em direção aos céus: a construção da catedral de Leopoldina – MG”¹. Com a pesquisa, tive contato com documentos da cúria diocesana sobre a construção; pesquisei no jornal *A Gazeta de Leopoldina* (edições de 1928, 1942 e 1943) as notícias veiculadas a respeito da criação da diocese; visitei a catedral e observei pormenores da obra (vitrais, emblemas, mobiliário), a parte estrutural (colunas em arco, abóbodas, o formato do altar em cruz latina, entre outros pontos), além de pesquisar quem foram os responsáveis técnicos pela edificação.

Como apoio à pesquisa, recebi das mãos do Monsenhor Antônio Chamel, responsável pelo arquivo da Cúria Diocesana, algumas páginas, ainda datilografadas, as quais mostravam a formação da diocese de Leopoldina, seus bispos, sua divisão em paróquias e, entre essas páginas, encontrei uma com o título: *A Diocese e a comunicação*, mostrando como era feita a comunicação com a comunidade.

Foi dessa maneira que cheguei em *O Leopoldinense*. O jornal, desconhecido por grande parte da população, até mesmo por algumas pessoas que trabalham na cúria, como pude perceber, e, principalmente, pela historiografia da imprensa em Minas Gerais, foi criado na gestão do primeiro bispo da Diocese de Leopoldina, Dom Delfim Ribeiro Guedes, em 1946. O jornal trazia, além de notícias ligadas à Diocese, como cartas pastorais e visitas do bispo, mensagens dentro de um modelo que, pelos estudos feitos, seguem a neocristandade. Seriam inserções com o claro propósito de criticar o comunismo, o protestantismo, a maçonaria e o espiritismo, principalmente. Além disso, seguiam orientações da Liga Eleitoral Católica – LEC – referentes às eleições e repassavam-nas aos leitores.

¹ Disponível em: <http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/site/anaiscomplementares> . Acesso em setembro 2019.

Assim, este jornal é uma rica fonte para o conhecimento da criação da Diocese, além do objeto principal que é a neocristandade. O recorte temporal de minha pesquisa compreende o período de criação e suspensão do periódico, isto é, de 1946 a 1960, ressaltando que 1960 é justamente o ano de saída de Dom Delfim da direção da diocese, quando foi transferido para a recém-criada diocese de São João Del Rei – MG. Esse fato demonstra que Dom Delfim foi o grande incentivador da manutenção do jornal.

O que me motivou a aprofundar os estudos foi, além de apresentar o jornal, fonte ainda inédita, confirmar minha hipótese: que *O Leopoldinense* não foi apenas um divulgador de notícias da diocese, mas, e, principalmente, um disseminador de ideias que trazia o comunismo, o protestantismo, o liberalismo, o espiritismo e a maçonaria como inimigos declarados dos católicos, seguindo uma linha de atuação elaborada pela hierarquia eclesiástica; ou seja, um agente histórico a serviço da Igreja Católica.

Visto que a pesquisa se baseia no jornal da diocese de Leopoldina, sirvo-me dos trabalhos de Joana T. Puntel², que esboça as diversas formas de comunicação da Igreja, incluindo os jornais, e também de Tania Regina de Luca³, que mostra o jornal como fonte e ao mesmo tempo objeto de pesquisa. Esses trabalhos ajudaram a definir e desenhar a mensagem do jornal - como é feita e a quem é direcionada. Isto é, o jornal foi o porta-voz de qual grupo? Como trabalho complementar, oriento-me, ainda, pela obra de Cláudio Aguiar Almeida⁴, que mostra a imprensa como um tipo de “arma” que pode ser usada para combater o inimigo. Ele retrata a luta entre a “boa” e “má” imprensa. As autoras Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto⁵ em um artigo publicado na revista da PUC (Pontifícia Universidade Católica) me ajudaram a compreender o uso da imprensa como fonte de pesquisa.

Apoio-me no conceito de Ideologia de Michael Löwy⁶, segundo o qual a visão social de mundo é ideológica quando tenta legitimar a ordem existente, o que acontece nas entrelinhas de *O Leopoldinense*. Além disso, há uma intencionalidade nas mensagens

² PUNTEL, Joana T. *Cultura midiática e igreja: uma nova ambiência*. São Paulo: Paulinas, 2005, p.117-32.

³ LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas – história dos, nos e por meio de periódicos. In: PINSKY, Carla Banassezi (org). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008, 111-153.

⁴ ALMEIDA, Claudio Aguiar. Em plena guerra: imprensa, catolicismo e política nas duas primeiras décadas do século XX. *Revista de História*, São Paulo, n. 174, p. 327-359, junho 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/115719>>. Acesso em março 2018.

⁵ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa*. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221>. Acesso em março 2018.

⁶ LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1995, p.11-25.

proferidas pela Igreja Católica, por meio do jornal. Conforme Pierre Bourdieu⁷, um poder invisível, mas que está presente e é acatado e serve a um determinado grupo. Seria o poder de persuasão da Igreja, por meio do jornal, de mostrar suas ideias sobre determinados assuntos. Ao chegar à elite letrada, essas ideias eram disseminadas entre as pessoas dominadas por essa elite, detentora do poder econômico e do prestígio social, muitas delas benfeitoras da diocese, colaboradoras, por exemplo, nas obras de construção da Catedral e assinantes do jornal.

Sobre a Igreja Católica, baseei-me em autores que me ajudaram a compreender as dificuldades sofridas por essa instituição para se afirmar inicialmente e reafirmar posteriormente. Riolando Azzi⁸ trata dessa primeira etapa de afirmação, mostrando os percalços para a chegada a uma hegemonia dentro do então recente cenário brasileiro. Além de Azzi, autores como Eduardo Hoornaert⁹ e João Fagundes Hauck¹⁰ traçam o perfil da Igreja Católica no período colonial, uma retrospectiva que julguei necessária para um melhor entendimento da sua trajetória e para esclarecer o porquê do catolicismo ser a religião considerada oficial naquele período da história brasileira.

Sirvo-me também do trabalho de José Oscar Beozzo¹¹ que concebe o período de 1930 a 1945 como de articulações entre Igreja e Estado e reconhece ainda ser a carta pastoral de Dom Leme, de 1916, uma tomada de consciência do catolicismo brasileiro coincidente com a periodização proposta por Scott Mainwaring¹² e Kenneth P. Serbin¹³ que definem o ano de 1916 como marco inicial da Igreja dentro do modelo chamado neocristandade – seguidor de uma linha de oposição à secularização e às demais religiões e difusor da hierarquia e da ordem.

Tal modelo começa a declinar a partir de 1955, quando há uma mudança de postura da Igreja, passando por uma fase reformista, cujo ápice é o Concílio Vaticano II (1962 – 1965), sob a orientação do Papa João XXIII. Mesmo ultrapassando a limitação cronológica proposta, é importante esclarecer o que veio a ser o Concílio Vaticano II, para que se possa estabelecer

⁷ BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989, p.7-16.

⁸ AZZI, Riolando. A instituição eclesiástica durante a primeira época colonial. In: HOORNAERT, Eduardo et al. *História geral da igreja na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1977, p.153-242.

⁹ HOORNAERT, Eduardo. *A cristandade durante a primeira época colonial*. In: HOORNAERT, Eduardo et al. *História da igreja no Brasil: primeira época*. Petrópolis: Vozes, 1977, p.243-410.

¹⁰ HAUCK, João Fagundes. A Igreja na Emancipação (1808 - 1840). In: HAUCK, João Fagundes et al. *História da igreja no Brasil: segunda época – a igreja no Brasil no século XIX*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985, p.182-216.

¹¹ BEOZZO, José Oscar. A igreja entre a revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização. In: FAUSTO, Boris (Dir). *O Brasil republicano: economia e cultura (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p.271-341.

¹² MAINWARING, Scott. *A igreja católica e a política no Brasil (1916-1985)*. Trad. Heloísa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 2004, p.39-57.

¹³ SERBIN, Kenneth P. *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.98-102.

a diferença de postura adotada pela Igreja Católica no Brasil. Entre as lideranças eclesiásticas da neocristandade, havia uma preocupação em se aproximarem das elites, não se atendo aos clamores das massas. E o concílio veio, justamente, preencher a lacuna formada entre a Igreja e essa parcela da sociedade.

O Concílio Vaticano II começou em 1962 sob a orientação de João XXIII, reunindo os bispos do mundo inteiro em Roma para discutir uma visão mais aberta da Igreja, e teve um efeito retumbante. Quando João XXIII faleceu, em 1963, Paulo VI assumiu o papado e, apesar de algumas oscilações, deu continuidade ao processo de renovação da Igreja até sua morte em 1978. Tanto para os críticos como para os partidários, o Concílio Vaticano II (1962-1965) marcava um dos mais importantes eventos na história do catolicismo romano. Apesar das contradições, tensões e limites que cercavam as mudanças, o Concílio enfatizou a missão social da Igreja, motivou por exemplo, maiores responsabilidades, co-responsabilidade entre o papa e os bispos, ou entre padres e leigos dentro da Igreja, desenvolveu a noção de Igreja como o povo de Deus, valorizou o diálogo ecumênico, modificou a liturgia de modo a torná-la mais acessível e introduziu uma série de outras modificações. (...) A mudança iniciou-se a partir da base, mas tomou impulso somente quando foi legitimada pela cúpula. (...) Dom José Maria Pires, arcebispo de João Pessoa e um dos expoentes da Igreja popular, comentou o impacto do Vaticano II sobre a Igreja brasileira: “O Vaticano II foi motor de toda essa mudança; foi quem sistematizou. Sempre houve, na Igreja, teólogos, pastores e leigos que assumiram uma posição dialética, em favor dos oprimidos, mas foi só a partir do Vaticano II que essa posição tornou-se oficial e as atitudes foram sendo sistematizadas. (...) O que fez com que eu me colocasse ao lado do povo, foi o Vaticano II”¹⁴

Mainwaring¹⁵ corrobora o pensamento de Azzi ao dizer que de 1930 a 1945 esse modelo de neocristandade vai atingir seu apogeu, justamente por corresponder ao período do governo de Getúlio Vargas que manteve uma relação amistosa com a hierarquia eclesiástica. Esses autores colaboraram para o entendimento da construção desse modelo de neocristandade e para a identificação de suas características na gestão de Dom Delfim e de suas ações, principalmente com a criação do jornal *O Leopoldinense*.

Serbin explica o surgimento da neocristandade ao tratar da romanização. Segundo ele, “a romanização é a causa do caráter histórico do Brasil como nação católica”.¹⁶ A romanização seria a geradora de uma ideologia de neocristandade, segundo a qual a Igreja iria construir uma sociedade moral, de acordo com os ensinamentos católicos. Sobre a neocristandade, Mainwaring destaca que através desse modelo “a Igreja revitalizou sua

¹⁴ MAINWARING, *A igreja católica e a política no Brasil (1916-1985)*...p.62-3. Mantida a grafia do documento original.

¹⁵ MAINWARING, *A igreja católica e a política no Brasil (1916-1985)*...p.43.

¹⁶ SERBIN, *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil*...p.82.

presença dentro da sociedade”¹⁷. Simões faz uma sucinta explicação dos objetivos desse modelo que seria a “busca pela afirmação do catolicismo perante seus concorrentes e opositores, o incentivo ao ensino confessional e a utilização da imprensa como veículo de propaganda”.¹⁸

Especificamente sobre o anticomunismo, a obra de Rodrigo Patto Sá Motta¹⁹ ajuda a compreender o temor que se instala entre a hierarquia católica quando é questionada sobre seus fundamentos básicos. E o jornal tem como principal foco atacar toda manifestação comunista, principalmente no período eleitoral, valendo-se, inclusive, da reprodução de charges veiculadas em outros jornais nacionais e estrangeiros.

O jornal *O Leopoldinense* circulou de 08 de dezembro de 1946 a 15 de setembro de 1960. Todos os exemplares, num total de 311, estão no arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. Tive acesso a todos eles, sendo que o do ano de 1948 está em péssimo estado de conservação, com algumas partes realmente destruídas.

Através de uma planilha levantei, ano a ano, número a número, as notícias e as chamadas relevantes que guardassem características da neocristandade. Dessa forma, consegui identificar no jornal as chamadas com essas características, observando em que contexto foram feitas. Em anos eleitorais, por exemplo, aumentava o número de chamadas aos “bons católicos”, que eram relacionados ao “bom eleitor”, ao mesmo tempo em que aumentava a campanha anticomunista.

Modelo da tabela utilizada:

Ano 1946/1947	
Data/Edição/Página	ASSUNTO
08/12/1946 – nº 01 p. 1	- Editorial – sobre o jornal - Eleitor – o seu título é a arma que peleará por um Brasil melhor. Procure o seu título no cartório eleitoral até o dia 09/01. Liga Eleitoral Católica.
p.2	- Ensino Religioso nas Escolas Municipais - Pelo mundo
p.3	- Pelos setores operários
p.4	-É dever do verdadeiro católico assinar O Leopoldinense (chamada)

¹⁷ MAINWARING, *A igreja católica e a política no Brasil (1916-1985)*... p.43.

¹⁸ SIMÕES, Daniel Soares. *Antiprottestantismo, neocristandade e paradigma tridentino na obra “O anjo das trevas” (1936)*. Disponível em: docplayer.com.br/18767331-Antiprottestantismo-neocristandade-e-paradigma-tridentino-na-obra-o-anjo-das-trevas-1936.html. Acesso em: 10 de junho 2018.

¹⁹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo: SP, 2000, p.38.

Meu trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, faço um panorama da Igreja Católica no Brasil, do período colonial ao da romanização com elementos da neocristandade. Nesse capítulo, mostro, principalmente, como a Igreja teve dificuldade de se expandir. No Brasil colonial, foi devido às amarras do padroado. Depois, na República, observa-se que, com a separação Estado/Igreja e com a modernização da sociedade, cresceu a inserção de novas denominações protestantes, além da disseminação do comunismo e da maçonaria. Nesse contexto, a Igreja Católica continua sua luta e consegue se firmar dentro do cenário brasileiro, com apoio do Estado. O objetivo neste capítulo é mostrar a reação/reorganização da Igreja Católica pós Proclamação da República.

No segundo capítulo, trato especificamente da Igreja Católica em Leopoldina, representada pela Diocese recém-criada. Relato como aconteceu a criação, os atores envolvidos na construção do novo templo, a influência de Dom Helvécio, arcebispo de Mariana e principal articulador para implantação da Diocese em Leopoldina. Traço um panorama da gestão de Dom Delfim, sempre focando e procurando manter a ligação de sua gestão com elementos da neocristandade. Além disso, procuro mostrar que, em consequência da criação da diocese, houve todo um aparelhamento para seu funcionamento, como a construção da cúria, de seminários, visando, principalmente, a formação de novos padres. Como explica Serbin: “os seminários funcionaram, antes de tudo, com vistas à reprodução social do clero. Eram cruciais para o desenvolvimento institucional. Refletindo o grande número de dioceses, a expansão da rede de seminários tornou a vocação sacerdotal acessível”²⁰. “Seminário significa sementeira”²¹ e, nesse sentido, o aumento do número de dioceses provocou igual aumento do número de seminários, que, em muitos casos, era a única possibilidade de estudos de jovens carentes, além de formar padres com uma base mais sólida e dentro do espírito de total obediência, sendo que “até o início da década de 1960 os seminaristas tinham de fazer um juramento antimodernista às vésperas da ordenação”²² Neste capítulo, o objetivo é mostrar que a criação da Diocese de Leopoldina aconteceu dentro da nova linha de restauração católica.

Por fim, no terceiro capítulo, pelo levantamento feito, cruzo as notícias do jornal com as características da neocristandade, mostrando como o jornal articulou essas notícias, em benefício da Igreja Católica. Faço também um cruzamento de dados, sobre resultados eleitorais, verificando se houve êxito as campanhas realizadas pela Liga Eleitoral Católica no

²⁰ SERBIN, *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil...*p.108-9.

²¹ SERBIN, *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil...*p.111

²² SERBIN, *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil...*p.117.

jornal e como os candidatos referendados por ela se saíram nas eleições. O objetivo deste capítulo é identificar no jornal *O Leopoldinense*, características do modelo de Igreja Católica da neocristandade.

Minha proposta tem como objetivo geral mostrar que o jornal *O Leopoldinense* serviu à Igreja Católica dentro de um modelo que visava combater tudo aquilo que julgava ser mal aos católicos, principalmente as ideias comunistas. O jornal buscava cercear, através de notícias e chamadas, o crescimento de denominações protestantes, do espiritismo e também da maçonaria. Ainda, o jornal visava catequizar, trazendo elementos da disciplina católica, como obediência aos princípios da hierarquia,

Pretendo destacar a existência desse jornal, fonte inédita de pesquisa e desconhecida de grande parte da população de Leopoldina e da historiografia, para que passe a servir de referência, principalmente àqueles que se dedicam ao estudo da Igreja e da Imprensa Católica.

Capítulo I - Os projetos da Igreja da neocrisandade e a Diocese de Leopoldina – MG

1.1 Aspectos históricos da Igreja Católica no Brasil

Antes de tratar desse modelo da Igreja Católica, faço um breve retorno às origens do Brasil, para encontrar também as origens do legado católico. Freyre comenta que, no período colonial (1500-1822), Portugal havia desenvolvido uma “solidariedade” junto à religião católica. E, a partir daí, conclui que:

essa solidariedade manteve-se entre nós esplendidamente através de toda a nossa formação colonial, reunindo-nos contra os calvinistas franceses, contra os reformados holandeses, contra os protestantes ingleses. Daí ser tão difícil, na verdade, separar o brasileiro do católico: o catolicismo foi realmente o cimento de nossa unidade.²³

O autor ainda explica que não importava aos nossos colonizadores a unidade ou pureza da raça. Para ser admitido como colono no Brasil, no século XVI, o estrangeiro teria que professar a religião cristã, isto é, ser cristão, o que em Portugal significava ser católico. Essa prática era atestada por um frade que ia a bordo de todo navio que chegasse às terras brasileiras, com a finalidade de confirmar esse dado. As outras questões não importavam: segundo Freyre:

o que barrava então o imigrante era a heterodoxia; a mancha de herege na alma e não a mongólica no corpo. Do que se fazia questão era da saúde religiosa: a sífilis, a boubá²⁴, a bexiga, a lepra entraram livremente trazidas por europeus e negros de várias procedências.²⁵

Esse quadro que se desenha no período colonial mostra o enraizamento do catolicismo no Brasil, herdado dos colonizadores portugueses, como mostra Mary Del Priore ao dizer que “o Brasil nasceu à sombra da cruz”²⁶. A religião, neste caso, a católica, funcionaria como uma identificação e ponto de ligação entre as pessoas, nas novas terras.

²³ FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. 51ª imp. São Paulo: Global, 2006, p.91-2.

²⁴ A boubá geralmente afeta crianças em regiões tropicais da África, Ásia e América Latina. É transmitida pelo contato direto com a pele da pessoa infectada. Lesão na pele chamada de “boubá mãe”. É semelhante a um nódulo ou verruga, de crosta amarelada e que aumenta de tamanho. A lesão adquire a forma semelhante a de uma framboesa e esse é o primeiro sinal da boubá. Como não há tratamento, as lesões começam a se espalhar. A boubá pode eventualmente causar desfiguração e incapacidade. Consulta em: https://www.gstatic.com/healthricherkp/pdf/yaws_pt_BR.pdf (acessado em 10 de abril de 2018)

²⁵ FREYRE, *Casa grande e senzala*... p. 91.

²⁶ DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato. *Uma breve história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2010. cap. 3, p. 28

Azzi²⁷ também faz relato do trecho de um documento de Dom João III enviado ao primeiro governador geral, Tomé de Sousa, em 17 de dezembro de 1548: “a principal causa que me moveu a mandar às ditas terras do Brasil, foi para que a gente delas se convertesse à nossa santa fé católica (...)”.

O desenvolvimento da religião católica no início da história do Brasil se deu por meio do padroado, regime pelo qual “o papa concedera à coroa portuguesa o controle sobre os assuntos espirituais como recompensa pelo êxito na expulsão dos mouros e pela conversão de novas áreas do mundo”²⁸. Pelo padroado, o rei de Portugal, e não o papa, fazia a administração eclesiástica na nova colônia, como recolhimento de dízimo, escolha de bispos, criação de dioceses. Ao papa cabia apenas “confirmar as decisões régias em matéria de religião”.²⁹ Isso impediu que o catolicismo se desenvolvesse plenamente, pois interferia nas relações da colônia com a Santa Sé. Azzi³⁰ conta que o primeiro bispado, o da Bahia, foi criado em 1551 e, por mais de cem anos, foi o único. D. João III escreveu ao Papa Júlio III, em 31 de julho de 1550, sobre a intenção de criar um bispado no Brasil, com sede na cidade de Salvador. Assim, a bula de criação teve a data de 25 de fevereiro de 1551, isto é, em menos de um ano, após o pedido do rei, o papa criou a primeira diocese do Brasil. E, segundo Azzi, a bula apresenta D. João III como delegado da Santa Sé. “ “Delegado da Santa Sé”, “Grão-Mestre e Administrador da Ordem de Cristo no espiritual e no temporal”, eis a figura do rei, o verdadeiro chefe da Igreja no Brasil.”³¹

Para Azzi “o padroado é a origem fundamental do chamado regalismo, ou seja, a intromissão do poder civil nos negócios eclesiásticos”³². Em relação ao padroado, Serbin complementa esse entendimento dizendo que “as relações entre Igreja e Estado codificaram-se no padroado. Este fez da evangelização um assunto oficial do Estado e, portanto, uma forma de dominação que muitas vezes atropelava os ideais cristãos”³³. E ainda afirma: “a administração eclesiástica tornou-se parte da burocracia régia, o que deu aos governantes portugueses capacidade para refrear o crescimento da Igreja no Brasil. Em seus primórdios, o Brasil teve apenas uma diocese, a da Bahia”.³⁴

²⁷ AZZI, Riolando. *A instituição eclesiástica durante a primeira época colonial*. In: HOORNAERT, Eduardo. História geral da igreja na América Latina. Petrópolis: Editora Vozes, 1977, p. 165.

²⁸ SERBIN, Kenneth P. *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 48.

²⁹ AZZI, Riolando. *Elementos para a história do catolicismo popular*. Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis: Vozes, v.36, n. 141, p. 97. Março, 1976

³⁰ AZZI, *A instituição eclesiástica durante a primeira época colonial...* p. 173.

³¹ AZZI, *A instituição eclesiástica durante a primeira época colonial...* p. 167.

³² AZZI, *A instituição eclesiástica durante a primeira época colonial...* p. 164.

³³ SERBIN, *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil...* p. 48.

³⁴ SERBIN, *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil...* p. 48.

Somente a partir de 1676 é que se dá a criação de mais três dioceses: Pernambuco (1676), Rio de Janeiro (1676) e Maranhão (1677). Já no século XVIII se estabeleceram as últimas três dioceses do período colonial: Pará (1719), Mariana (1745) e São Paulo (1745). Até a Independência do Brasil, havia somente essas 7 dioceses e mais nenhuma outra foi criada.

O sistema colonial, segundo Hoornaert³⁵, e reforçando a afirmação de Serbin, não tinha interesse “pastoral”, por isso houve pouca criação régia de paróquias. O motivo era financeiro, pois o governo não queria gastar com o pagamento regular de cômruas³⁶ destas paróquias. Assim, os bispos passaram a criar paróquias independentes da instalação régia, portanto, independente do padroado. Essas paróquias se sustentavam, com dificuldades, através das “conhecenças”. Segundo Raimundo Trindade “conhecença é um dízimo pessoal, ou diminuta contribuição pecuniária que os fiéis que cumpriam os preceitos da confissão anual e da comunhão pascal por esta ocasião tributavam aos curas de almas”³⁷. Hoornaert³⁸ também descreve outras ofertas como o “pé-de-altar, que eram ofertas voluntárias e pessoais que os fiéis tributavam por ocasião dos sacramentos administrados”. Ele resume dessa forma as contribuições recebidas: o “baixo clero” vivia de “conhecenças” e “pés-de-altar”, e o “alto clero vivia das cômruas régias através do padroado”³⁹. Segundo ele:

esta questão das conhecenças revela com clareza a ruptura que existia no Brasil antigo entre um clero privilegiado, que vivia do padroado, era ilustrado (na medida em que a universidade de Coimbra conseguia “ilustrar”!), vivia nas cidades litorâneas, e, do outro lado, um clero interiorano, pobre, que vivia das conhecenças e “pés-de-altar”, isto é, das desobrigas e da sacramentalização, unido ao povo do interior.⁴⁰

O clero, no período colonial, dependia financeiramente, para seu sustento, ou do padroado, pelo pagamento da “cômrua”, feito pelo governo imperial ou dos senhores locais pelo pagamento da “conhecença” feito pelos donos de escravos e pelos que possuíam

³⁵ HOORNAERT, Eduardo. *A Cristandade durante a Primeira Época Colonial*. In: HOORNAERT, Eduardo et al. *História da igreja no Brasil: Primeira Época*. Petrópolis: Vozes, 1977, p.284

³⁶ O pagamento dos provimentos eclesiásticos era prioritário na distribuição dos dízimos, mas, mesmo assim, deixava bastante a desejar. Em primeiro lugar, esses porque não faziam jus ao próprio nome. O termo “cômrua” é originalmente um adjetivo. Os rendimentos eclesiásticos deviam ser estimados de modo a permitir a cômrua, isto é, a adequada sustentação do beneficiado. Com o tempo, porém, passou a designar o próprio rendimento. Sobre proventos do clero no sistema colonial cf. LIMA, Lana Lage da Gama. *O padroado e a sustentação do clero no Brasil colonial*. In: *sÆculum – Revista de História* [30] João Pessoa, jan./jun. 2014, p.47-62.

³⁷ TRINDADE, Raimundo. *Arquidiocese de Mariana*. São Paulo: 1928-1929, vol II. Apud HOORNAERT, Eduardo et al. *História da Igreja no Brasil: Primeira Época*. Petrópolis: Ed.Vozes, 1977, p.284.

³⁸ HOORNAERT, *A Cristandade durante a Primeira Época Colonial*... p. 284.

³⁹ HOORNAERT, *A Cristandade durante a Primeira Época Colonial*... p. 284..

⁴⁰ HOORNAERT, *A Cristandade durante a Primeira Época Colonial*... p. 284.

dinheiro. No período colonial há o predomínio do catolicismo tradicional, com as Irmandades e Ordens Terceiras, procissões, romarias, promessas e ex-votos.

O padroado limitava os poderes da Igreja no período colonial, delegando ao rei de Portugal, como grão-mestre da ordem de Cristo, zelar pelo bem das colônias portuguesas. Para melhor administrá-las, o governo português instituiu a Mesa de Consciência e Ordens e o Conselho Ultramarino⁴¹. A Mesa foi instituída em 1532 e extinta em 1828 e o Conselho foi criado em 14 de julho de 1642 e extinto em 30 de agosto de 1833; recriado em 23 de setembro de 1851 e extinto em 23 de setembro de 1868.

Tanto Serbin⁴² quanto Hauck⁴³ afirmam que os representantes do clero brasileiro, por conta ainda do padroado, eram funcionários, empregados da burocracia, exercendo muito pouco a função de pastores e buscando sempre alcançar algum benefício financeiro pelos serviços prestados, como ministrar sacramentos, sepultamentos.

O Concílio de Trento (1545-63) iria determinar a ordenação como um sacramento e instituiu os seminários episcopais para a educação de padres diocesanos. Até então, a formação de novos padres ficava a cargo dos jesuítas que escolhiam candidatos ao sacerdócio e os educavam em colégios privados da ordem. Em 1739, Dom Frei Antônio de Guadalupe criou o primeiro seminário do Brasil: o Seminário São José⁴⁴, construído na base do Morro do Castelo, atualmente demolido.

Serbin⁴⁵ destaca como pontos positivos do Concílio de Trento⁴⁶: redefinição da ordenação como um sacramento e criação dos seminários episcopais para educar os padres diocesanos, visto que os padres que vinham da Europa recebiam pouca formação religiosa e nenhum ensino espiritual. Depois de Trento, continua o autor a ponderar, cada diocese deveria ter seu próprio seminário, de preferência, próximo à catedral, para que fosse melhor supervisionado. “Trento não foi só uma reação a Lutero; foi também parte de uma Reforma dual, protestante e católica, destinada a tirar o povo e seus líderes religiosos da ignorância teológica”⁴⁷.

⁴¹ A Mesa funcionava como uma espécie de departamento religioso do Estado, ou em outros termos, como uma espécie de ministério do culto. Constava de um tribunal composto de um presidente, cinco deputados, que seriam teólogos e juristas, um escrivão da câmara e, para cada uma das três ordens militares, três escrivães da Câmara. O Conselho Ultramarino era encarregado dos pareceres sobre questões coloniais. Cf. AZZI, Riolando. *A Instituição Eclesiástica durante a Primeira Época Colonial*. In HOORNAERT, Eduardo et al. *História da igreja no Brasil: primeira época*. Petrópolis: Vozes, 1977, p.164.

⁴² SERBIN, *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil...* p. 65.

⁴³ HAUCK, *A Igreja na Emancipação (1808 - 1840)...* p. 17.

⁴⁴ Para saber mais sobre o seminário, acessar a página: seminariosaojose.org.br.

⁴⁵ SERBIN, *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil...* p. 48-9

⁴⁶ Sobre o Concílio de Trento, Cf.: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf5/texto3.pdf>. Acesso em: abril 2019

⁴⁷ SERBIN, *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil...* p. 81

No período imperial (1822 – 1889), o autor comenta que há um confronto entre os dois tipos de catolicismo: o tradicional e o renovado. As irmandades se opõem à afirmação do catolicismo renovado, sustentado pelos bispos reformadores.

Hauck ainda afirma que “faltava à Igreja do Brasil um centro de unidade, alguém que personalizasse a sua consciência, que se sentisse autorizado a falar em nome dela ou alguém que fosse a voz profética a denunciar erros e apontar caminhos novos”⁴⁸.

No período imperial surgiu a figura do representante do papa, o Núncio Apostólico. Hauck diz que “mais do que pastor, sentia-se o núncio representante de uma instituição, a cúria romana, e embaixador de uma organização política, os estados pontifícios”⁴⁹. Segundo o autor, os núncios tinham “repugnância por tudo o que se referia ao país, e consideravam sua missão como enorme sacrifício de que eles esperavam ficar livres o mais depressa possível”⁵⁰. A falta de um clero preparado facilitou a prática de um catolicismo popular, tendo como ponto alto as festas das irmandades.

Azzi mostra que desde o início do período imperial havia começado um movimento que buscava a reforma católica no Brasil, com destaque para o arcebispo da Bahia, D. Romualdo Antônio de Seixas; o bispo de Mariana, D. Viçoso; o bispo de São Paulo, D. Joaquim de Melo e o bispo do Pará, D. Macedo Costa. Esse movimento, segundo ele, se manifestou em toda a época imperial. Para Azzi:

a mentalidade que domina a reforma é a necessidade de criar no Brasil uma nova Igreja de caráter apostólico-romano, e sob inspiração tridentina, em substituição à Igreja luso-brasileira do período colonial e imperial, dominada pelo Padroado.⁵¹

Basille⁵² afirma que, em suas últimas décadas, o Estado Imperial teve sucessivos embates com segmentos que seriam sua base de sustentação: parte do clero (Questão Religiosa), parte da oficialidade do Exército (Questão Militar), parte dos grandes proprietários rurais (com as leis abolicionistas), parte da elite política (com problemas de centralização e do sistema representativo), culminando assim com a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889.

⁴⁸ HAUCK, *A Igreja na Emancipação (1808 - 1840)*... p. 16

⁴⁹ HAUCK, *A Igreja na Emancipação (1808 - 1840)*...p. 14. Para entender a origem e queda dos Estados Pontifícios Cf. CARLETTI, Anna. *Ascensão e queda dos estados pontifícios*. Disponível em: www.ufrgs.br/nerint/folder/artigos/artigo1082.pdf . Acesso em: 15 de agosto 2017.

⁵⁰ HAUCK, *A Igreja na Emancipação (1808 - 1840)*... p. 15.

⁵¹ AZZI, *Elementos para a história do catolicismo popular*... p. 119.

⁵² BASILE, Marcello Otávio N. de C. O império Brasileiro: panorama político. In: LINHARES, Maria Yedda (org). *História geral do Brasil*. 9. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990, p. 294.

O autor ainda apresenta um panorama resumido da situação e dos conflitos no período imperial que resultaram na implantação da República.

Conflitos do Estado com o clero, com os militares, com os proprietários rurais no interior da elite política, assim como as críticas à centralização e ao sistema representativo, sempre existiram ao longo do Império. (...) o ideal republicano deixava de ser uma aspiração difusa dentro de certas situações limites e passava a ser incorporado a um movimento político mais substantivo, que crescia na mesma medida em que diminuía o prestígio da Monarquia. A República, todavia, foi fruto muito mais da insatisfação gerada pela incapacidade do estado Imperial de articular as velhas e novas demandas – de sua crise de legitimidade – do que da crença geral e efetiva nas vantagens do regime republicano⁵³.

Em termos eclesiásticos, a proclamação da República (15/11/1889) marcou a extinção do padroado pelo decreto 119-A de 07 de janeiro de 1890: “Prohíbe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em materia religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providencias”⁵⁴.

No período republicano há o predomínio do catolicismo renovado. Esse movimento de renovação do catolicismo, em que a Igreja procura exercer seu papel espiritual, com aproximação da Cúria Romana, foi denominado romanização. Serbin mostra as consequências da romanização no Brasil.

A romanização familiarizou o brasileiro médio com os ensinamentos tridentinos básicos e com os rituais prescritos para o nascimento, o casamento, a procriação e a morte. Levou à construção de muitas igrejas e santuários que ainda hoje são locais de culto no Brasil. Juntamente com a primeira evangelização da era colonial, a romanização é a causa do caráter histórico do Brasil como nação católica.⁵⁵

Azzi⁵⁶ considera que a proclamação da República (1889) e o decreto de separação entre Igreja e Estado (1890) constituem um marco na vida religiosa brasileira, considerando ainda o período de 1889 a 1939 como a fase de consolidação da Reforma Católica.

Micelli⁵⁷ faz uma análise do ponto de vista político-organizacional dessa separação, dizendo que a partir dela, várias atividades eclesiásticas que até então vinham sendo

⁵³ BASILE, *O império Brasileiro: panorama político: panorama político...* p. 294.

⁵⁴ Cf. texto completo em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm. Acesso em 12 de julho de 2017. Obs.: Mantida a grafia original do documento.

⁵⁵ SERBIN, *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil...* p. 82

⁵⁶ AZZI, *Elementos para a história do catolicismo popular...* p. 121

⁵⁷ MICELLI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1988, p. 19.

desempenhadas pelo imperador, passaram a ser regidas pela hierarquia eclesiástica, por exemplo, a criação de novas dioceses e paróquias, distribuição do clero, etc.

Assim, com mais autonomia, a Igreja Católica logo tratou de sua expansão, que pode ser evidenciada pelo aumento do número de dioceses criadas neste período. Azzi⁵⁸ explica que Dom Macedo Costa, então bispo do Pará, no final de 1889, estava no Rio de Janeiro para tratamento de saúde e, com a proclamação da República, sua permanência na capital, como líder da Igreja, era fundamental. Segundo Azzi, desde o primeiro momento, depois de proclamada a República, os novos governantes trataram da separação entre Igreja e Estado, sendo o primeiro projeto apresentado pelo então ministro da agricultura, Dr. Demétrio Ribeiro, que sofreu impugnações dos demais membros do ministério. Dessa forma, coube a Rui Barbosa, ministro da Fazenda, fazer um novo documento. Dom Macedo manteve entendimentos pessoais com Rui Barbosa, facilitando as relações entre a Igreja e o novo Estado Republicano. Rui Barbosa estudou no Colégio Bahiano, de D. Antônio de Macedo, mas com a diferença de ideias que mais tarde tiveram, ficaram afastados. O reencontro no Rio de Janeiro se deu no Hotel de Santa Teresa.

Azzi relata esse encontro:

No dia imediato, encontraram-se no hotel de Santa Teresa o grande bispo e o grande estadista. Nesse encontro, foi D. Macedo Costa informado da resolução do Governo de separar a Igreja do Estado, e o ministro do governo provisório submeteu à sua apreciação o projeto que redigira. Neste dia reataram os dois grandes bahianos as relações de amizade, tornando-se o bispo do Pará um assíduo frequentador da residência da família Rui Barbosa. Novos encontros realizaram-se depois, buscando estudar o plano do governo para a solução dos problemas que interessavam à Igreja.⁵⁹

Observa-se que havia uma busca de diálogo entre os líderes das instituições. A partir desse encontro, D. Macedo dedica-se à escrita da Pastoral Coletiva do Episcopado sobre a República. Mesmo tendo alguns bispos monarquistas, o documento teve a adesão e assinatura de todo o episcopado brasileiro. Azzi relata que houve demora na publicação da carta pastoral e a imprensa da época não poupou nos comentários. Ele cita o caso de *O Correio Paulistano* que estranhava a mudez dos sinos das catedrais, diante dos atos da República que se instalava. Como ele constata, D. Macedo não se calou, frente a esses comentários:

⁵⁸ AZZI, Riolando. Presença da Igreja na sociedade brasileira e formação das dioceses no período republicano. In: SOUZA, Rogério Luiz de e OTTO, Clarícia (Orgs). *Faces do catolicismo*. Florianópolis: Insular, 2008, p. 30.

⁵⁹ AZZI Riolando. *D. Antônio de Macedo Costa e a posição da Igreja no Brasil diante do advento da república em 1889*, p. 48. Disponível em: periodicos.faje.edu.br/index.php/Sintese/article/download/2500/2711. Mantida a grafia original do artigo.

Em vista disso, D. Macedo escreveu uma carta à direção do jornal em que pedia a retificação do tópico referente à atitude muda do episcopado no novo regime, nos seguintes termos: “Diz o primoroso escritor que os sinos das catedrais, que no tempo do padroeiro tocavam alarme ao mínimo assalto dado aos direitos da Igreja, agora permanecem mudos, depois de decretada a separação da Igreja e do Estado. Não é exato. Os sinos das catedrais não farão ouvir por certo, repiques levianos nem dobres fúnebres, mas chamada amorosa e urgente dos fiéis para a paz, para a concórdia, para a prática da religião e o respeito da lei; isso farão eles breve ecoar e bem alto; e esses ecos hão de repercutir sonoros até as últimas quebradas das montanhas da nascente república”.⁶⁰

Foi publicada, então, a Pastoral Coletiva de 19 de março de 1890, redigida totalmente por D. Macedo Costa, que entre vários pontos, mostrava a indignação da Igreja e seu temor em perder espaço para outras crenças. Eis um dos trechos do referido documento:

(...)Assim, não há de andar mais a Igreja conjunta com o Estado. Um e outro poder exercerão ação separada e isolada, sem sequer se conhecerem mutuamente. Nada mais de união entre eles. Separação, separação! eis o que se proclama voz em grito, como uma das grandes conquistas intelectuais da época! O mundo social nada tem que ver com a religião. Tal é a fórmula teórica que se pretende hoje em dia reduzir à prática, e com o que se dá como resolvido o momentoso problema das relações entre a Igreja e o Estado. Esta doutrina não a podemos os católicos admitir, porque está condenada pela Santa Sé Apostólica na 55^a. proposição do Syllabus ou rol de erros contemporâneos, que acompanha a memorável Encíclica *Quanta Cura*, dirigida por Pio IX, de gloriosa memória, a todo o orbe católico⁶¹

A carta demonstra a vontade da Igreja em cooperar com o Estado, mantendo cada instituição sua autonomia, mas visando o bem do cidadão.

(...) Assim, pois, se a Igreja se mostra extremamente zelosa de sua independência nas coisas espirituais, nela encontra também o Estado o mais externo propugnador de sua autonomia e de seus direitos nas coisas temporais. Mas independência não quer dizer separação. É mister que esta verdade fique bem compreendida. A sociedade religiosa e a sociedade civil, por serem perfeitamente independentes e distintas entre si, tem entretanto um ponto de contato; é a identidade dos súditos que elas devem encaminhar para o fim próprio de cada uma. De onde se segue que estas duas sociedades não são, não devem ser antagônicas. Os cidadãos que constituem a sociedade civil são, com efeito, identicamente os mesmos fiéis que fazem parte da sociedade religiosa, por outra, os membros do Estado são ao mesmo tempo

⁶⁰ AZZI, D. Antônio de Macedo Costa e a posição da Igreja no Brasil diante do advento da República em 1889... p. 49.

⁶¹ Disponível em <http://permanencia.org.br/drupal/node/1327> . Acesso em 18/07/2017.

os membros da Igreja. (...)Cidadãos devem obediência às leis do Estado; fiéis devem obediência às leis da Igreja.⁶²

Ao mesmo tempo a carta pastoral mostrava e justificava que somente na Igreja Católica se encontrava a raiz do verdadeiro cristianismo.

Onde está, em suma, a Igreja fundada sobre S. Pedro, na qual a autoridade deste Vigário de Cristo, sempre viva e permanente nos seus sucessores, seja universalmente acatada, venerada, obedecida? Será o cisma moscovita, curvo, trêmulo ao menor aceno do czar seu chefe? Será o cisma grego, agachado aos pés do sultão de Constantinopla, a receber dele a investidura das fundações sagradas? Será o protestantismo, congénie de seitas divergentes, desapegadas, há trezentos anos apenas, do tronco católico, e desapegando-se sucessivamente uma das outras, todas locais, todas efêmeras, igreja de Lutero, igreja de Calvino, igreja de Wesley e de tantos outros; mas não a *Igreja*? Não, dignos cooperadores e filhos muito amados, os lineamentos da instituição evangélica, evidentemente, só os vemos na grande instituição da Igreja Católica.⁶³

Esta carta foi o primeiro documento coletivo do episcopado brasileiro que trazia alguns questionamentos sobre a separação Estado/Igreja, o que seria a liberdade de cultos e como agir diante desse novo quadro, já que a separação era irreversível.

Após a publicação, D. Macedo começou a organizar uma reunião do episcopado visando o próximo Concílio Nacional. Antes que a reunião ocorresse, no dia 9 de junho de 1890, o papa Leão XIII enviou um breve⁶⁴ em que aprovava a ideia do concílio e também informava sobre a transferência de Dom Macedo para a Sede Metropolitana da Bahia. A reunião do episcopado aconteceu em São Paulo, no dia 16 de julho e foi presidida por D. Macedo Costa, agora como arcebispo da Bahia. No dia 2 de agosto ele enviou a todos os bispos um documento: “Alguns pontos de Reforma na Igreja do Brasil”⁶⁵ assinado por ele e que deveria servir de base para o concílio de 1891.

⁶² Disponível em <http://permanencia.org.br/drupal/node/1327> . Acesso em: 18 jul. 2017. Mantida a grafia do documento original.

⁶³ Disponível em <http://permanencia.org.br/drupal/node/1327> . Acesso em 18 jul. 2017. Mantida a grafia do documento original.

⁶⁴ Escrito pontifício de caráter privado, sobre matérias menos importantes do que as de uma bula. Disponível em: www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/breve. Acesso em 10 abr. 2018.

⁶⁵ Este documento, segundo Marcelo Barzola Trabaj, foi “redigido em 1890, com cerca de 20 páginas, dividido em 9 capítulos e apresentados ao conjunto do episcopado brasileiro. O projeto é uma espécie de sistematização dogmática, mais vertical (romana) do que horizontal (massa popular brasileira) com a finalidade de centralizar e atrair as grandes massas para uma religiosidade à romana. (...) Esse conjunto de medidas foram observadas nos anos seguintes e serviu de programa para as reformas da igreja na virada do século”. Um dos pontos levantados no documento é o aumento no número de dioceses de acordo com a dimensão do país. TRABAJ, Marcelo Barzola. *A romanização da igreja católica no Brasil*. In: Anais do IV Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil. UNICAMP, São Paulo, dezembro de 1997. Disponível

Nesse documento, entre outros pontos, o arcebispo justificou a criação de novas dioceses:

O aumento de dioceses em proporção com a vastidão do país, número de população e distância dos centros, foi sempre um desejo muitas vezes manifestado ao governo, de quem dependia a respectiva dotação. Livre agora a Santa Sé de erigir novas dioceses, sem ingerência alguma da parte do estado, acha só estorvo na falta de uma dotação conveniente para que as novas sés possam ser instituídas sobre as bases do Concílio Tridentino. Nestas conferências devemos os bispos discutir este ponto tão importante para a prosperidade da religião na nossa pátria, e indicar as novas dioceses a criar-se, a circunscrição delas, as cidades, residências dos novos bispos, e ao mesmo tempo como prover-se dos meios de subsistência dos mesmos, do cabido, do seminário, etc.⁶⁶

Dom Antônio Macedo Costa viajou a Roma para, entre outros objetivos, ampliar a hierarquia eclesiástica. Segundo Serpa⁶⁷, o Papa Leão XIII aceitou o pedido e pela bula *Ad Universal Orbis Ecclesias* de 27 de abril de 1892, dividiu o território brasileiro em duas províncias eclesiásticas: uma do Norte, com sede na Bahia e outra do Sul, com sede no Rio de Janeiro. Além disso, criou também as dioceses de Curitiba, Amazonas, Paraíba e Niterói. O Concílio Brasileiro, marcado para 1891, não se realizou, mas o Papa Leão XIII convocou arcebispos e bispos da América Latina para um Concílio Plenário, em Roma. Serpa observa que:

As decisões do Concílio Plenário Latino-Americano colocaram todos os países sob a égide de uma única legislação. Os decretos buscaram a afirmação da autoridade da Igreja como instituição fortemente hierarquizada. Submeteram ao seu controle todas as variações de manifestações religiosas que, consideradas como ignorância religiosa do povo, deveriam ser abolidas ou reelaboradas. As decisões atingiram fortemente as Irmandades, Confrarias e Ordens Terceiras que, por decisão do Concílio, deveriam ter seus estatutos reformulados, passando para o controle do governo diocesano. Seus bens seriam incorporados ao patrimônio da Igreja. Enfim, o Concílio Plenário Latino-Americano de 1898, levou a Igreja a empreender uma forte clericalização de suas estruturas, a rejeitar o passado e a tradição cultural latino-americana, propugnando por uma postura europeizante da sociedade em toda a extensão⁶⁸.

em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario4/trabalhos/trab051.rtf. Acesso em: out. 2019.

⁶⁶ AZZI, *Presença da Igreja na sociedade brasileira e formação das dioceses no período republicano...* p. 30.

⁶⁷ SERPA, Élio Cantalício. Igreja e poder na Primeira República. In: SOUZA, Rogério Luiz; OTTO, Clárcia (Orgs). *Faces do catolicismo*. Florianópolis: Insular, 2008, p. 86-7.

⁶⁸ SERPA, *Igreja e Poder na Primeira República...* p. 87.

Os decretos deste Concílio logo foram colocados em prática nas dioceses brasileiras. Serpa⁶⁹ ainda observa que um dos pontos críticos da Igreja Católica no Brasil era o escasso número de dioceses e seminários. Até 1889 havia nove dioceses, duas prelazias e uma arquidiocese, nove seminários maiores e onze menores. Na República, o Papa Leão XIII investiu na expansão das dioceses, como foi visto, as quais vão crescendo no país. Em 1900, havia dezessete dioceses; em 1910, trinta; em 1920, cinquenta e oito dioceses. Em 1927, havia quinze seminários maiores (para cursos de filosofia e teologia) e cerca de trinta menores (para os cursos de humanidades). Os padres seriam fundamentais para essa nova “sensibilidade religiosa”⁷⁰, agora não seriam mais funcionários do estado e deveriam ser exemplos e fiéis à autoridade episcopal. Isso só seria possível com uma sólida formação nos seminários e requeria investimentos por parte da Igreja Católica.

Não foi fácil para a Igreja manter toda uma estrutura que até então era patrocinada e amparada pelo Império. “Caiu a monarquia, mas a Igreja persistia em anunciar sua perenidade no século”⁷¹. Além disso, como relata Neves:

As iniciativas da igreja tinham por preceito legitimar suas propriedades sem permitir novos confiscos a obstar a reprodução material mais elementar da instituição, sob pena da ameaça de fragilizar o clero ainda mais pelo acossamento das mensagens liberais e maçônicas, e em menor escala das correntes protestantes lançadas todas ao mesmo plano por tornar o estado laico.⁷²

Tanto Serbin como Serpa descrevem as exigências para ser padre, do qual era esperada uma vida recatada e com fidelidade à autoridade episcopal. Os casos de desobediência eram punidos de maneira exemplar. Para suprir a carência de padres, houve uma “europeização do clero”⁷³. O episcopado brasileiro aceitou a entrada de ordens e congregações religiosas estrangeiras e de padres ligados a congregações tradicionais, com formação compatível com os interesses da Igreja romanizada, como os das ordens dos jesuítas, lazaristas e capuchinhos. Os bispos, seguindo as orientações de Roma, vão adotar medidas como: “publicação de cartas pastorais, visitas pastorais, realização de sínodos, retiros anuais para o clero, viagens periódicas a Roma e introdução de novos padrões litúrgicos”⁷⁴. As atribuições dos bispos passam a ser:

⁶⁹ SERPA, *Igreja e Poder na Primeira República...* p. 88.

⁷⁰ SERPA, *Igreja e Poder na Primeira República...* p.89.

⁷¹ NEVES, Fernando Arthur de Freitas. Sem padroado e sem primaz, a igreja no Brasil no início da República. *Revista Estudos Amazônicos*, v. 4, n. 2, 2009, p.55.

⁷² NEVES, *Sem padroado e sem primaz, a igreja no Brasil no início da República...* p. 55.

⁷³ SERBIN, *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil...* p. 95

⁷⁴ SERPA, *Igreja e Poder na Primeira República...* 90.

gestão e orientação disciplinar e curricular dos seminários e casas de formação, definição das atribuições e carreiras dos padres seculares, surgimento de novas paróquias e outras circunscrições eclesiais, indicação de novos membros do episcopado, criação de escolas e de colégios diocesanos, de obras pias e assistenciais, controle e administração de obras de santuários e lugares considerados santos e criação de novas dioceses. Pode-se perceber, ainda, a existência de uma plataforma comum ao episcopado brasileiro: na sua maioria, constatava-se a preocupação com a edificação de palácios episcopais, criação de seminários diocesanos, construção ou reformas de catedrais, igrejas, criação de estabelecimentos de ensino, jornais e uma política ostensiva de resgate e aumento de patrimônio da Igreja.⁷⁵

Sem muitos recursos financeiros, as primeiras dioceses passaram por dificuldades para se sustentar, fazendo com que os bispos, ordens e congregações religiosas se aproximassem “das elites dirigentes locais como forma de reunir condições para melhor expandir o processo de reorganização institucional. Esperavam, então, das elites dirigentes locais, dinheiro ou outros benefícios que viessem contribuir para o aumento de patrimônio (...)”⁷⁶

1.2 A neocristandade – um modelo para a Igreja Católica no Brasil

Beozzo argumenta que “a estratégia principal da Igreja na época republicana não visa diretamente ao povo e sim às elites”.⁷⁷ Para o autor, a separação do Estado, afetava o aparelho eclesial, mas em nada mudava no funcionamento do aparelho religioso, isto é, na religião vivida pelo povo. As práticas religiosas continuavam. Quando o padre passava, batizavam-se os filhos, casavam os que tivessem que se casar. O registro civil no interior do país e na zona rural não se mostrava importante, nem necessário, principalmente pela dificuldade de fazê-lo. Bastava a certidão da Igreja.

Outro ponto de disputa entre Igreja e Estado seria a questão escolar que, segundo Beozzo⁷⁸ também não atingiria a população pobre não inserida nesse processo. As escolas eram construídas e pensadas para a elite, para os filhos das classes médias.

Este autor afirma que, somente na década de 1920, é que essas questões, até então levantadas pelo aparelho eclesial da Igreja, vão começar a incomodar o povo, através de intelectuais católicos que “fazem suas as causas da Igreja hierárquica”.⁷⁹

⁷⁵ SERPA, *Igreja e Poder na Primeira República...* 90.

⁷⁶ SERPA, *Igreja e poder na Primeira República...* 93.

⁷⁷ BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização*. In: FAUSTO, Boris (Dir). *O Brasil Republicano: economia e cultura (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p.280.

⁷⁸ BEOZZO, *A igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização...* p.281.

⁷⁹ BEOZZO, *A igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização...* p.281.

Azzi faz menção à Restauração Católica, sobre esse período da década de 1920, tendo como marco dessa etapa da Igreja Católica no Brasil a transferência de Dom Leme da sede episcopal de Olinda para o Rio de Janeiro, em 15 de março de 1921, vindo a ser arcebispo coadjutor do cardeal Arcoverde. Segundo o autor, a Restauração Católica não significava uma ruptura com o pensamento dos bispos reformadores na época imperial, mas uma evolução. As três ideias fundamentais foram mantidas e novas características incorporadas:

Necessidade de maior formação do clero e instrução religiosa do povo; atitude apologética com relação à maçonaria, o protestantismo e o espiritismo; mentalidade conservadora no que diz respeito aos problemas políticos e sociais. Existem, todavia, dois novos aspectos que servem para caracterizar a Restauração Católica. Em primeiro lugar, consciência da necessidade de uma maior presença efetiva no âmbito da sociedade brasileira. Em segundo lugar, e como consequência do aspecto anterior, o empenho por uma maior aproximação e colaboração entre Igreja e Estado.⁸⁰

Foi neste contexto de busca de afirmação em um novo cenário político e social, que a Igreja Católica no Brasil, apoiada por Roma, procurou um modelo que viria a se chamar Neocristandade.

“De um modo geral, entre 1890 e 1916, a Igreja se preocupou sobretudo com a consolidação de reformas internas, mas alguns líderes começaram a promover uma presença mais marcante na sociedade, antecipando o modelo de neocristandade”.⁸¹ Azzi também corrobora esse pensamento quando afirma que o maior esforço é direcionado à família e à escola. Na família, procuram manter a indissolubilidade do matrimônio e o seu caráter religioso. E, quanto à escola, a Igreja Católica reivindica os direitos de ensino da religião católica e mais verbas para o ensino particular ministrado nos colégios católicos.⁸²

Os religiosos salesianos se destacaram como os que tiveram maior abertura nas relações com o estado e maior participação na vida social, com a criação de colégios e obras sociais. Vários membros da Congregação de Dom Bosco foram elevados ao episcopado, entre eles Dom Helvécio Gomes de Oliveira, que viria a ser, em 1922, arcebispo de Mariana.

Mainwaring⁸³ data o surgimento desse modelo de neocristandade, em 1916, florescendo depois da década de 1920, mas o apogeu, segundo ele, se deu de 1930 a 1945, quando Getúlio Vargas era presidente do Brasil. O modelo manteve-se até meados da década

⁸⁰ AZZI, Riolando. *Sob o báculo episcopal: a igreja católica em Juiz de Fora 1850-1950*. Juiz de Fora: Centro da Memória da Igreja de Juiz de Fora, 2000, p. 190-1.

⁸¹ MAINWARING, Scott. *A igreja católica e a política no Brasil (1916-1985)*. Trad. Heloísa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 2004, p.42.

⁸² AZZI, *Sob o báculo episcopal. A Igreja Católica em Juiz de Fora 1850-1950...* p.191.

⁸³ MAINWARING, *A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)...* p. 42-3.

de 1955, quando o modelo de igreja reformista, que acompanhava as mudanças nos planos sociais e políticos, se mostrou mais adequado. Além disso, o apoio do Papa Pio XI (1922-1939) foi fundamental para esse florescimento. Sua visão da Igreja e da política era próxima da visão de Dom Leme. Sobre esse cenário no Governo Vargas, Serbin afirma que “a Igreja institucional floresceu e, apesar da separação oficial entre Igreja e Estado conforme decretado em 1890, alcançou status de religião quase oficial do Brasil durante a era de Vargas”⁸⁴ Este mesmo autor ainda observa que “a neocristandade prosperou sob líderes como Dom Leme. Ele reafirmou a catolicidade do Brasil e defendeu a ordem social apoiando as autoridades”.⁸⁵ Essa seria uma parceria na qual ambos os lados queriam tirar proveito em seus projetos. Serbin trata assim:

O presidente Vargas (1930-45, 1951-54) e a Igreja apoiaram-se mutuamente para desenvolver seus respectivos projetos de centralização institucional. Pela primeira em sua história, a Igreja brasileira falou com uma voz nacional. O clero considerava-se patriota. (...) O pacto entre Vargas e a Igreja representou, na prática, o restabelecimento do catolicismo como religião oficial do Brasil. Referindo-se aos acordos formais, ou concordatas, que a Igreja assinava com outros países, um bispo qualificou esse acordo de “concordata moral”. A Igreja oferecia ao estado a ideologia, o conteúdo moral e modelos de disciplina social, e apoiava o sistema corporativista de Vargas com o objetivo de “reespiritualizar a cultura” e promover a cooperação entre as classes sociais.⁸⁶

Serbin cita, como exemplo dessa concordata moral, os subsídios aos seminários. Eram locais de educação de candidatos ao sacerdócio, mas também de meninos que depois seguiriam outras vocações. Os seminários lazaristas conseguiam seus recursos financeiros através do envolvimento em atividades econômicas, coletas e doações de ricos e pobres. Esses seminários foram os primeiros a conseguir os subsídios públicos. E depois outros seminários também receberiam. Cabe ressaltar que:

Documentos do arquivo de Gustavo Capanema, ministro da Educação de Vargas e protegido de Alceu Amoroso Lima, demonstram que ele e seus assessores cogitaram em transformar a subvenção aos seminários em política explícita do governo brasileiro durante o estado Novo. Essa foi uma versão moderna do padroado colonial, o qual, não por coincidência, tornou-se o objeto de atento estudo para os padres intelectuais da década de 1930. A subvenção aos seminários aumentou nas três décadas seguintes. O mais destacado exemplo foi o Colégio Pio Brasileiro. A ajuda do Estado começou já no segundo mandato de Vargas e prosseguiu até o início da década de

⁸⁴ SERBIN, *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil...* p. 30.

⁸⁵ SERBIN, *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil...* p. 98.

⁸⁶ SERBIN, *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil...* p. 100.

1970. Em 1961, o seminário recebeu subsídio de 120 mil dólares para uma turma de 83 estudantes – uma média de 1500 dólares por aluno quantia vultosa na época.⁸⁷

Imagem 1: Dom Sebastião Leme e Getúlio Vargas – lideranças que ajudaram no florescimento da neocristandade, participando de momento cívico.



Fonte: Fundação Getúlio Vargas, 1938.

O modelo de Igreja da neocristandade no Brasil pode ser assim definido:

A Igreja permaneceu politicamente conservadora, se apondo à secularização e às outras religiões, e pregava a hierarquia e a ordem. Insistindo num catolicismo mais vigoroso e que imiscuísse nas principais instituições e nos governos, as atitudes práticas das pastorais da neocristandade se diferenciavam das anteriores. Assim conseguia o que percebia como sendo os interesses indispensáveis da Igreja: a influência católica sobre o sistema educacional, a moralidade católica, o anticomunismo e o antiprotestantismo. Através do modelo da neocristandade, a Igreja revitalizou sua presença dentro da sociedade. Em poucas palavras, o modelo da neocristandade era uma forma de se lidar com a fragilidade da instituição sem modificar de maneira significativa a natureza conservadora da mesma.⁸⁸

⁸⁷ SERBIN, *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil...* p. 101.

⁸⁸ MAINWARING, *A igreja católica e a política no Brasil (1916-1985)...* p. 43.

A neocristandade, segundo Serbin, “ambicionava o monopólio religioso do catolicismo e um papel central para a Igreja na sociedade”.⁸⁹ Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, arcebispo de Olinda e Recife (1916-21) e depois do Rio de Janeiro (1921-42), lançou a carta pastoral aos diocesanos de Olinda em 1916 e esta trazia uma reflexão sobre a ação dos católicos no Brasil. Em um de seus trechos, destaca-se o papel que se esperava de um católico naquela conjuntura.

Que maioria-católica é essa, tão insensível, quando leis, governos, literatura, escolas, imprensa, indústria, comércio e todas as demais funções da vida nacional se revelam contrárias ou alheias aos princípios e práticas do catolicismo? É evidente, pois, que, apesar de sermos a maioria absoluta do Brasil, como nação, não temos e não vivemos vida católica. (...) Privados do influxo benéfico e incomparável do Cristo, privamos a família, a sociedade e a pátria da nossa influência salvadora. Se Cristo não atua sobre a nossa vida individual, como poderemos atuar sobre o meio social? (...) Sim, ao católico não pode ser indiferente que a sua pátria seja ou não aliada de Jesus Cristo. Seria trair a Jesus; seria trair a pátria! Eis por que, com todas as energias de nossa alma de católicos e brasileiros, urge rompamos com o marasmo atrofante com que nos habituamos a ser uma maioria nominal, esquecida dos seus deveres, sem consciência dos seus direitos. É grande o mal, urgente é a cura. Tentá-lo – é obra de fé e ato de patriotismo.⁹⁰

No Rio de Janeiro, Dom Leme incentivou o intelectual e ex-ateu Jackson de Figueiredo a fundar o Centro Dom Vital (em homenagem a um dos bispos envolvidos na Questão Religiosa) que, segundo Serbin, foi a “semente da primeira universidade católica no Brasil e a plataforma de lançamento de Alceu Amoroso Lima, o maior pensador católico brasileiro no século XX”.⁹¹ O Centro publicou a revista *A Ordem*.⁹² A Igreja Católica possuía então uma liderança que, além de apontar os erros da instituição, procurava alternativas para sua inserção no mundo moderno, buscando também uma aproximação com intelectuais.

⁸⁹ SERBIN, *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil...* p. 98.

⁹⁰ Disponível em: <http://www.deuslovult.org/2009/11/18/carta-aos-fies-de-olinda-e-recife-dom-leme/> . Acessado em 18 de agosto de 2017.

⁹¹ SERBIN, *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil...* p. 98

⁹² Sobre a revista, Cf.: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rcp/article/download/59839/58163>

Imagem 2- Dom Sebastião Leme e Alceu Amoroso Lima – Rio de Janeiro



Fonte: Memorial da Democracia, 2018.

Mainwaring⁹³ explica que durante o período da neocristandade a Igreja Católica arrebanhou o laicato da classe média, surgindo, segundo ele, uma das mais influentes gerações de líderes leigos católicos da América Latina em torno do Centro Dom Vital. Criado em 1922, mesmo ano em que foi criado o Partido Comunista do Brasil, o Centro foi um instituto católico pequeno, que influenciou a Igreja e a política. Um dos criadores, Jackson de Figueiredo, convertido em 1918, foi uma figura de destaque nessa restauração católica, até sua morte em 1928. Alceu Amoroso Lima, após a morte de Jackson de Figueiredo, assumiu a liderança do Centro. Juntamente com Dom Leme e Dom Helder Câmara, Alceu estava ligado à Direita Católica, mas, depois da década de 1930, se tornaria um dos líderes da reforma progressista da Igreja. Foi líder leigo da Ação Católica e ajudou a formar a Liga Eleitoral Católica. Sua inspiração vinha dos teólogos franceses Jacques Maritain e Emmanuel Mounier, tornando-se um dos principais expoentes da doutrina social da Igreja.

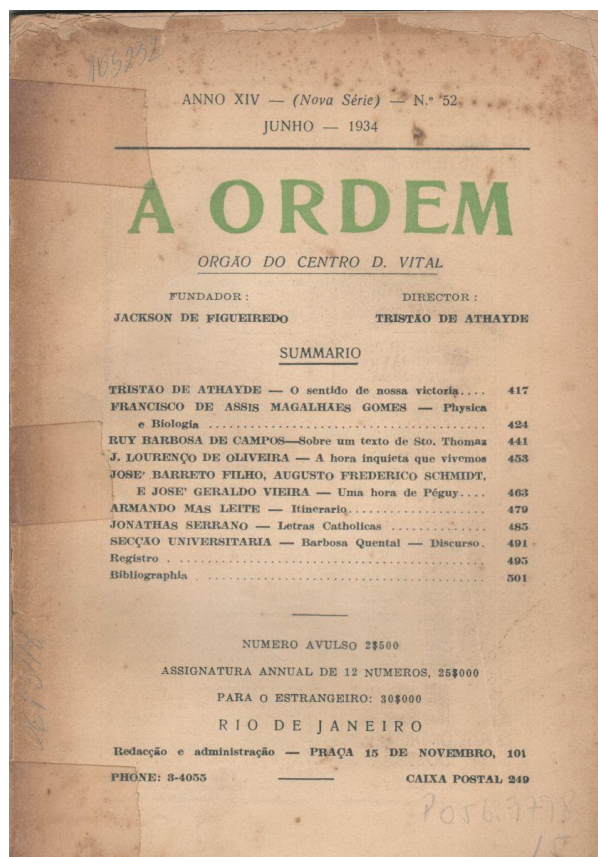
Sobre o novo posicionamento de Alceu Amoroso, destacamos o trabalho de Costa, segundo o qual, com a morte de Dom Leme, em 1942, Alceu não manteve um bom relacionamento com o sucessor arquidiocesano, Dom Jaime de Barros Câmara. Alceu admirava Jacques Maritain, “condenado na Cúria romana e no Palácio São Joaquim”⁹⁴. Segundo Costa, os artigos de Alceu passavam por um censor, que deveria assinalar neles as influências de Maritain. O autor também assinala outra perda que interferiria em suas ações:

⁹³ MAINWARING, *A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)*... p. 46.

⁹⁴ COSTA, Marcelo Timotheo da. *Um itinerário no século: mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima*. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio; São Paulo: Loyola, 2006, p. 35.

em 1948, falece o jesuíta Leonel Franca, intelectual muito admirado por Alceu. (...) De suas mãos, Alceu recebeu pela primeira vez a comunhão em adulto”⁹⁵.

Imagem 3: Capa de um exemplar da Revista *A Ordem* – junho de 1934



Fonte: Núcleo de Memória PUC RJ, 2019.

Mainwaring explica que, de 1916 a 1945, líderes católicos fizeram alianças com o Estado para conseguir, dessa maneira, influenciar a sociedade. Havia um apoio não formalizado ao governo Vargas, que via na Igreja Católica uma grande aliada⁹⁶.

⁹⁵ COSTA, *Um itinerário no século: mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima...* p. 36.

⁹⁶ MAINWARING, *A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)*... p. 49

Imagem 4: Cardeal Leme e Getúlio Vargas entre outros no Palácio do Catete.



Fonte: Mozart Melo, 2013.

Beozzo também faz referência a acontecimentos que marcaram a vida dos católicos. Primeiramente, sobre o padroeiro do Brasil⁹⁷. Em 16 de julho de 1930, o Papa Pio XI declara Nossa Senhora Aparecida padroeira do Brasil. Essa escolha de acordo com Beozzo é carregada de muita significação: primeiro por ter o santuário um caráter mariano; segundo pela localização, na região sudeste, no vale do Paraíba, para onde se desloca o eixo econômico, com o cultivo do café. “Aparecida estava plantada no importante caminho ligando o Sul à antiga capital Rio de Janeiro e próxima da bifurcação que, franqueando a serra da Mantiqueira, levava a Minas Gerais”⁹⁸. Em 31 de maio de 1930, a imagem de Nossa Senhora é trazida para o Rio de Janeiro para uma homenagem perante o Governo Provisório. Segundo

⁹⁷ Segundo consta o Brasil tem dois padroeiros: Nossa Senhora Aparecida e São Pedro de Alcântara. Os dias desses santos são celebrados no mês de outubro, sendo Nossa Senhora no dia 12 e São Pedro no dia 18. Nossa Senhora foi declarada Rainha e Padroeira do Brasil pelo Papa Pio XI em 1930 e pelo Estado brasileiro em 30 de junho de 1980, através da Lei 6.802/80, que instituiu também o dia 12 de outubro como feriado nacional. São Pedro foi declarado padroeiro do Brasil após o pedido do Imperador Dom Pedro I ao Papa Leão XII, que estabeleceu o patronato do santo em 1826. Após a proclamação da República, para acabar com laços da monarquia, houve um movimento de esquecimento dessa devoção a São Pedro. Cf. www.comunidadeportafidei.wordpress.com/2017/10/18/buscando-a-verdade-10-quem-sao-os-padroeiros-do-brasil/

⁹⁸ BEOZZO, *A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização...* p.293-5.

Beozzo, “celebração religiosa sim, mas com repercussão política”⁹⁹. Essa concentração de católicos na então capital do Brasil seria uma demonstração de força perante o poder público.

Imagem 5: Dom Leme e Dom Duarte com a imagem de Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Mozart Melo, 2013.

Outro fato aconteceu em 12 de outubro de 1931, quando foi inaugurada a estátua do Cristo Redentor no alto do Corcovado. O presidente Vargas e todo o ministério estavam presentes, juntamente com Dom Leme, que consagrou a nação ao Coração Sacratíssimo de Jesus, reconhecendo-o para sempre seu Rei e Senhor. Beozzo afirma que “aproveitando da presença dos bispos no Rio de Janeiro, pelas festas do Redentor, Dom Leme entrega ao Presidente Getúlio Vargas a lista das reivindicações católicas na futura constituição, exaradas em nome do Episcopado Brasileiro”¹⁰⁰.

⁹⁹ BEOZZO, *A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização...* p. 296.

¹⁰⁰ BEOZZO, *A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização...* p. 298.

Imagem 6: Nuncio Bento Aloisi Masella, Getúlio Vargas, Dom Leme e Dom Augusto



Fonte: ALSP, 2011.

Como já foi dito anteriormente, apesar do que apregoava o decreto 119-A, de 7 de janeiro de 1890, o governo de Vargas deixava claro seu apoio às solicitações da Igreja. Havia “um pacto informal de cooperação”¹⁰¹. “O pacto entre Vargas e a Igreja representou, na prática, o restabelecimento do catolicismo como religião oficial do Brasil”.¹⁰² A prova desse pacto está na Constituição que em seu preâmbulo traz referência a Deus:

Nós, os representantes do povo brasileiro, pondo a nossa confiança em Deus, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para organizar um regime democrático, que assegure à Nação a unidade, a liberdade, a justiça e o bem-estar social e econômico, decretamos e promulgamos a seguinte
CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL.¹⁰³

Esses são alguns apontamentos de como se encontrava a Igreja Católica no Brasil nas décadas iniciais do século XX. Aliados a toda essa conjuntura interna, com a perda de espaço

¹⁰¹ SERBIN, *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil...* p. 100.

¹⁰² SERBIN, *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil...* p. 100.

¹⁰³ BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (de 16 de julho de 1934). Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao34.htm Acesso em: 02 jun. 2016.

no governo e com questões que colocavam em risco a sua expansão e a sua manutenção, surgem também problemas externos, que vão interferir no desempenho de sua autoridade. Podem-se destacar a expansão de outras crenças, a modernização de uma sociedade após a primeira guerra mundial e a difusão do comunismo. Azzi também destaca que a renovação pastoral teve influência de movimentos europeus trazidos para o Brasil. Com isso, a visão da realidade brasileira se amplia.

Aliás, esta descoberta da realidade brasileira se efetua dentro de um contexto mais amplo que se inicia com a Semana de Arte Moderna em São Paulo, e progressivamente domina a arte, a música, a literatura, o teatro, o cinema.¹⁰⁴

Mainwaring destaca Minas Gerais como “o estado mais católico do Brasil”¹⁰⁵. Segundo ele, foi organizado um forte movimento de Ação Católica em 1928, visando a volta do ensino religioso nas escolas públicas, que por conta do decreto de 1890, ficara proibido. A Ação Católica em Minas Gerais elaborou petições para a defesa de interesses católicos, obtendo milhares de assinaturas e conseguindo desse modo reverter a situação no estado. A Igreja mineira, segundo o autor, “antecipou mudanças que iriam ocorrer em nível nacional”¹⁰⁶.

Mainwaring¹⁰⁷ ainda explica que a Igreja da neocristandade conseguiu mobilizar centenas de milhares de pessoas e organizou movimentos leigos, principalmente entre a classe média urbana. Cita como exemplos: a União Popular (Minas, 1909), a Liga Brasileira das Senhoras Católicas (1910), a Aliança Feminina (1919), a Congregação Mariana (1924), os Círculos Operários (1930), a Juventude Universitária Católica (1930) e a Ação Católica Brasileira (1935). Todos controlados pela hierarquia, esses movimentos intensificaram a presença da Igreja Católica no Brasil.

O autor enfatiza a participação da Liga Eleitoral Católica (LEC) na neocristandade, como sendo a mais expressiva. A LEC foi criada por Dom Leme em 1932 para orientar os católicos em como votar. Sem ligação partidária, era avidamente anticomunista. Estimulava os católicos a votar de maneira conservadora, promovia candidatos afinados com as posições católicas. Até 1937, quando o regime autoritário varguista eliminou os partidos e as eleições, a LEC alcançou muitos de seus objetivos. A maioria dos candidatos aprovados por ela foram

¹⁰⁴ AZZI, *Elementos para a história do catolicismo popular...* p. 127.

¹⁰⁵ MAINWARING, *A Igreja católica e a política no Brasil (1916-1985)...* p. 49.

¹⁰⁶ MAINWARING, *A Igreja católica e a política no Brasil (1916-1985)...* p.49.

¹⁰⁷ MAINWARING, *A Igreja católica e a política no Brasil (1916-1985)...* p. 47

eleitos para a Assembleia Constituinte de 1933. Assim, a constituição de 1934 incorporou muitas de suas exigências, incluindo apoio do Estado à Igreja, proibição do divórcio, reconhecimento do casamento religioso, educação religiosa durante o período escolar e subsídios do Estado para as escolas católicas.

A Liga Eleitoral Católica – LEC assim foi apresentada por Alceu Amoroso Lima, seu secretário:

Todo o nosso propósito ao elaborar os Estatutos da Liga Eleitoral era precisamente, como providencialmente o via o Cardeal Leme, encontrar o meio termo justo entre Partido e a omissão. A Liga veio servir, como uma luva, a essa intenção. Era uma instituição suprapartidária. Era aquilo que os americanos chamam de *pressure group* e que atua na base de um corpo de princípios, cuja aceitação não implica em nenhuma submissão confessional ou partidária. Assim é que o próprio Cardeal redigira, de seu punho, o artigo primeiro da Liga, que declarava a ela pertencerem “todos aqueles que aceitarem seu programa”, católicos ou não. E esse programa era apenas o de um conjunto de princípios de ordem social, como o ensino religioso facultativo, a indissolubilidade matrimonial, a assistência religiosa às forças armadas, um programa de justiça social do trabalho, em suma, pontos aceitáveis por católicos e não católicos.¹⁰⁸

Azzi destaca que, na década de 1930, iniciaram-se os Congressos Eucarísticos Nacionais, que se tornariam “apoteoses triunfais do catolicismo romano”.¹⁰⁹ Ele ainda afirma que a hierarquia eclesiástica brasileira cresceu a partir de 1940, aumentando número de bispos, arcebispos e cardeais. Além disso, multiplicaram-se o número de escolas, faculdades e universidades católicas. Ao mesmo tempo, cresceu a força do espiritismo, das religiões afro-brasileiras e do protestantismo em suas diversas manifestações. Contra o protestantismo atuaram o padre Leonel Franca e Dom Agnelo Rossi e contra os espíritas e umbandistas a Igreja teve a atuação do frei Boaventura Kloppenburg, segundo o autor¹¹⁰.

Azzi faz referência à tendência conservadora e autoritária que marcou o pensamento da Igreja desde os anos de 1920, com a Restauração Católica. E de 1932 a 37, com o Integralismo, muitos católicos iriam aderir a esse movimento de caráter direitista. O Estado Novo trabalhou nessa linha autoritária com ênfase no nacionalismo e no anticomunismo, bandeiras do movimento integralista. Segundo Azzi, a divulgação do Plano Cohen – “plano comunista de tomada do poder, forjado por militares integralistas”¹¹¹ - seria uma das

¹⁰⁸ BEOZZO, *A Igreja entre a revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização...*p.304

¹⁰⁹ AZZI, *Elementos para a história do catolicismo popular...* p. 125.

¹¹⁰ AZZI, *Elementos para a história do catolicismo popular...* 127

¹¹¹ AZZI, *A Igreja católica no Brasil durante o Estado Novo (1937 – 1945)...*p.70.

justificativas para o golpe de Estado. Muitos membros da Igreja apoiaram Vargas e reforçaram a campanha anticomunista.

Sobre o anticomunismo, Mainwaring enfatiza que:

A partir da do início da década de 30, a Igreja dedicou muita atenção ao combate ao comunismo, reproduzindo as atitudes de Roma, embora a ameaça comunista não fosse pronunciada no Brasil. Clérigos brasileiros retratavam os comunistas como degenerados com desvios morais, “uma praga moderna”, “bárbaros modernos, armados de foice e martelo”. Pouco após a Encíclica de 1937 sobre o comunismo elaborada por Pio XI, os bispos brasileiros emitiram uma carta pastoral advertindo contra o marxismo que iria destruir a moral cristã e acarretar penúria material. Documentos posteriores condenavam a luta de classes “porque divide os homens, sob o signo do ódio, da violência e da morte”. Na prática, essas atitudes se traduziam numa oposição eclesiástica às greves e a outras expressões do descontentamento popular.¹¹²

Nesse contexto, com o país no regime republicano, com a Igreja revendo suas diretrizes e com lideranças atuantes que pudessem garantir o controle principalmente da família e do ensino dentro do espírito cristão, é que Dom Helvécio Gomes de Oliveira, chegou em Mariana, em 1922, para exercer o mais longo episcopado de Minas Gerais, de 1922 – 1960. Segundo Pereira:

Dom Helvécio de Oliveira Gomes atuará em Minas Gerais, canalizando esforços humanos e financeiros no campo de formação de seu clero. Pretendia, sem dúvida, um clero mais próximo da sociedade, colaborador do Estado, que pudesse, de acordo com suas funções, atuar junto da sociedade, em suas necessidades mais urgentes.¹¹³

Pereira ainda faz referência ao poder de aproximação que o arcebispo possuía junto ao Estado, dizendo que “Dom Helvécio Gomes de Oliveira participou ativamente, durante todo seu episcopado, de todos os grandes momentos da política brasileira de sua época, sempre procurando evidenciar aos dirigentes do estado o desejo de colaboração”.¹¹⁴

Segundo Beozzo, em Minas Gerais, a aproximação entre a Igreja e o poder republicano “é facilitado pela presença no Governo do Estado de um presidente que professa publicamente sua fé católica, Antônio Carlos Ribeiro de Andrade”.¹¹⁵ Todo o episcopado mineiro compareceu à sua posse, em 7 de setembro 1926. Segundo Azzi, ao tomar posse,

¹¹² MAINWARING, *A igreja católica e a política no Brasil (1916-1985)*... p. 46.

¹¹³ PEREIRA, Mabel. *Neo-cristandade no Brasil: a obra de Dom Salesius*. In: www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art_PEREIRA_neo_cristandade.pdf, p. 8. Acesso em: dez. 2017.

¹¹⁴ PEREIRA, *Neo-cristandade no Brasil: a obra de Dom Salesius*, p. 7.

¹¹⁵ BEOZZO, *A igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização*...p. 285.

Antônio Carlos “deu ao evento um caráter político-eclesiástico, mandando celebrar uma missa solene”¹¹⁶. No banquete oferecido, Dom Helvécio fez um brinde e a seguinte saudação, em nome do episcopado:

Os Exmos. Srs. Bispos mineiros, nestas minhas toscas, porém, sinceras expressões de agradecimento, entendem enfim, afirmar a V. excia. que sentinelas vigilantes de meia dúzia de milhões de católicos, seus governados, pode V. Excia. sem vacilação com eles contar; na hora do perigo, ou longe dele, estaremos perto de V. Excia., porque Deus o quer, porque a alvura dessa frente e a transparência de suas mãos são o penhor seguro da tranquilidade, na ordem e no progresso, sobretudo da felicidade de todo o povo mineiro.¹¹⁷

Pereira faz referência à troca de favores entre o episcopado mineiro, na figura de Dom Helvécio e o presidente do Estado de Minas Gerais, Antônio Carlos Ribeiro de Andrade. Como exemplo, cita a dificuldade em se dar instrução religiosa às populações rurais, reclamada durante as conferências episcopais, na cidade de Pouso Alegre, em 1927. Nesse encontro, ficou deliberado fazer um apelo ao clero e às professoras rurais para que isso ocorresse. Segundo a autora, esse apelo demonstra a interferência da Igreja no poder civil. Esse pedido de inserção do ensino religioso (católico) nas escolas vinha desde 1906, quando foi proibido pela Reforma João Pinheiro¹¹⁸ e não contemplado ainda na Reforma Francisco Campos¹¹⁹, secretário do Interior no governo de Antônio Carlos. A autora explica que o presidente Antônio Carlos aproveitou uma viagem de Francisco Campos e com o secretário interino negociou a inclusão do ensino religioso nas escolas públicas. “O retorno do ensino religioso foi comemorado pelo episcopado mineiro em meio ao Congresso Catequístico de 1928, realizado por Dom Antônio dos Santos Cabral, Bispo de Belo Horizonte, na capital mineira.”¹²⁰

¹¹⁶ AZZI, Riolando. Igreja e Estado em Minas Gerais: crítica institucional. *Revista Síntese*, v. 13, n. 28, 1986. Disponível em: faje.edu.br/periódicos/index.php/Sintese/article/view/2977/3117 . Acesso em: mar. 2018, p. 41.

¹¹⁷ AZZI, Riolando. *Igreja e Estado em Minas Gerais: crítica institucional...* p. 41.

¹¹⁸ João Pinheiro da Silva (1860-1908) – após a proclamação da República foi nomeado pelo Marechal Deodoro da Fonseca, secretário de estado e vice-governador de Minas Gerais. Afastou por um período da política e em 1905 lançou o Manifesto ao Eleitorado Mineiro, no qual fazia um balanço dos 15 anos do regime republicano. Eleito senador pelo PRM em 1905. Em 1906 deixa o cargo, quando foi eleito presidente de Minas Gerais. Cf.: cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PINHEIRO,%20João.pdf . Acesso em setembro 2019.

¹¹⁹ Francisco Luís da Silva Campos (1891-1968) – Advogado e jurista. Em 1926, com a posse de Antônio Carlos no governo de Minas Gerais, assumiu a secretaria do interior. Utilizando-se de muitos postulados de fendidos elo movimento Escola Nova, promoveu profunda reforma educacional em Minas Gerais. Cf.: cpdoc.fgv.br/produção/dossies/AEraVargas1/biografias/francisco_campos . Acesso em setembro 2019.

¹²⁰ PEREIRA, Mabel Salgado. *Dom Helvécio, um salesiano no episcopado: artífice da neocristandade (1888-1952)*. 2010. 349f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010, p.194-5.

Serbin ainda afirma que “a organização de novas dioceses dentro das fronteiras dos estados ajudou a Igreja a renovar seu prestígio e poder”.¹²¹ E ainda que “a imprensa e a indústria editorial católica prosperaram e despontaram como importantes ferramentas profissionais”.¹²²

Nessa efervescência de movimentos e dentro desse modelo da neocristandade é que foi criada a Diocese de Leopoldina e, posteriormente, lançado o jornal *O Leopoldinense*, assuntos dos próximos capítulos.

¹²¹ SERBIN, *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil...* p. 96.

¹²² SERBIN, *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil...* p. 98.

Capítulo II – A Igreja Católica em Leopoldina – MG – 1942 a 1960

2.1 A Zona da Mata Mineira – sua denominação

Entender a denominação e a constituição da região na qual a cidade de Leopoldina está inserida, a chamada Zona da Mata Mineira, ajuda a contextualizar a importância das primeiras famílias que nela estabelecidas e portadoras de prestígios social e político. Eram famílias abastadas, que procuravam novas alternativas de investimento com a decadência da mineração. E, a meu ver, esse prestígio e influência política contribuíram para que Leopoldina se estabelecesse como sede do bispado posteriormente, já que os fundadores da cidade eram católicos que se tornaram grandes proprietários de terras, formando consistente patrimônio pessoal e sendo mais tarde benfeitores generosos em suas doações à Igreja Católica.

Paula¹²³ assinala que:

o critério fundamental que delimita a Zona da Mata como um espaço regionalizado específico, neste caso, é a produção econômica. É a economia cafeeira que ao penetrar em Minas, aos poucos vai conformando uma região diferenciada no contexto econômico e social das Gerais. O que queremos dizer com isso, é que não se pode falar em Zona da Mata antes da década de 1870. (...) A Zona da Mata enquanto região delimitada no mapa, (...), foi constituída como tal, a partir do momento em que a cafeicultura se expandiu para o norte e leste da área pioneira. (...) foi a cafeicultura que, ao se expandir em direção a Minas Gerais foi constituindo um espaço específico naquele contexto econômico e social.

Lamas¹²⁴ também corrobora essa linha de pensamento acreditando que:

A Zona da Mata Mineira, apesar de ainda não possuir esta designação, pode ser considerada mais do que uma mera área de interligação entre as Gerais e a capitania do Rio de Janeiro no século XVIII, pois já existia uma atividade econômica que a diferenciava da região mineradora, isto é, a atividade agrícola.¹²⁵

¹²³ PAULA, Ricardo Zimbrão Affonso de. Região e regionalização: um estudo da formação regional da Zona da Mata de Minas Gerais. *Revista de História Econômica e Economia Regional Aplicada*. v. 11, n. 1. p. 69 - jul./dez. 2006

¹²⁴ LAMAS, Fernando Gaudereto. Povoamento e colonização da Zona da Mata Mineira no século XVIII. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao08/materia01/texto01.pdf>. Acessado em: set. 2018.

¹²⁵ LAMAS, *Povoamento e colonização da Zona da Mata Mineira no século XVIII...* p.2.

Há entre os autores uma sintonia no sentido de pensar que a configuração da então Zona da Mata não se restringiu a uma delimitação geográfica apenas, mas sim pela ocupação econômica. Lamas afirma ainda que:

região é um quadro arbitrário, definido com propósitos políticos, econômicos ou administrativos. Sua identificação, delimitação e construção estão ligadas à noção de diferenciação de áreas, ao reconhecimento de que o território é constituído por lugares com uma ampla diversidade de relações econômicas, sociais, naturais e políticas.¹²⁶

Observa-se, então, que o que caracteriza uma região não são apenas os aspectos naturais, mas também as pessoas que a ocupam e de que maneira isso é feito.

Sobre a ocupação do atual município de Leopoldina, Carrara conta que:

As terras dos atuais municípios de Mar de Espanha e Leopoldina começaram a ser apropriadas a partir de 1817 por meio de sesmarias. Vinte e três anos depois, as fazendas de café desses municípios estavam consolidadas em enormes unidades de produção voltadas para a exportação, e seus proprietários eram também os responsáveis pela construção da rede viária necessária ao escoamento da produção até o porto do Rio de Janeiro. Em Leopoldina, além da cessão da maior parte das terras disponíveis ou pelo menos das mais férteis, no ano de 1818, ocorreu ainda a tomada de grandes extensões das terras devolutas¹²⁷ restantes por membros da família Monteiro. Esta família conseguiu apropriar-se de um vasto patrimônio agrário, cuja distribuição foi muito facilitada pela presença de alguns de seus membros importantes nos cargos mais altos do governo da capitania e depois da província: o comendador Manuel José Monteiro de Barros (Barão de Paraopeba, membro da segunda Junta do Governo Provincial) e o desembargador e ouvidor Lucas Antônio Monteiro de Barros. Só o comendador Manuel José obteve a concessão de quatorze sesmarias. No total, oito membros da família possuíam vinte e quatro sesmarias.¹²⁸

Outro dado relevante na configuração da região seria o uso da mão de obra escrava. Carrara faz uma análise do crescimento dessa população que no caso de Leopoldina foi de

¹²⁶ LAMAS, *Povoamento e colonização da Zona da Mata Mineira no século XVIII...* p.2.

¹²⁷ Com a descoberta do Brasil, todo o território passou a integrar o domínio da Coroa Portuguesa. A colonização portuguesa adotou o sistema de concessão de sesmarias para a distribuição de terras, através das capitânias hereditárias: aos colonizadores largas extensões de terra foram trespassadas com a obrigação, a estes de medi-las, demarcá-las e cultivá-las, sob pena de reversão das terras à Coroa.

As terras que não foram trespassadas, assim como as que foram revertidas à Coroa, constituem as terras devolutas. Com a independência do Brasil, passaram a integrar o domínio imobiliário do Estado brasileiro, englobando todas essas terras que não ingressaram no domínio privado por título legítimo ou não receberam destinação pública. Cf: <https://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/27510-o-que-sao-terras-devolutas/>. Acesso em 04 ago. 2018.

¹²⁸ CARRARA, Ângelo Alves. *Estruturas agrárias e capitalismo: contribuição para o estudo da ocupação do solo e da transformação do trabalho na zona da Mata mineira (séculos XVIII e XIX)*. Mariana: UFOP/ Departamento de História, Núcleo de História Econômica e Demográfica. Série Estudos 2, 1999. p.20 Disponível em: www.ufjf.br/hqg/files/2009/10/Estrut-texto.pdf. Acesso em: out. 2018.

mais 748 escravos, entre os anos de 1872 e 1883. Leopoldina, no recenseamento de 1872, possuía 680 habitantes. Deste total, 341 eram escravos, o que correspondia a 50,14% da população¹²⁹. Esses dados, segundo ele, são úteis “para caracterizar as atitudes dos proprietários rurais do sul da Mata¹³⁰, que permaneceram escravistas até a última hora”¹³¹. Ele ainda diz que esse fato explica também os problemas que muitos municípios enfrentaram com a reestruturação do sistema de trabalho pós-abolição, sendo que demorou alguns anos para que os fazendeiros dessem um novo rumo em relação às suas atividades econômicas; sendo que, “em Leopoldina, os capitais disponíveis foram redirecionados para os setores agropecuário, energético e bancário”¹³². Para o escoamento da produção cafeeira que crescia na região, a estrada de ferro teve sua importância em Leopoldina, a partir de 1877, época em que as estações se localizavam nas fazendas dos grandes proprietários, como as de São Martinho e Providência e não nas cidades, conforme reforça o autor.

Pelo aspecto religioso, a ocupação do território sofreu influência das pessoas que passaram a viver ali. Por serem católicos, os donos das grandes propriedades em Leopoldina usaram de suas posses para registrar e mostrar, por meio de construções, os símbolos desse catolicismo, evidenciando seu poder econômico ao doarem parte de suas posses à Igreja, que assim se tornava proprietária de terras também, como é explicado por Rosendhal e Corrêa:

É por intermédio da paisagem cultural, impregnada de seus geo-símbolos, que a cultura de um determinado grupo se inscreve no espaço. A religião também possui seus símbolos. Estes constituem marcas que identificam e delimitam seu território religioso. São espaços qualitativamente fortes,

¹²⁹ Cf.: CARRARA, *Estruturas agrárias e capitalismo: contribuição para o estudo da ocupação do solo e da transformação do trabalho na zona da Mata mineira (séculos XVIII e XIX)*... p.22.

¹³⁰ Carrara segue os estudos de Elza Coelho de Souza (*Distribuição das propriedades rurais no estado de Minas Gerais* in Revista Brasileira de Geografia, jan. - mar.1951, 13(1), pp.52-3) que divide a Zona da Mata de Minas em três sub-regiões: norte, central e sul. Da sul fazem parte os municípios de Recreio, **Leopoldina**, Volta Grande, Além Paraíba, Mar de Espanha, São João Nepomuceno, Rio Novo, Bicas, Matias Barbosa, Juiz de Fora e Santos Dumont.

¹³¹ CARRARA, *Estruturas agrárias e capitalismo: contribuição para o estudo da ocupação do solo e da transformação do trabalho na zona da Mata mineira (séculos XVIII e XIX)*...p.23

¹³² CARRARA, *Estruturas agrárias e capitalismo: contribuição para o estudo da ocupação do solo e da transformação do trabalho na zona da Mata mineira (séculos XVIII e XIX)*...p.24. Exemplo da variedade de atividades a que se dedicaram os empreendedores da época em Leopoldina: José Monteiro Ribeiro foi Presidente da Câmara Municipal de Leopoldina (1898-1903); membro da comissão executiva do Partido Republicano Mineiro (1911); incorporador e diretor-presidente da Companhia Força e Luz de Cataguazes-Leopoldina; fundador do ginásio Leopoldinense; diretor da Companhia Leiteira Leopoldinense; proprietário do Banco Ribeiro Junqueira S.A., da Companhia Fiação e Tecidos Leopoldinense, da Companhia Carbonífera Uruçanga e da Companhia Carbonífera Minas-Rio Carvão. Além disso, foi Deputado Estadual - Partido Republicano Mineiro 1895/1898; Fundador, Gazeta de Leopoldina - 1895; Deputado Estadual - Partido Republicano Mineiro 1899/1902; Deputado Federal - Partido Republicano Mineiro - 1903/1930; Secretário Estadual - Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio de MG 1931/1932; Deputado Constituinte - Assembleia Nacional Constituinte de 1934; Senador - Partido Progressista 1935/1937. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/guia/detalhesfundo.aspx?sigla=RJ>. Acesso em nov/2018.

constituídos por fixos e fluxos, possuindo funções e formas espaciais que constituem os meios por intermédio dos quais o território realiza efetivamente os papéis a ele atribuídos pelo agente social que o criou e o controla. Na religião católica, os templos, os cemitérios, os pequenos oratórios à beira da estrada, os caminhos percorridos pelos peregrinos, representam, entre outros, os meios visíveis pelos quais o território é vivenciado e reconhecido como tal. As normas, regras e penalidades, enquadram os limites invisíveis que efetivamente delimitam o território e, ao mesmo tempo, tornam efetivo seu conteúdo que envolve não apenas diretamente as restrições eclesásticas, mas também devotos, profissionais especializados e instituições religiosas subordinadas hierarquicamente ao poder local, regional, nacional e mundial (...) A Igreja apresenta três níveis hierárquicos de gestão do sagrado. O Vaticano é o território de ação e controle dos grupos humanos que professam a fé católica. A diocese, o segundo nível hierárquico de gestão religiosa, é evocada como território religioso verdadeiramente presente e atuante no processo mais profundo de regulação da religiosidade católica (...). No terceiro nível hierárquico do modelo de divisão espacial da Igreja Católica situa-se a paróquia. O território paroquial deve ser reconhecido como o lugar principal da vida das comunidades locais, pois oferece um notável exemplo de organização da vida social e íntima dos habitantes. (...) A paróquia potencializa sua capacidade de controle do cotidiano, porque está na escala da convivência humana. Reconhecidamente é o lugar de aproximação entre o local, o regional e o universal. As ações da Igreja Católica nos territórios diocesanos são múltiplas.¹³³

Por essa breve explanação acerca da região onde se localizava o antigo arraial do Feijão Cru (hoje, Leopoldina), entende-se que era um lugar próspero, onde terra e mão de obra eram abundantes, o que explica a vinda de pessoas interessadas em novas formas de produção. Essas pessoas se tornaram os fundadores da cidade e, posteriormente, grandes proprietários, obtendo com isso prestígio no âmbito social, político e religioso. Suas doações de terras à construção da igreja deram-lhes o direito de escolher o padroeiro do local – São Sebastião.

2.2 Aspectos históricos de Leopoldina

2.2.1 Dos fundadores

Segundo memórias de Francisco de Paula Ferreira de Rezende¹³⁴,

foi na terceira década mais ou menos do corrente século* que veio a ter lugar a descoberta do Feijão Cru ou que começou a ter os primeiros habitantes

¹³³ ROSENDHAL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. Difusão e territórios diocesanos no Brasil: 1551-1930. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona. v. x, n.218, ago. 2006. Disponível em: www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-65.htm Acesso em: nov. 2018.

¹³⁴ REZENDE, Francisco de Paula Ferreira de. *Minhas recordações*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988, p. 347-70.

brancos; e a primazia ou a precedência deste fato é ainda disputada pelas duas famílias mais numerosas destes contornos – a dos Monteiros de Barros e a dos Almeidas -; família esta última que do campo já veio confundida ou que aqui desde logo se confundiu com as dos Britos e a dos Netos.¹³⁵

Sobre a cidade de Leopoldina, pode-se dizer que sua fundação não foi diferente de outras cidades mineiras do século XIX: caminho de tropeiros, que pela região paravam para se recompor e descansar seus animais, onde rapidamente se estabeleceram as primeiras famílias. Rezende¹³⁶ conta, em suas recordações, que as terras eram habitadas por índios puris, coroados e coropós que aos poucos foram dizimados pelo sarampo e opilação¹³⁷. E ainda, segundo o autor, naquele tempo, qualquer um podia se apropriar da quantidade de terra devoluta que quisesse, fazendo apenas qualquer serviço para garantir sua posse.

Segundo Rezende, a família dos Monteiro de Barros era originária de Congonhas do Campo, possuidora de minas. Com a escassez do minério, um dos seus membros, Manoel José Monteiro de Barros, veio para o arraial e nele estabeleceu fazenda de cultura. Alcançou assim um grande número de sesmarias, inclusive para os filhos. Antes de mudar para as terras, o novo proprietário mandou abrir a fazenda Providência, onde depois veio a ter a estação da estrada de ferro da Leopoldina, como foi citado anteriormente por Carrara¹³⁸.

Rezende ainda conta que:

depois de vila e sobretudo depois que a estrada de ferro se aproximou, a colonização desta mata se compôs de elementos um pouco de toda parte e até mesmo do Ceará, na sua totalidade essa colonização foi mineira e sobretudo dos municípios desta província que mais ou menos se aproximam da serra do Espinhaço desde a Itabira e Congonhas do Campo até o Rio Preto.¹³⁹

Em 1829, segundo Rezende¹⁴⁰, Manuel Antônio de Almeida, saiu de Bom Jardim em direção à região, da atual Leopoldina, com seus familiares. Conta Rezende que “desde que Manuel Antônio aqui se estabeleceu, começou sem mais se interromper uma verdadeira corrente de imigração, que sendo ao princípio dos parentes e conhecidos que ele havia

¹³⁵ REZENDE, *Minhas Recordações...* p. 346. * O século ao qual o autor se refere é o XIX.

¹³⁶ REZENDE, *Minhas Recordações...* p. 363-65.

¹³⁷ Opilação seria um tipo de verminose chamada também de ancilostomíase ou amarelão, por causar anemia, devido à ação do verme no intestino, que provoca palidez ou um tom de pele amarelado. Cf: www.tuasaude.com/ancilostomiasse. Acesso em agosto/2018.

¹³⁸ Cf. p. 2.

¹³⁹ REZENDE, *Minhas Recordações...*p. 348

¹⁴⁰ REZENDE, *Minhas Recordações...*p. 349

deixado na freguesia natal”¹⁴¹. Outro nome de destaque nos primórdios de Leopoldina, citado pelo autor, foi o capitão João Gualberto Ferreira Brito, filho de Joaquim Ferreira Brito e Joana Maria Macedo¹⁴²

Foi um dos primeiros entrantes, que era genro de Manuel Antônio, e que tornou-se com o tempo o membro mais importante da família dos Almeidas, dos Britos e dos Netos, veio a exercer, por esse motivo, uma influência muito grande na freguesia da Leopoldina, onde ninguém podia vencer uma só eleição sem o seu concurso, e o título de capitão se lhe havia apegado à pessoa por um tal feitio, que, desde que se dizia – o capitão – já todos sabiam que o capitão de que se falava era o capitão João Gualberto.¹⁴³

Os índios¹⁴⁴ que habitavam a região, segundo Rezende, “nada tinham de ferozes, mas que pelo contrário, sendo dotados de uma índole extremamente branda, eram todos muito pacíficos”¹⁴⁵.

Rezende também ressalta o caráter religioso de algumas ações dos primeiros habitantes e demonstra alguns hábitos por eles mantidos

Desde que alguns cristãos se reúnem em qualquer terra desconhecida, uma das primeiras ideias que lhes vem ao pensamento, é a de construírem uma igreja onde rendam graças a Deus e um cemitério onde possam dar uma plácida morada aos ossos dos seus. E se isto é o que acode a todos os cristãos em geral; como poderia deixar de acudir aos filhos de uma província tão profundamente religiosa como sempre tem sido a nossa, e sobretudo a mineiros como eram então os daqueles tempos, que nunca se deitavam, sem que primeiro reunida a família inteira, todos tivessem rezado o terço, e que nunca se levantavam sem ter o primeiro se recomendado a Deus, ou quando, assim como em algumas casas acontecia, ninguém se entregava aos seus afazeres senão depois de reunidos haverem saudado o novo dia que aparecia, com um certo número de cânticos sagrados? Os primeiros entrantes, portanto, que se animaram a deixar o campo para virem procurar aqui melhores condições de fortuna, apenas se haviam estabelecido nesta terra de bugres, a primeira coisa de que se lembraram, foi de não viverem como pagãos no meio daqueles pagãos; ou de terem quanto antes uma igreja e um cemitério em que juntos pudessem rezar e onde os ossos dos seus pudessem repousar em terra sagrada¹⁴⁶.

¹⁴¹ REZENDE, *Minhas Recordações*...p. 350

¹⁴² Cf. cantoni.pro.br/f_brito/f_brito.html

¹⁴³ REZENDE, *Minhas Recordações*...p. 350-1

¹⁴⁴ Para saber a visão do autor sobre os índios que habitavam a região, cf: REZENDE, Francisco de Paula Ferreira de. *Minhas Recordações*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988, p. 358-67

¹⁴⁵ REZENDE, *Minhas Recordações*...p. 359

¹⁴⁶ REZENDE, *Minhas Recordações*...p. 370

Assim foi que Joaquim Ferreira Brito e seu genro, Francisco Pinheiro Corrêa de Lacerda proprietários de extensas sesmarias, tiraram uma parte e doaram à comunidade para que se formasse o patrimônio do padroeiro, sendo escolhido São Sebastião.

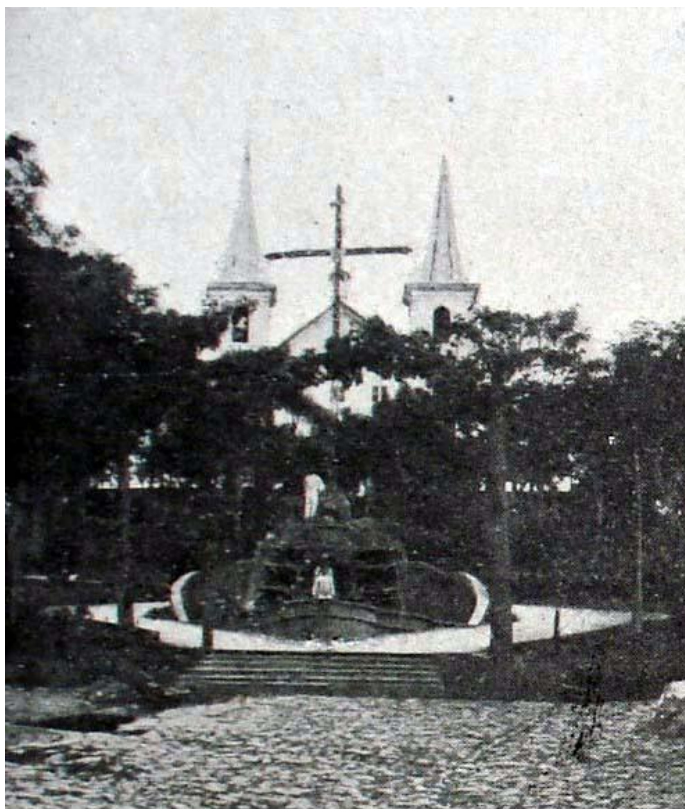
Sobre a escolha do padroeiro, vale registrar uma curiosidade contada por João Barroso Pereira Júnior, em artigo intitulado *História de Leopoldina*, publicado na revista Acaiaca¹⁴⁷ em comemoração ao centenário de Leopoldina (Março de 1954). Conta ele que, durante uma visita de cortesia entre os fazendeiros da época, saiu assunto sobre o andamento da construção da capelinha do arraial, para a qual as famílias empreendiam parte de seu tempo e dinheiro. Até que a conversa chegou ao ponto da escolha do padroeiro. Houve sugestões entre Santa Luísa e Santa Rita, até que veio a intervenção de um deles, dizendo: “estamos com a peste cá por estas bandas. O “cólera” já matou um escravo do Gomes Rodrigues e uns puris do lado do Meia Pataca. Estamos quase com a epidemia em casa. Pois é atalhar o mal, vamos levantar a capela de São Sebastião”¹⁴⁸. Todos acataram a sugestão e assim ficou definido o padroeiro, São Sebastião¹⁴⁹, que livraria todos da fome, peste e guerra. A capelinha era bem rústica, segundo o autor, tratando-se de um ranchinho coberto de palmito e paredes de pau a pique e barro. Dali, a Igreja foi levada para outro morro (onde está atualmente). Fizeram-na maior, com torres, coberta de telhas e com assoalho de madeira. Com a igreja, foram surgindo as primeiras casas, também de telhas, elevando as condições de moradia da população.

¹⁴⁷ Revista Acaiaca – Edição Comemorativa – Centenário de Leopoldina, nº 60 – Belo Horizonte: março de 1954, p.22-4. (“A “Acaiaca: Revista de Cultura” funcionou entre os anos de 1948 e 1957, período que coincide com a atuação política de Juscelino Kubitschek como governador de Minas Gerais (1951-1955). A publicação era submetida à Imprensa Oficial do estado e vários de seus colaboradores eram figuras atuantes no cenário político da capital” – Disponível em: <https://www.rbhcs.com/rbhcs/issue/view/4> . Acesso em nov/2018).

¹⁴⁸ JÚNIOR, João Barroso Pereira. *História de Leopoldina*. Revista Acaiaca nº 60 – Belo Horizonte : Março de 1954, p. 22-4.

¹⁴⁹ Para saber a história de São Sebastião Cf. <http://santossanctorum.blogspot.com/2011/01/sao-sebastiao.html>

Imagem 7: Igreja Matriz de São Sebastião



A Matriz em 1916, imagem de Roberto Capri em Minas Gerais e seus Municípios. s.l., s.n., 1916 p. 237-262

Fonte: CAPRI, 1916.

O primeiro padre foi Manuel Antônio Brandão, ordenado em Mariana, que celebrou a primeira missa em 1832. Em 1856 foi criada a Paróquia de São Sebastião.

Ainda citando as memórias de Rezende: apesar de serem os Almeida, os Britos e os Netos, os povoadores da freguesia de Leopoldina,

quem politicamente a fundou ou quem principiou a dar-lhe essa importância tão grande e tão rápida que em muito pouco tempo fez dela um dos mais ricos e dos mais prósperos municípios da província (...) foi o Dr. Antônio José Monteiro de Barros. (...) Foi este Dr. Antônio José quem por simples amor a este lugar ou talvez antes para com ele formar para si um verdadeiro feudo, promoveu e conseguiu a sua elevação a freguesia e ao mesmo tempo a vila pela lei provincial n.666 de 1854, sendo 7 anos depois elevada a cidade pela lei n. 1.116 de 18 de outubro de 1861. E com efeito, tal veio a ser afinal a influência, e influência muito legítima que o Dr. Antônio José aqui exerceu; que não havia uma só eleição de qualquer natureza em que se apresentasse como candidato, que ele perdesse qualquer outro voto que não fosse unicamente o seu¹⁵⁰.

¹⁵⁰ REZENDE, *Minhas Recordações...*p. 353-4

Outro nome citado pelo autor foi o do comendador Leite Ribeiro, que, segundo ele, “abriu uma excelente estrada¹⁵¹, e a primeira verdadeiramente de rodagem que essa mata possuiu”¹⁵². O comendador veio a ser depois o Barão de Aiuruoca.

Sobre a cidade, no aspecto religioso, ressalta-se que, em 16 de julho de 1897, Leopoldina deixou de pertencer à Diocese do Rio de Janeiro e passou a pertencer à Diocese de Mariana.¹⁵³

Pontuei alguns fatos sobre a história de Leopoldina, procurando dar destaque ao fator religioso, como ponto de união dos primeiros moradores e que irá tornar a cidade referência nesse aspecto, vindo a ser posteriormente agraciada com a sede da Diocese.

2.3 A criação da Diocese de Leopoldina

A Igreja Católica, como dito no capítulo anterior, vinha de um cenário pouco favorável, onde se via presa ao domínio imperial, impedindo sobremaneira sua expansão. Ainda se adaptando à nova forma de governo, a Igreja da República foi favorecida com a criação de novas dioceses, que surgiram de maneira exponencial, se comparada aos períodos anteriores. No quadro a seguir, percebe-se um número considerável de dioceses criadas de 1890 a 1930, principalmente na região sudeste.

Quadro 1: Distribuição de Dioceses criadas por período no Brasil – até 1930

Brasil – Dioceses e Prelazias criadas até 1930 Segundo Períodos		
Períodos	Dioceses	Prelazias
1551	Salvador	-
1676-1677	Rio de Janeiro, Recife-Olinda, São Luís	-
1719-1745	Belém, São Paulo, Mariana	Goiás, Cuiabá
1848-1854	Porto Alegre, Diamantina, Fortaleza	-
	(Amazônia) Manaus, São Gabriel da Cachoeira, Santarém, Rio Branco, Porto Velho	Lábrea, Bragança, Marajó
	(Nordeste) João Pessoa, Maceió, Grajaú, Teresina, Crato, Sobral, Natal, Cajazeiras, Garanhuns, Nazaré, Pesqueira, Petrolina, Penedo, Aracaju, Barra,	Bom Jesus

¹⁵¹ Sobre o Barão de Aiuruoca: “Abriu a chamada Estrada da Polícia, que do Município de Iguaçu se dirigia à Província de Minas Gerais. Administrou os trabalhos da estrada de Sapucaia a Feijão Cru, hoje Leopoldina. Participou também da construção da estrada de Magé a Mar de Espanha, passando por Sapucaia, conhecida como estrada do Couto e também da ponte sobre o Rio Paraíba no trajeto dessa estrada. Cuidou da reconstrução em 1821 de outra travessia do Rio Paraíba, em Desengano, no caminho de Valença para Itaguaí”. Sobre o Barão de Aiuruoca cf: <http://archive.is/20121208203513/http://www.baraodeayuruoca.org/vida-obra.htm#selection-239.0-239.485>. Acesso em set/2018.

¹⁵² REZENDE, *Minhas Recordações...*p. 355

¹⁵³ Dados disponíveis em: <https://leopoldinaminas.wordpress.com/1999/11/30/alguns-fatos-da-historia-de-leopoldina-2/>. Acesso em set/2018.

1890-1930	Ilhéus, Caetité	
	(Sudeste) Vitória, Niterói, Pouso Alegre, Araçuaí, Montes Claros, Belo Horizonte, Paracatu, Caratinga, Juiz de Fora, Luz, Guaxopé, Uberaba, Valença, Barra do Piraí, Campos, Botucatu, Assis, Lins, Jaboticabal, Sorocaba, São José do Rio Preto, Campinas, Santos, Bragança Paulista, Taubaté, Ribeirão Preto, São Carlos	-
	(Sul) Curitiba, Ponta Grossa, Jacarezinho, Florianópolis, Joinville, Lages, Pelotas, Uruguaiana, Santa Maria	-
	(Centro Oeste) Cáceres, Guiratinga, Diamantino, Jataí, Porto Nacional, Corumbá	-

Fonte: Anuário Católico do Brasil – CERIS, 2000

Quadro 2: Distribuição de Dioceses/Prelazias criadas no Brasil – de 1930 a 1960

Período	Diocese	Prelazia	Obs.:
1930 – 1939	Região Norte: Cruzeiro do Sul. Região Nordeste: Bonfim, Mossoró, Limoeiro, Caxias do Maranhão, Pinheiro, Caicó. Região Sudeste: Lorena. Região Sul: Caxias do Sul, Vacaria.	Região Norte: Xingu. Região Sul: Palmas.	- A prelazia de Palmas foi elevada à Diocese em 14/01/1958. O nome foi alterado para Diocese de Palmas/Francisco Beltrão.
1940-1949	Região Nordeste: Amargosa, Oeiras, Parnaíba, Caruaru, Campina Grande. Região Sudeste: Oliveira, Leopoldina, Piracicaba, Petrópolis.	Região Norte: Macapá. Centro-Oeste: Chapada.	- A prelazia de Macapá foi elevada à Diocese em 30/10/1980. - Em 25/11/1961 o nome da Prelazia de Chapada foi alterado para Prelazia de Rondonópolis. Em 15/02/1986 foi elevada à Diocese. Em 25/06/2014 o nome da Diocese foi alterado para Diocese de Rondonópolis/Guiratinga recebendo o território da suprimida Diocese de Guiratinga.
1950 – 1960	Região Nordeste: Afogados da Ingazeira, Vitória da Conquista, Patos, Ruy Barbosa, Estância, Propriá, São Raimundo Nonato. Região Sudeste: Marília, Santo André, Patos de Minas, Sete Lagoas, Governador Valadares, Cachoeira de Itapemirim, São Mateus, Aparecida, Divinópolis, Jales, Presidente Prudente, São João da Boa Vista, Nova Friburgo, Nova Iguaçu, São João del Rei, Teófilo Otoni. Região Sul: Passo Fundo, Tubarão, Londrina, Maringá, Chapecó, Campo Mourão, Toledo, Santa Cruz do Sul, Bagé. Região Centro-Oeste: Goiânia, Uruaçu, Campo Grande,	Região Norte: Tefé, Cametá, Tocantinópolis, Parintins, Cristalândia, Óbidos. Região Nordeste: Santo Antônio de Balsas, Carolina. Região Centro-Oeste: Formosa.	- A prelazia de Tocantinópolis foi elevada à Diocese em 14/11/1980. - A prelazia de Parintins foi elevada à Diocese em 30/10/1980. - A prelazia de Óbidos foi elevada à Diocese em 09/11/2011. - A Diocese de Vitória da Conquista foi elevada à arquidiocese em 16/01/2002. - A Diocese de Aparecida foi elevada à Arquidiocese em 19/04/1958. - A Diocese de Passo Fundo foi elevada à Arquidiocese em 13/04/2011.

	Dourados, Brasília,		- A prelazia de Formosa foi elevada à Diocese em 16/10/1979. - A Diocese de Goiânia foi elevada à Arquidiocese em 26/03/1956. - A Diocese de Brasília foi elevada à Arquidiocese em 11/10/1966.
--	---------------------	--	---

Fonte: CERIS, 2012¹⁵⁴

Percebe-se que houve um acentuado crescimento das circunscrições eclesiais entre 1890 a 1930, principalmente na região sudeste (quadro 1), e essa expansão perdurou após a Primeira República, com um maior incremento na região sudeste no período de 1950 a 1960. Nos primeiros quarenta anos da República, foram criadas 64 dioceses e 4 prelazias. Já no período de 1930 a 1960, foram criadas 56 dioceses (destas, 2 foram elevadas à Arquidiocese, dentro deste mesmo período) e 9 prelazias (sendo que 1 foi elevada à Diocese dentro deste mesmo período). Pode-se averiguar também que as regiões sudeste e nordeste, entre os anos de 1930 e 1960, sempre tiveram dioceses criadas, ficando as regiões centro-oeste, norte e sul com um número inferior se comparadas a estas regiões do país.

A criação da Diocese de Leopoldina se deu em 1942. As dioceses são consideradas “instrumentos necessários para garantir uma presença mais efetiva da instituição católica na sociedade brasileira”¹⁵⁵. Segundo Pereira¹⁵⁶, era projeto da Nunciatura Apostólica desmembrar dioceses muito extensas, para melhor organizar a administração delas. Desmembrando a Arquidiocese de Mariana, surgiu a Diocese de Belo Horizonte, em 1921 e a de Juiz de Fora, em 1923. Ambas foram elevadas, posteriormente, à categoria de arquidiocese. E a Diocese de Leopoldina foi resultado do desmembramento das Arquidioceses de Mariana e de Juiz de Fora, conforme a carta petição de criação, que Dom Helvécio enviou ao Papa Pio XII¹⁵⁷.

A motivação para a criação da Diocese de Leopoldina foi diferente de outras vizinhas, como por exemplo, a de Juiz de Fora, que foi uma resposta à solicitação de uma representação da comunidade que se dirigiu a Dom Helvécio Gomes de Oliveira, arcebispo de Mariana-MG, em uma visita a Juiz de Fora-MG, em abril de 1923. No caso de Leopoldina, foi Dom

¹⁵⁴ Anuário Católico – Edição 2012 – Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais – CERIS.

¹⁵⁵ AZZI, Riolando. *Presença da Igreja na Sociedade Brasileira e Formação das Dioceses no Período Republicano*. In: SOUZA, Rogério Luiz de; OTTO, Clárcia (org.). *Faces do Catolicismo*. Florianópolis: Insular, 2008.

¹⁵⁶ PEREIRA, Mabel Salgado. *Dom Helvécio Gomes de Oliveira, um salesiano no episcopado: artífice da Neocrisandade (1888-1952)*. Tese (Doutorado em História Social da Cultura) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p.246, 2010.

¹⁵⁷ Cf. Anexo 1

Helvécio quem demonstrou o anseio e a necessidade de se criar a diocese, no intuito de aproximar o bispo de seus fiéis, como ele mesmo registrou na ata de uma reunião realizada para a fundação do bispado de Leopoldina, em 7 de janeiro de 1940, cuja finalidade seria: “ a criação de um bispado para dirigir os destinos espirituaes do sector de sua vasta Archidiocese, situado na Zona da Matta Mineira”¹⁵⁸. Na mesma ata, ele justifica o desmembramento e a escolha da cidade de Leopoldina:

À facilidade com que um bispo, collocado em uma das cidades centraes desta zona poderá, rapidamente, communicar-se com seu clero, estimulal-o no cumprimento de seus deveres sacros, em que se baseiam a ordem e a prosperidade e a grandeza espirituaes e materiaes de 380000 almas desta vasta região. Dentre essas cidades salienta-se Leopoldina, já pela Igreja em construcção, cuja grandiosidade mereceria tal recompensa para os fieis desta querida freguesia, já pelo entusiasmo com que elementos preponderantes da sociedade leopoldinense acolheram esta ideia, chegando alguém a dizer: “ – D. Helvécio, porque a séde deste bispado não será Leopoldina”?¹⁵⁹

A Igreja à qual o arcebispo se referia na ata era a nova Matriz de São Sebastião, que começou a ser construída em 1928, passando ao *status* de Catedral, em 1942, com a criação da Diocese.

A ideia de criação foi prontamente aceita pelos presentes à reunião, segundo consta na ata e a constituição do patrimônio logo foi colocada em prática. Nesta ata, o Cônego Modesto de Paiva, vigário forâneo da comarca, revelou que Dom Helvécio seria “o primeiro e maior doador da organização do patrimônio da nova diocese”.¹⁶⁰ A ata registra que Dom Helvécio “dá á nova diocese cerca de 50 de seus sacerdotes e sacerdotes moços, empreendedores obedientes a seu Pastor”¹⁶¹. Os participantes da reunião não colocaram nenhum empecilho para a constituição do patrimônio. O arcebispo deu o prazo de três meses para isso, prorrogado até 30 de junho, caso necessário. Terminando a reunião, Dom Helvécio disse abrir no dia seguinte, isto é, 8 de janeiro de 1940, no Banco Mineiro da Produção, uma caderneta intitulada: “Archidiocese de Marianna” – para a fundação da Diocese de Leopoldina. Esclareceu ainda que, se na data marcada, o patrimônio não estivesse organizado, todos os

¹⁵⁸ Arquivo 5 – Gaveta 3 – Pasta 2 - Criação da Diocese de Leopoldina e Juiz de Fora – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – Mariana – MG. Mantida a grafia original. Cf. a íntegra da ata em Anexo 2.

¹⁵⁹ Idem. Mantida a grafia do documento original.

¹⁶⁰ Arquivo 5 – Gaveta 3 – Pasta 2 - Criação da Diocese de Leopoldina e Juiz de Fora – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – Mariana – MG.

¹⁶¹ Arquivo 5 – Gaveta 3 – Pasta 2 - Criação da Diocese de Leopoldina e Juiz de Fora – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – Mariana – MG. Na mesma ata explica-se que para cada 5 padres o seminário menor de Mariana gastava 170:000\$000. Então cada sacerdote custaria 35 contos, pelo menos. E além disso, os sacerdotes da Zona da Mata enviavam anualmente a Mariana cerca de 50 contos, o que daqui por diante ficaria sem, com a criação da Diocese de Leopoldina.

donativos voltariam aos seus respectivos doadores. “Caso contrário, como espera, ao término do prazo, S. Excia descerá ao Rio de Janeiro, a fim de apresentar ao Exmo. Legado da Santa Sé, o requerimento de criação. De mais um bispado mineiro, que será o 12º extraído do legendário áureo trono episcopal de Mariana”¹⁶².

Participaram dessa reunião, conforme citado na ata, representantes de vários segmentos da cidade como Dr. Carlos Coimbra de Luz – diretor gerente da Caixa Econômica Federal; Dr. Joaquim Cândido Ribeiro Junqueira – representando o Sr. Dr. José Monteiro Ribeiro Junqueira, do Banco Ribeiro Junqueira; Sr. Agostinho Marciano de Oliveira – presidente da Conferência Vicentina, Cônego Modesto de Paiva – vigário forâneo da Comarca e vigário da cidade de Cataguases, Padre José Domingues Gomes – vigário da paróquia de Leopoldina, Major Lauro Guimarães – secretário da sessão, auxiliado pela Srtª Ernestina Pagano¹⁶³.

Na ata, percebe-se que a criação da Diocese de Leopoldina era uma iniciativa do arcebispo e que a reunião seria apenas para informar uma decisão que ele já havia tomado. Infere-se que já teria ocorrido um encontro anterior com esses “elementos preponderantes da sociedade leopoldinense”, que, segundo o arcebispo, “acolheram a ideia”, sendo a referida reunião, então, um desfecho desse projeto de desmembramento.

Seguindo o plano estabelecido, formado o patrimônio, Dom Helvécio envia carta petição ao Papa Pio XII, originalmente em latim.

A solene instalação da Diocese se deu em 05 de agosto de 1942, resultando do desmembramento das Arquidioceses de Mariana e Juiz de Fora. Era um momento conturbado mundialmente com a II Guerra, que, entre tantas outras consequências, dificultou a tramitação de documentos entre o Vaticano e o Brasil. Por isso, para que ficasse documentada a criação, foi redigido um decreto, assinado pelo Núncio Apostólico, Bento Aloizi Mazela em 31 de maio de 1942. A Bula “*Quae ad maius*” chegou posteriormente e Monsenhor Antônio Chamel, gentilmente cedeu a tradução da mesma¹⁶⁴.

A cronologia da Diocese:

- 28 de março de 1942 – divisão do território pertencente à arquidiocese de Mariana;
- 25 de abril de 1942 – declarada ereta e constituída a Diocese;
- 05 de agosto de 1942 – instalação solene da Diocese.

O jornal *Gazeta de Leopoldina*, deu destaque na primeira página para as solenidades da instalação da Diocese, inclusive relatando toda a programação.

¹⁶² Arquivo 5 – Gaveta 3 – Pasta 2 - Criação da Diocese de Leopoldina e Juiz de Fora – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – Mariana – MG.

¹⁶³ Arquivo 5 – Gaveta 3 – Pasta 2 - Criação da Diocese de Leopoldina e Juiz de Fora – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – Mariana – MG.

¹⁶⁴ Cf. em Anexo 3.

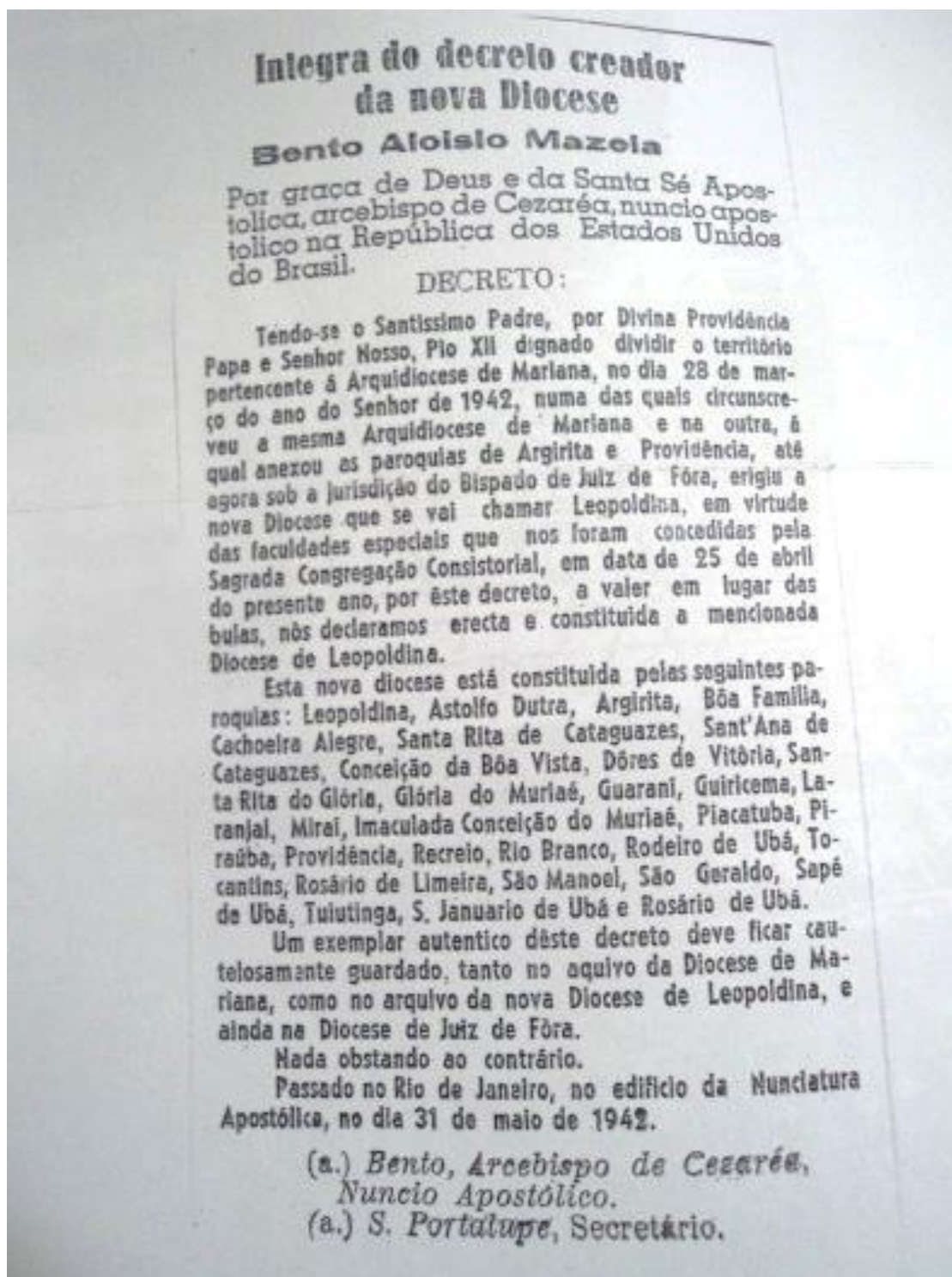
Imagem 8: Notícia sobre a instalação da Diocese de Leopoldina



Fonte: Jornal Gazeta de Leopoldina¹⁶⁵ de 5 de agosto de 1942. Ano XLVIII, nº 32, p.1.

¹⁶⁵ Exemplares de *A Gazeta de Leopoldina* estão arquivados na Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho em Leopoldina – MG, além do Arquivo Público Mineiro e Fundação Biblioteca Nacional. A periodicidade era de duas vezes por semana. Os redatores eram: Ribeiro Junqueira e Augusto Teixeira. Secretários-gerentes: Domingos Ribeiro; Alberto Guimarães e Nestor Capdeville. (Informações obtidas na Fundação Biblioteca Nacional).

Imagem 9 - Decreto de Criação da Diocese de Leopoldina



Fonte: Este documento foi publicado no jornal Gazeta de Leopoldina – Edição de 20 de agosto de 1942.

A antiga Igreja Matriz construída no alto do morro foi demolida em 1927 para que uma nova fosse edificada, com ares mais suntuosos, o que influenciou na escolha de Dom Helvécio para a sede do novo bispado. A pedra fundamental da nova matriz foi lançada em 1928.

O jornal *O Leopoldinense* trouxe na primeira página da edição nº 242, a seguinte imagem com a descrição que segue:

Imagem 10: As Obras da Catedral



Fonte: Jornal *O Leopoldinense* – Ano XI – nº 242 – 1 de set 1957 – p. 1 e 4. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

A Catedral de Leopoldina - O conjunto arquitetônico, por acabar, que se contempla na Praça Dom Helvécio, dominando toda a topografia leopoldinense, surgiu com o tempo, dependendo de fatores múltiplos e associado intimamente ao histórico da cidade. Deveras o histórico da Catedral relembra a quem o estuda ou conhece, os nomes mais ilustres aparecidos nas últimas décadas e nos quais Leopoldina reconhece seus maiores benfeitores. Ligando o seu passado religioso e cultural aos contornos artísticos da Catedral, Leopoldina gloria-se de perpetuar assim a memória de seus principais vultos, inscrevendo seus nomes nas lages mármores deste Templo monumento. Uma das iniciativas para a sua construção foi o ilustre sacerdote padre Aristides de Araújo Porto, então pároco da antiga matriz. Neste particular, também Mariana, pelo nome venerando de D. Helvécio Gomes de Oliveira, mereceu destacar-se, pois de lá, aos 27/04/1926, partiu a portaria que nomeava a Comissão construtora da nova Matriz Leopoldinense. Ao Pe. Aristides de Araújo Porto coube distribuir as atribuições, o que fez competentemente na escolha do ilustre engenheiro, Dr. Ormeo Junqueira Botelho para idealizar a planta, enquanto para a realização do projeto e o plano de construção nomeou respectivamente ao Dr. Luiz Dantas de Castilho e o Sr. Antonio Couto, todos homens de gosto artístico e aptos a realizações vultosas. Prosseguia célere a obra que todos os leopoldinenses elevavam com seus donativos, preces e sacrifícios. Entretanto a 30 de agosto de 1931 o iniciador e empreendedor

dos trabalhos pela construção foi chamado à honra do Episcopado¹⁶⁶, devendo assim confiar seus planos a um sucessor. Mas cuidou a providência de doar aos católicos leopoldinenses um incansável apóstolo, que não pouparia suas energias para (ilegível) a continuação dos trabalhos iniciados. E o Revmo sacerdote, Pe. José Domingues não só ampliou a comissão de obras com novos membros, senão que soube desenvolver o campo das atividade no plano da arrecadação de donativos para as despesas que sempre mais se avolumaram. Acresce, porém, que com a criação do Bispado, teve o Pe. José Domingues de despender também suas forças em setores múltiplos e imprescindíveis. Entretanto o espaço intermédio entre 1931 e 1943 foi o suficiente para que pudesse apresentar à Leopoldina católica um templo de majestosos contornos e primorosa orientação artística, ainda inacabado. Mas outubro de 1943 trouxe aos céus de Leopoldina nova aurora a doirar os seus convalés e despertar a admiração e confiança; surge, pois, no solo Leopoldinense mais uma prova de predileção divina para a Diocese recém criada. Ao assumir as responsabilidades pastorais da Diocese D. Delfim Ribeiro Guedes já encontrara plantada no coração dos leopoldinenses a planta da generosidade, o tributo da veneração e respeito, que sua grei viria demonstrar do decurso de suas atividades administrativas. Atendido em seus apelos pela maioria dos fiéis leopoldinenses, poude D. Delfim não só realizar melhoramentos na Catedral, como ainda voltar suas vistas de pai carinhoso e diligente a outros empreendimentos de execução inadiável. Não pode faltar ao histórico da Catedral o nome de Curas que com ânimo e entusiasmo deram o melhor de seus esforços para o desenvolvimento das obras: Cº. Raul de Faria Cunha, Pe. Messias Passos, Cº Geraldo Mendes Monteiro, Pe. José Cândido Diniz, Pe. Renato Cesar Leite e Pe. José Zamagna, que cooperaram com Sua Excia. D. Delfim Ribeiro Guedes para os trabalhos assinalados nos últimos anos como a construção do piso, feitura do teto de concreto, compra do artístico altar de mármore do Santíssimo Sacramento, construção do Altar Mor, aquisição de alfaias, obtenção de preciosas imagens, pavimentação em mármore do presbítero. E para quem eleva pouco seus olhares ao céu, encontra-se a contemplar o soerguimento da torre, cuja planta definitiva já está elaborada, só esperando a compreensão e ajuda de católicos leopoldinenses. No curto prazo de um ano, de 1956 até o momento, além das energias, foram gastos nas obras da Catedral mais de 1 milhão de Cruzeiros. A esses benfeitores Deus faça cair suas mais eleitas bênçãos.¹⁶⁷

Várias notícias deram enfoque à dificuldade para angariar recursos para a construção da Catedral e, posteriormente, aos empreendimentos necessários à formação do Patrimônio da Diocese.

¹⁶⁶ O Pe. Aristides de Araújo Porto foi nomeado por Pio XI, no dia 30 de agosto de 1931, Bispo Coadjutor de Dom João Antônio Pimenta, em Montes Claros. Com direito a sucessão, assumiu a Diocese de Montes Claros, sendo seu 2º bispo, com a morte de Dom João em 20 de julho de 1943. Exerceu o bispado de 1943 até sua morte em 07 de abril de 1947. Cf: arquivoc.com/segundo-bispo-de-montes-claros-dom-aristides-de-araujo-porto/. Acesso em nov/2018.

¹⁶⁷ Jornal *O Leopoldinense* – Ano XI – nº 242 – 1 de set 1957 – p. 1 e 4. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. Mantida a grafia do documento original.

O Jornal *Gazeta de Leopoldina*¹⁶⁸ noticiou: “a empresa Salvador Rodrigues, em 26 de janeiro dará duas sessões cinematográficas no Cine Theatro Alencar em benefício da Igreja matriz local”¹⁶⁹. Em outra edição o mesmo jornal trouxe:

Egreja Matriz – Estamos informados de que a subscrição aberta em favor da reconstrução do nosso bello templo catholico não atinge o *quantum* necessario para execução de todas as obras. Ao que sabemos, a importância dos donativos feitos até hoje para reconstrução do nosso bello templo atinge apenas a importância de 60:500\$000. As obras necessárias, imprescindíveis na Egrejá Matriz, foram orçadas em quantia bastante mais elevada do que acima referida. Assim, tornou-se necessário que os catholicos leopoldinenses e amantes do progresso deem o melhor dos seus esforços em benefício do nobre fim, para que Leopoldina possa se ufanar de possuir um dos mais belos templos da zona, deixando bem em evidência o espírito acentuadamente religioso que caracteriza a população do município.¹⁷⁰

A morosidade das obras e a dificuldade para arrecadar donativos para as edificações necessárias à formação da Diocese também foram registradas em edições do jornal *O Leopoldinense*.

Verificou-se intensa campanha nas chamadas do jornal no ano de 1956, com objetivo de, além de divulgar as obras, sensibilizar a comunidade para doações que se faziam necessárias e urgentes. Registro alguns exemplos.

Edição de 1/01/1956 – nº 204 - p. 1 – Sobre a Torre da Catedral

Tôrre da Catedral – O eminente governador do estado, Prof. Clóvis Salgado Gama, concedeu de bom grado a importância de CR\$80.000,00 para as Obras Diocesanas. E, tendo em vista os anseios dos diocesanos leopoldinenses, o Sr. Bispo Diocesano destinou uma importância à construção da majestosa tôrre de nossa Catedral. Assim mais uma vez, o Governador Clóvis Salgado Gama beneficiou sua terra natal. E a beneficiou agora colaborando com os leopoldinenses para que possam concluir essa importante obra e fazer de sua Catedral o mais importante edifício da cidade. A Diocese rende ao Governador Clóvis Salgado Gama o testemunho de seu grande reconhecimento. Urge agora que todos cooperem para que, o quanto antes, tenhamos a tôrre de nosas Catedral. Erguermos essa tôrre será uma das maneiras de comemorarmos em 1956, as Bodas de Prata sacerdotais do Sr. Bispo Diocesano.¹⁷¹

¹⁶⁸ O jornal *Gazeta de Leopoldina* foi fundado em abril de 1895 e era dirigido e controlado pela família Junqueira. Cf.: historiadoensino.blogspot.com/2014/08/a-gazeta-de-leopoldina-historia-do.html

¹⁶⁹ Jornal *Gazeta de Leopoldina* – edição de 20 de janeiro de 1928. Acervo da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho – Leopoldina – MG. Mantida a grafia do documento original.

¹⁷⁰ Jornal *Gazeta de Leopoldina* – edição de 05 de fevereiro de 1928 – nº 120. Acervo da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho – Leopoldina – MG. Mantida a grafia do documento original.

¹⁷¹ Jornal *O Leopoldinense* – Ano X – nº 204 – 01 de jan 1956 – p. 1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. Mantida a grafia do documento original.

Edição de 01/02/1956 – nº 206 - p. 1 – Sobre a Festa de São Sebastião

A Festa deixará um saldo de aproximadamente Cr\$100.000,00, que será, junto com as importâncias existentes, empregado nas obras finais da Catedral, especialmente no levantamento da majestosa torre, cuja planta se acha exposta em vitrine da Casa Henriques Felipe.¹⁷²

O jornal trazia também, com certa frequência, os nomes dos benfeitores e valores doados, no sentido de que isso fosse imitado pelo restante da população, além de divulgar doações das famílias em intenção de seus entes falecidos, citando seus nomes a fim de que o gesto também fosse copiado por demais fiéis. Com intuito de angariar mais doações, foi feito um “Livro de Ouro”¹⁷³ para angariar contribuições para a torre e outras obras da Catedral.

As edições de *O Leopoldinense* traziam todo o andamento das obras. Provavelmente com duplo objetivo: o primeiro seria para dar transparência ao uso do dinheiro arrecadado e o segundo para sensibilizar as pessoas que ainda não haviam feito a sua doação, uma vez que o prosseguimento das obras dependia muito disso.

Nas edições dos próximos meses de 1957, são feitas menções sobre as obras do Seminário Diocesano, que viria a ser motivo de mais atraso nas obras da Catedral, uma vez que alguns funcionários que ali estavam foram deslocados para as obras do Seminário. Como foi noticiado na edição de nº 187¹⁷⁴, desde 1955 os seminaristas menores haviam sido transferidos para o Seminário Diocesano de Juiz de Fora-MG, enquanto os seminaristas maiores foram para o Seminário Maior de Mariana-MG. A edição de 15 de março de 1957 noticia a reabertura do Seminário Diocesano Nossa Senhora Aparecida e ainda informa que no dia 25 de março receberia novos seminaristas e que “o prédio está passando por uma reforma para melhor acolhida aos candidatos ao Sacerdócio.”¹⁷⁵

A edição de 01 de abril de 1957 tratou da nova turma do Seminário, formada de jovens de Leopoldina e de várias paróquias da Diocese. Voltou a informar que o prédio continuava em obras e que ainda haveria vagas para alunos ao Curso de Admissão e à 1ª série ginásial. A direção do Seminário foi entregue ao Reitor Pe. Antônio José de Chamel e Curi, que tomou posse no dia 28 de abril de 1957. O jornal também informou que as funções de

¹⁷² Jornal *O Leopoldinense* – Ano X – nº 206 – 01 de fev 1956 – p. 1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

¹⁷³ Jornal *O Leopoldinense* – Ano X – nº 220 – 15 de set 1956 – p. 1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

¹⁷⁴ Jornal *O Leopoldinense* – Ano IX – nº 187 – 01 de mar 1955 – p. 4. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

¹⁷⁵ Jornal *O Leopoldinense* – Ano XI – nº 231 – 15 mar 1957 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

Diretor Espiritual caberiam ao Sr. Pe. Geraldo de Moura. No fim da matéria, solicitaram-se doações para o término da obra.

A mesma edição trouxe na última página explicações sobre a paralisação das obras da Catedral:

Obras da Catedral – Há um mês, aproximadamente, encontram-se paralizadas as obras da Catedral. A reabertura do Seminário Diocesano fez necessária a transferência dos operários para serviços urgentes no prédio do seminário. Tão logo se concluem os melhoramentos em apreço, retornarão os operários à Catedral para o término da Torre. Enquanto isso, apelamos mais uma vez para a generosidade dos leopoldinenses que tão justamente almejam ver concluída a belíssima Torre de nossa Catedral. Os recursos financeiros são escassos. E, dentro em breve, com a volta dos operários para a construção, as “Obras da Catedral” deverão contar com os recursos necessários à solvência dos seus compromissos.¹⁷⁶

A edição de agosto de 1957 tratou do andamento da Torre da Catedral que ia se elevando e mostrou o apelo feito ao registrar “contemplando a majestosa Torre, que cada um possa dizer: “Fiz tudo que estava ao meu alcance para a construção da Torre””.¹⁷⁷

Na edição seguinte, ainda no mês de agosto, há o relato da fala de Dom Delfim à comunidade, numa celebração na Catedral, dando satisfação sobre o andamento da obra e fazendo mais pedidos de doações, neste caso específico, foi de uma cruz que seria colocada sobre a Torre.

A cruz da Torre da Catedral – Dirigindo-se aos seus diocesanos, hoje, na Catedral, o Exmo. Sr. Bispo levou ao conhecimento de todos que o trabalho de construção da terceira lage em concreto armado, que medirá, como as duas primeiras, aproximadamente, 64 metros quadrados. Essa lage supõe a construção simultânea de várias vigas de especial resistência, pois a construção que atualmente conta com 30 metros de altura, deverá prosseguir ainda por mais 20 metros. Na extremidade da agulha da Torre, será colocada uma GRANDE CRUZ, símbolo de nossa Fé e marco do espírito religioso do povo leopoldinense. O Exmo. Sr. Bispo Diocesano, em sua exposição do andamento dos trabalhos da construção da Torre, sugeriu então que a majestosa Cruz que deverá encimar a Torre, poderia ser ofertada por uma pessoa ou família de nossa cidade, pois constituiria imensa honra para quem quer que seja ter assim seu nome ligado ao grandioso momento de arte e fé católica que é a nossa imponente Catedral de São Sebastião. Esperamos, portanto, que a sugestão ou apelo de nosso Pastor Diocesano seja recebido com todo acatamento e prontamente compreendido.¹⁷⁸

¹⁷⁶ Jornal *O Leopoldinense* – Ano XI – nº 232 – 01 abr 1957 – p.4. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. (Mantida a grafia original).

¹⁷⁷ Jornal *O Leopoldinense* – Ano XI – nº 240 – 02 ago 1957 – p.4. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

¹⁷⁸ Jornal *O Leopoldinense* – Ano XI – nº 241 – 15 ago 1957 – p.4. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

Em outubro de 1957, o jornal fez uma relação entre as pessoas que ajudaram o Seminário e o recebimento de bênçãos e orações dizendo que “quem oferece donativos ao seminário Diocesano jamais será esquecido perante Deus, pois haverá sempre seminaristas e padres a rezarem pela felicidade dos Benfeitores das Vocações”.¹⁷⁹

A edição de 01 de novembro de 1957 traz a doação de uma ex-escrava descrita dessa forma

Obras da Catedral – A esmola da Escrava: curvada ao peso dos anos, bateu, outro dia, à Porta do Palácio Episcopal uma preta velha, que alcançou em sua juventude, já distante, os negros tempos da escravidão. Por sinal do que nos dizia, exibiu-nos ela cicatrizes dos golpes outrora recebidos de seu senhor e dos capatazes da Fazenda. Depois de discorrer algum tempo sobre os padecimentos dos escravos no *tronco* e no *bacalhau*, na palmatória e na chibata, estendeu-nos a mão, não para pedir, mas para ofertar Cr\$891,00 para as obras da Catedral. essa importância foi ajuntada não só com esmolas angariadas, mas principalmente com as economias da simpática velhinha. Deus recompense a escrava e benemérita católica, Sr^a Alda Maria Francisca, residente neste Município, na Serra dos Monteiros. No próximo número publicaremos novos donativos para a construção da Torre da Catedral. Informamos, entretanto, que os recursos da Catedral se acham esgotados.¹⁸⁰

Todas as notícias registradas até então dão conta da dificuldade de angariar donativos para as obras e ao mesmo tempo da grandiosidade delas. E percebe-se que não era só para a Catedral. De acordo com as orientações que constavam na ata da reunião para constituição do patrimônio, anteriormente citada, a nova diocese precisaria de todo um aparato para se estabelecer, além da Catedral, deveria ter a Residência Episcopal, o Seminário (formar novos padres), a Cúria Diocesana, que cuida da parte administrativa, entre outros. Assim, paralelamente às obras da catedral, fazia-se necessária a doação para as outras estruturas, seja para acabamento, seja para construção de fato.

A edição de 15 de janeiro de 1958 informa que 35,50 metros da Torre estavam prontos, faltando 14,50 metros, além da Cruz.

Como dito, paralelamente às obras da Catedral, as de outras edificações que faziam parte da Diocese também aconteciam, como as do Seminário Diocesano. Para angariar donativos e sensibilizar a população sobre a importância de um Seminário, a edição de 15 de fevereiro de 1958 traz explicação do que seria um Seminário.

Mas o que é um Seminário? Hoje todos já são capazes de dar uma explicação, pelo menos vaga, sobre a definição do seminário. Nem todos,

¹⁷⁹ Jornal *O Leopoldinense* – Ano XI – nº 244 – 01 out 1957 – p.2. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

¹⁸⁰ Jornal *O Leopoldinense* – Ano XI – nº 246 – 01 nov 1957 – p.2. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

entretanto, estão capacitados ainda a compreender a transcendência, o valor e as bênçãos divinas de um seminário. Talvez não reflitamos com objetividade sobre o significado desta palavra que enchia de esperanças os Padres do Concílio de Trento empenhados em reformar a piedade e o zelo do clero...É o Seminário uma providencial instituição da Igreja destinada a ensinar aos futuros levitas a piedade, ciência e obediência, tornando-os aptos a enfrentar as árduas lides do apostolado e os sacrifícios quotidianos que principiam nas primeiras horas da aurora e se prolongam até altas horas da noite (...) Vós, ó cristãos, sois afeiçoados e gratos a vossos párocos e os seguis, como as turbas seguiam o Cristo que eles representam. Eles são vossos na vida e na morte: batizam os vossos filhos; no tribunal do perdão, levantam a mão que perdoa, anima e conforta a alma angustiada pelo pecado; são eles que abrem o sacrário e vos dão Jesus, alimento das almas; choram convosco as desgraças; eles vos confortam e vos instruem com as imortais palavras do Evangelho. Quando a morte os arrebatava, vós chorais e, quantas vezes, ides buscar lenitivo e favores junto ao túmulo do venerando sacerdote. Mas quem vos dá esses anjos de paz e perdão? Quem vos garante de que não ficarão mudos os sinos da paróquia, silencioso o púlpito e vazia a Igreja, depois daquele dia triste em que a inexorável morte arrebatar o vosso vigário? É o Seminário que vos garante estas esperanças, no seminário está o futuro está o futuro de uma Diocese. (...) O que se faz ao seminário se faz a Cristo ao qual se preparam novos ministros. O bem que se faz ao seminário é também feito à pátria à qual se preparam melhores cidadãos. Se tal é a importância do seminário diante da Igreja nenhum cristão seja indiferente ante uma obra tão decisiva na vida da Igreja. Se cada católico der a sua colaboração, quanto bem, quanto florescimento nas sementeiras do Sacerdote eterno.¹⁸¹

¹⁸¹ Jornal *O Leopoldinense* – Ano XII – nº 253 – 15 fev 1958 – p.3. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

Em março de 1958, *O Leopoldinense* trouxe o balancete da Festa de São Sebastião.

Imagem 11: Balancete da Festa de São Sebastião - 1958

Balancete da Festa de S. Sebastião		
Leopoldina, 20 de janeiro de 1958		
RECEITA		
Leilão de gado	Cr\$	94.220,00
Idem de suínos, aves e outras prendas		30.516,00
Barraquinhas		32.177,50
Espórtulas e envelopes		23.320,00
Soma		180.233,50
DESPESA		
Carretos	Cr\$	3.713,00
Leiloeiros e ajudantes		3.200,00
Barraquinhas		3.394,00
Cúria Diocesana e outras despesas		4.685,00
Programas, madeira e ferragens		3.496,00
Soma		18.488,00
Saldo para a Catedral		161.745,50
APROVADO.		
<i>Deus recompense generosamente os benfeitores da Catedral de São Sebastião!</i>		
Leopoldina, 27 de fevereiro de 1958.		
† DELFIM, Bispo Diocesano.		

Fonte: Cf.: *Jornal O Leopoldinense* – Ano XII – nº 254 – 01 mar 1958 – p.2. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

Percebe-se, neste balanço, que a colaboração dos pecuaristas com a doação do gado para o leilão chegava a ser maior que todas as outras arrecadações juntas.

Nessa mesma edição de março de 1958, o jornal noticiava “Grande Show Musical” numa demonstração de que havia o envolvimento de vários segmentos da sociedade com o objetivo de promover e ajudar a Igreja em seu empreendimento, que seria o término das obras da Catedral.

No dia 9 de março, domingo, às 10 horas, será apresentado no Palco do Cine Brasil um grande Show em benefício da Torre da Catedral. Teremos ocasião de apreciar a dupla do Rádio e da TV Paulista: MARÚ e MARILDA, com a participação dos artistas da ZYK-5, Rádio Sociedade Leopoldina, sob o comando de Roberto Yung, o popular XAMÊGO. À distinta Direção do Cine Brasil, aos artistas de fora e daqui, à ZYK-5, a todos que trabalharam

para este espetáculo, e a todos que lá compareceram, nossos sinceros agradecimentos e votos de muitas felicidades.¹⁸²

Em 01 de maio de 1958, *O Leopoldinense* noticiava o tão esperado término da torre, mencionando que após 18 meses a Torre da Igreja Catedral foi levantada. A notícia enfatizava que foi um feito representativo de parte da comunidade leopoldinense, à qual o jornal agradecia e, ao mesmo tempo, provocava a outra parte que não havia colaborado e que criticava a obra, como se observa no texto:

Levantou-se, pois, a imponente estrutura da Torre consubstanciada em pedra, cimento e ferro, destinada a testemunhar perenemente a devoção de numerosos (não de todos!) leopoldinenses e de não poucos amigos desta Diocese ao glorioso Mártir São Sebastião. As torres das igrejas são índice de religiosidade de um povo e também sinal de contradição. Para uns, elas evocam o Céu, para outros são ocasião de revolta contra Deus e sua única e verdadeira Igreja. Uns se sacrificam para levantá-las, outros maldizem-nas porque tem medo de ficar pobres...Assim acontece alhures e aqui também, onde na boca de muitos ricos, sobram PALPITES mas falta no coração, além do amor à terra natal, o amor a Deus sobre todas as coisas. A majestosa Cruz da Torre da Catedral será colocada, se Deus quiser, no decorrer deste mês consagrado a Nossa Senhora.¹⁸³

Na continuação da notícia, trata-se também da inauguração dos sinos¹⁸⁴ e os nomes escolhidos para os mesmos.

Esperamos em Deus, que, até o fim de junho p.f., possamos inaugurar os novos sinos da Catedral. Como está prescrito pela Liturgia*, cada sino receberá o nome de uma Santo. Os três sinos¹⁸⁵, encomendados para a Catedral à Fábrica “Irmãos Bellini e Cia. Ltda”, do Rio Grande Do Sul, receberão, respectivamente, por ordem decrescente de tamanho, os seguintes

¹⁸² Jornal *O Leopoldinense* – Ano XII – nº 254 – 01 mar 1958 – p.4. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

¹⁸³ Jornal *O Leopoldinense* – Ano XII – nº 258 – 01 mai 1958 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

¹⁸⁴ Quando um novo sino é instalado em uma igreja, ele é tradicionalmente abençoado pelo bispo ou pelo pároco. Antigamente a cerimônia da bênção do sino espelhava a do batismo, e a atual cerimônia ainda exige o uso da água benta. Os sinos até recebem um nome, homenageando geralmente um santo padroeiro ou a Santíssima Virgem Maria. O Ritual Romano apresenta uma bênção solene aos sinos das igrejas e explica o simbolismo e o poder espiritual que eles passam a ter quando abençoados. A prece do Rito pede: “Derramai, Senhor, sobre esta água a bênção celeste e fazei descer sobre ela a virtude do Espírito Santo, para que, tendo sido rociado com ela este vaso, destinado a convocar os filhos da Santa Igreja, dos lugares onde ressoar este sino, se afaste para longe a virtude das ciladas dos inimigos, a sombra dos fantasmas, a violência dos turbilhões, os golpes dos raios, os estragos das trovoadas, os desastres das tempestades e todos os espíritos das procelas; e, ao ouvirem a sua voz os filhos dos cristãos, aumente intensamente a devoção para que, correndo para o grêmio da sua piedosa mãe, a Santa Igreja, vos cantem na assembleia dos Santos um cântico novo, que reproduza o som vibrante da trombeta, a melodia do saltério, a suavidade do órgão, a exultação do tambor, a alegria do címbalo, para que, no templo santo da Vossa glória possam com suas homenagens e preces convidar a multidão do exército dos Anjos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, que Convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo de Deus, por todos os séculos dos séculos”. Cf. em <https://pt.aleteia.org.be/2017/08/31/o-surpreendente-poder-espiritual-dos-sinos-das-igrejas/>. Acesso em dez/2018.

¹⁸⁵ Atualmente, encontram-se cinco sinos na Torre da Catedral.

nomes: Mártir São Sebastião, Santo Antônio Maria Claret e Santa Teresa do Menino Jesus. Os sinos serão movidos à eletricidade. Quem gostaria de ofertar qualquer um desses sinos à Catedral?¹⁸⁶

O Cânon 1169¹⁸⁷ trata do uso dos sinos nas igrejas. No §1: “é conveniente que todas as igrejas tenham seus sinos, com os quais se convidam os fiéis aos ofícios divinos e demais atos religiosos”. No §2: “também devem consagrar ou benzer os sinos das igrejas conforme os ritos contidos nos livros litúrgicos aprovados”.

Em julho de 1958, finalmente é noticiada a colocação da cruz na torre da Catedral

A cruz da Catedral – Amanhã, dia de Nossa Senhora do Carmo, será levantada, no alto de imponente torre da Catedral de São Sebastião de Leopoldina, a grandiosa Cruz que dominará os céus de nossa cidade, como sentinela avançada das preces e das vigílias de um povo cristão que clama por Deus, e por bênçãos divinas aos problemas que nos afligem.¹⁸⁸

Dessa forma, a Igreja, através do jornal, mostra o poder dos sinais, dos símbolos que a representam, como a Cruz, que tem, entre os cristãos, uma forte representatividade. Percebe-se, ainda, que a todo o momento era dada a satisfação e prestação de contas do emprego dos donativos, com notícias em quase todas as edições de *O Leopoldinense* sobre o andamento das obras da Catedral e de outros empreendimentos da Diocese.

Eram comuns as ameaças de paralisação das obras. Mediante a falta de doações, o jornal apelava para que aqueles que ainda não tinham contribuído para que fizessem suas doações, atrelando ao gesto as bênçãos dos padroeiros. E destacava, nominalmente, aqueles que faziam as doações.

Que Nossa Senhora Aparecida, São Sebastião e Santa Filomena abençoem cada vez mais a seus devotos, protegendo de modo especial os generosos benfeitores de suas Obras. Citando-lhes os nomes nesta página, fazemos-lhes um agradecimento sincero e apontamos este exemplo que deve ser repetido por todos os fiéis. Se os fiéis não cooperarem com suas generosas ofertas, as Obras serão interrompidas acarretando grande prejuízo para todos; todos compreendem bem as sérias dificuldades cada vez maiores da hora presente.¹⁸⁹

¹⁸⁶ Jornal *O Leopoldinense* – Ano XII – nº 258 – 01 mai 1958 – p.1 Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

¹⁸⁷ CÓDIGO DE DERECHO CANÓNICO Y LEGISLACIÓN COMPLEMENTARIA. Texto latino e versión castellana, con jurisprudencia y comentarios. Madrid: La Editorial Catolica, 1957, Can.1169, p.435/6.

¹⁸⁸ Jornal *O Leopoldinense* – Ano XII – nº 263 – 15 jul 1958 – p.4. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

¹⁸⁹ Jornal *O Leopoldinense* – Ano XII – nº 274 – 01 jan 1959 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

Em agosto de 1959, *O Leopoldinense* lista mais uma vez os benfeitores das obras e agradece as doações. A chamada traz apelo aos que são ricos e ainda não fizeram suas doações. Destaquei o trecho em que se diz que as obras foram interrompidas por falta de verbas.

(...) Fazemos o agradecimento e apontamos o exemplo. Que pelo gesto encontre imitadores por toda a parte, a começar de nossa cidade. Que haja um surto de generosidade para com as obras da Catedral – interrompidas até agora por falta de donativos. Sejam generosos para com Deus. Quem é que não tem um favor a agradecer a Deus? Quem é que não precisa de uma graça de Deus? Saibamos demonstrar nossa gratidão por meio de um generoso donativo para as Obras da Catedral. O dinheiro do pobre se multiplica nas Obras da Igreja e realiza maravilhas, com a graça de Deus. Mas o dinheiro do rico também é necessário. Os ricos também poderiam oferecer alguma coisa. E muitos ainda não o fizeram. Pelo menos para que sua riqueza não seja causa de condenação eterna, os ricos deveriam fazer donativos (de acordo com sua riqueza!) para as Obras da Catedral. **A Torre da Catedral, com os andaimes apodrecendo, construção interrompida,** a Torre está dizendo à consciência de cada um: “você ainda não me deu o que deveria dar”. Serão colocados em breve na Catedral os Altares do Imaculado Coração de Maria e de Santa Filomena. Que os devotos do Imaculado Coração de Maria e de Santa Filomena, não só da Diocese, mas de toda parte até onde puder chegar este apelo, ofereçam seus generosos donativos, consigam de parentes e amigos alguma coisa em benefício destes altares para a Catedral de Leopoldina. E que Deus pague a todos por tudo que fizerem. Deus lhes pague.¹⁹⁰

Encerra-se o ano de 1959 sem mais notícias sobre o andamento das obras, e o ano de 1960 traria novas empreitadas para a Diocese, que forçosamente deixariam as obras da Catedral em segundo plano. O jornal desse ano faz poucas referências sobre elas, conforme se pode observar.

A edição de 15 de janeiro de 1960 informa que a renda da Festa de São Sebastião seria empregada “na reforma da tradicional Igreja do Rosário, tão cara de todos e tão necessitada de reparos”¹⁹¹. Destaco que o jornal trazia muitos detalhes sobre a história da Diocese e de Leopoldina e região. E em fevereiro teve destaque a história da Matriz de São José Operário e da Rádio Sirena¹⁹². No que diz respeito à história local, esse registro é importante, uma vez que *O Leopoldinense* é ainda uma fonte histórica desconhecida pela maioria da população.

¹⁹⁰ Jornal *O Leopoldinense* – Ano XII – nº 288 – 15 ago 1959 – p.2. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. (Grifos nossos).

¹⁹¹ Jornal *O Leopoldinense* – Ano XIII – nº 297 – 15 jan 1960 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

¹⁹² Sobre a Rádio Sirena, a edição de *O Leopoldinense* de 15 de fevereiro de 1960, p. 1 e 4, traz a seguinte notícia sobre seu funcionamento: “Às 21:30 do dia 3 corrente entrou no ar, em caráter experimental, a Rádio SIRENA, primeira emissora oficial do Sistema Rádio Educativo Nacional do Departamento Nacional de Educação. Já existem 60 Sistemas Radioeducativos Regionais Autônomos, dos quais 17 em funcionamento,

Sobre a Matriz de São José, o jornal trouxe o seguinte texto:

Em 1950, em virtude do crescimento da população da cidade, máxima da população operária, o Exmo. Sr. Bispo Diocesano resolveu criar mais uma paróquia, colocando-a sob o patrocínio de São José, modelo dos operários, cuja festa se celebra no dia 1º de maio. Assim, foi criada em 22 de outubro de 1950 a nova paróquia, situada nas vizinhanças da Fábrica de Tecidos, à margem da Rio-Baía, centro populoso em que predominavam os operários da indústria têxtil de Leopoldina. Para dirigir e administrar a recém criada paróquia, aqui chegaram os Revmos. Sr. Pes. Martinho Arntz, Egídio Donkers e Jerônimo Barten, da Ordem da Santa Cruz, procedentes de Belém do Pará. Não havia Igreja Matriz, não havia casa paroquial, mas os padres vieram para trabalhar e a cidade toda é testemunha da incansável capacidade de realização dos padres cruzios, atestando esta capacidade a bela e espaçosa Matriz em fase de conclusão e o convento recentemente iniciado, mas que ainda este ano estará pronto para ser habitado. A matriz provisória de São José funcionou inicialmente na Capela de São Pedro e mais tarde em salão gentilmente cedido pela Fábrica de Tecidos. Em janeiro de 1951, o terreno para construção da Igreja de São José foi doado pela Prefeitura Municipal, sendo Prefeito do Município o Sr. José Ribeiro dos Reis. A pedra fundamental do novo templo foi lançada solenemente no dia 03 de maio de 1953, dia da Santa Cruz, por S. Excia. Revma. Dom Delfim Ribeiro Guedes, iniciando-se a construção em setembro do mesmo ano. A planta da Igreja é de autoria dos engenheiros arquitetos Irmãos Francen, da Holanda, e obedece ao estilo neogótico, intermediário entre o gótico clássico e o colonial, e as obras já se acham bem adiantadas. A última aquisição da Igreja foi artístico altar de mármore, apoiado sobre seis colunas de mármore com base e capiteis em bronze, e que custou Cr\$280.000,00. Anexo à Igreja está-se construindo o convento que servirá de Noviciado e Seminário Maior da Ordem da Santa Cruz no Brasil, com capacidade inicial para 8 padres e 10 seminaristas no 1º pavimento, podendo aumentar-se a capacidade em outros andares sucessivos, conforme a necessidade. Ao lado do progresso material da paróquia de São José, assinala-se a boa formação religiosa aos paroquianos, ministrada pelos revmos. Sr. Padres da Santa Cruz. Em boa hora Nosso senhor mandou estes sacerdotes a nossa diocese, onde tem demonstrado verdadeiro espírito de apostolado na cura das almas.¹⁹³

estando em fase de instalação os demais. Entretanto a Rádio SIRENA, que acaba de ser instalada em Leopoldina, é a primeira oficialmente, mantida e dirigida pelo Ministério da Educação, através do Sistema Rádioeducativo Nacional. Logo nos primeiros instantes de irradiação experimental foi prestada homenagem a São Braz, cuja festa se celebrava naquele dia. Foi uma coincidência feliz, pois São Bras é protetor contra os males da garganta, sendo, portanto, protetor natural dos radialistas que tem de falar ao microfone. Logo a seguir, foi irradiada uma linda poesia de Ademar Tavares, intitulada “O Milagre de N. S. Aparecida. Destarte os trabalhos da Rádio SIRENA se iniciaram sob os melhores auspícios celestes. A nova emissora de Leopoldina terá três finalidades principais: - servir de radioeducadores modelo, mostrando, com que situação, como o rádio pode e deve contribuir para a educação popular; funcionar como centro de preparação e aperfeiçoamento do pessoal a serviço dos Sistemas Rádioeducativos Regionais espalhados por todo o território nacional; finalmente, funcionar como estação chave de um grande Sistema Rádioeducativo Regional para a Zona da Mata. (...).

¹⁹³ Jornal *O Leopoldinense* – Ano XIII – nº 298 – 01 fev 1960 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

Imagem 12: Torre da Igreja de São José em construção



Fonte: Fotos cedidas pela Secretaria da Paróquia de São José – Leopoldina - MG

Imagem 13 – Visão da Igreja de São José – com o convento em anexo.



Fonte: Fotos cedidas pela Secretaria da Paróquia de São José – Leopoldina - MG

Sobre a Rádio SIRENA, o jornal trouxe em várias edições ao longo de 1960 menções sobre seu funcionamento, demonstrando total apoio da Igreja à iniciativa de levar educação e cultura através do rádio. A nomeação do Cônego Geraldo Mendes Monteiro, que possuía também formação na área de comunicação, para ser Diretor da Rádio local, mostra que imprensa e rádio formariam um forte alicerce para a religião católica em Leopoldina. O exemplar do jornal de fevereiro de 1960 trouxe:

Rádio Sirena (Sistema Rádio Educativo Nacional) – Nossa reportagem palestrou rapidamente com o Revmo. Sr. Cônego Geraldo Mendes Monteiro, recentemente nomeado pelo Ministério da Educação para exercer o elevado posto de diretor da emissora local das Escolas radiofônicas para educação popular. A novel emissora transmitirá não só ensinamentos de alfabetização, mas também noções fundamentais de cultura geral e de educação, e seu possante som será ouvido em toda a região da zona da Mata. As obras estão em vias de conclusão devendo a rádio-emissora inaugurar-se, assim como a Escola Parque, na 1ª quinzena de março. A montagem dos pares obedece à competente orientação técnica dos Srs. Ivan Borghi, Roberto Moreira da Silva e Pe. Laurindo Rauber. Muito se espera da Rádio Sirena, pois seus objetivos são educativos e patrióticos: a) planificar, elaborar, gravar e distribuir Cursos Básicos de cultura popular; b) fomentar a criação de sistemas radiofônicos de iniciativa particular, orientar e assistir sua implantação e funcionamento.¹⁹⁴

A mesma edição, à pagina 3, fala da reforma da Igreja do Rosário, citando informações sobre colaboradores, estilo, responsáveis técnicos, entre outras.

Reformas na Igreja do Rosário – Desde o mês de dezembro último tem sido intenso o trabalho do Exmo. Sr. D. Delfim à frente da Igreja do Rosário, a fim de transformar aquele templo em morada digna de Nosso Senhor. Só com a aquisição de parâmetros, alfaia e demais objetos destinados ao culto divino empregaram-se para mais de Cr\$90.000,00. A Igreja passou por completa limpeza em sua parte interna, em caráter de urgência, processando-se agora a reforma do Salão Paroquial, para onde é pensamento do Exmo. Sr. Bispo transferir provisoriamente a sede da matriz, enquanto esta estiver sofrendo as reformas radicais e definitivas que se fazem necessárias. Nos trabalhos até agora efetuados o Exmo. Sr. Bispo tem contado com a valiosa colaboração das reverendas mães do Colégio Imaculada, além da cooperação e boa vontade do povo da paróquia do rosário e de várias pessoas assalariadas para este fim. As reformas no estilo arquitetônico da Matriz estão sendo objeto de estudo por parte do Dr. Luiz Moreira, competente engenheiro-chefe das obras do Parque Escola do Ministério da Educação em nossa cidade.¹⁹⁵

Verifica-se, na edição de maio de 1960, que a Igreja sofria críticas sobre as obras que fazia, sobre o uso do dinheiro, como se percebe nessa notícia, assinada pelo Pe. José Zamagna, diretor do jornal. A irritação e descontentamento do padre diante das atitudes de certas pessoas são nítidos.

Matriz do Rosário, de Leopoldina – Construída pelo Pe. Júlio Fiorentini, reformada pelo Pe. José Domingues Gomes, a Matriz de Nossa Senhora do Rosário, de Leopoldina, está atraindo a atenção de todos os leopoldinenses. Nos bons nasce o senso da responsabilidade, despertando a obrigação de

¹⁹⁴ Jornal *O Leopoldinense* – Ano XIII – nº 298 – 01 fev 1960 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

¹⁹⁵ Jornal *O Leopoldinense* – Ano XIII – nº 298 – 01 fev 1960 – p.3. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

contribuir para a atual reforma. Nos maus nasce o senso de irresponsabilidade, despertando o despeito que se manifesta pelas críticas estereis numa confissão pública de incompetência e de incapacidade para tudo que se requer um pouco de inteligência. (...) Temos que aproveitar o que está perfeito. O que estava estragado foi demolido, não existe mais. No momento estamos precisando urgentemente de todo o material necessário à reconstrução. Precisamos de dinheiro para pagar os operários. Precisamos da ajuda de todos os bons leopoldinenses. (...) A hora é de agir, de trabalhar, de contribuir, cada um como puder. Não é hora para discussões estereis. Não precisamos de palpites errados. Construção não se faz com PALAVRAS, com CONVERSAS. Precisamos, com urgência, é de dinheiro para fazer pagamentos. Precisamos, com urgência é de tijolos, telhas, cimento, ferro, areia, madeira, tinta, cal pedra, etc, etc. Todo material de construção. Que cada um saiba guardar com cuidado seus gostos e seus palpites...para construção de sua própria casa ou para quem pedir suas opiniões. Que cada um saiba fazer-se obedecido em sua própria casa. Na Igreja quem manda é o padre. Na atual reforma da igreja do Rosário quem está com a palavra é o Exmo. Sr. Bispo Diocesano. Ele é que está à frente do serviço. Ele é que sabe com que recursos pode contar (e também com que recursos não pode contar, pois, infelizmente ainda há muita ignorância em Leopoldina). Ele é que está em contato com o povo. Portanto, nossa obrigação de cristão e de cidadão, obrigação de quem recebeu formação religiosa e educação, é seguir orientação firme e segura, seguir as ordens do exmo. Sr. Bispo Diocesano, cumprindo nosso dever de justiça. Nosso dever é fazer tudo que pudermos para a atual reforma da igreja do Rosário: construção da parte demolida e todo o serviço de acabamento para lhe dar aquela majestade e beleza consoante ao aspecto religioso da casa de Deus e Porta do Céu.¹⁹⁶

A edição de junho de 1960 menciona que no mês de maio houve festa e muitas doações para as obras da Igreja do Rosário. Sobre as obras da Catedral, pouco se fala. A edição ainda chama a atenção de campanha para novos assinantes do jornal:

diante da responsabilidade de difundir a doutrina católica e considerando a imprensa meio poderoso e necessário para esta finalidade, vamos iniciar uma grande campanha de novos assinantes para “O Leopoldinense”, que é o órgão da Diocese de Leopoldina¹⁹⁷

Na edição de julho, *O Leopoldinense* cita a Circular de Dom Delfim cuja finalidade foi promover a expansão das escolas radiofônicas pela Diocese. A carta circular foi publicada em 15 de maio, e a notícia publicada em 1 de julho de 1960. Infere-se que havia um interesse da Igreja em instruir o povo para que seus ensinamentos, via jornal, fossem assimilados, para que não houvesse o domínio de uma classe sobre a outra, pela falta do conhecimento.

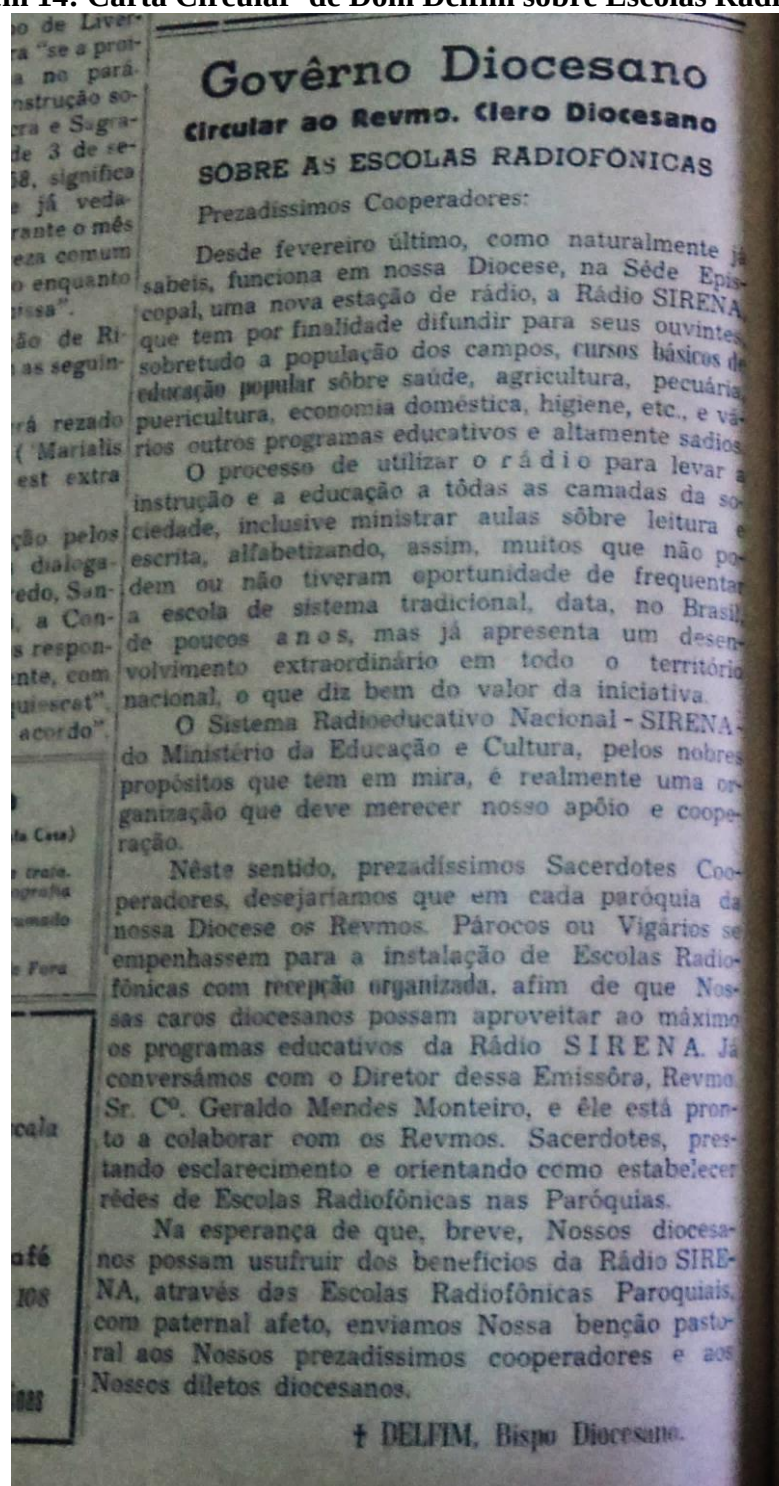
¹⁹⁶ Jornal *O Leopoldinense* – Ano XIII – nº 303 – 15 mai 1960 – p.1 e 4. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. Mantida a grafia do documento original.

¹⁹⁷ Jornal *O Leopoldinense* – Ano XIII – nº 305 – 15 jun 1960 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. Mantida a grafia do documento original.

Pretende a Diocese realizar convênio com o Governo – Teve ampla repercussão nos meios educacionais do país a Carta Circular que S. Excia. Revma. O Sr. Bispo Diocesano escreveu, recentemente, ao Clero desta Diocese, convidando-o a instalar Escolas Radiofônicas pelas paróquias, em colaboração à grande obra que ora o Governo realiza através do Sistema Radioeducativo Nacional (SIRENA), que tem por objetivo a educação fundamental do povo através do rádio, com recepção organizada. Após a publicação do referido documento, S. Excia. Revma. Já se dirigiu por telegrama ao Diretor Geral do Departamento Nacional de Educação, Dr. Heli Menegale, e chefe da SIRENA, Pe. Laurindo Rauber, oferecendo a cooperação que a Diocese pode prestar a tão relevante campanha, a educação de base do povo.¹⁹⁸

¹⁹⁸ Jornal *O Leopoldinense* – Ano XIII – nº 305 – 15 jun 1960 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

Imagem 14: Carta Circular de Dom Delfim sobre Escolas Radiofônicas



Fonte: Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano XIII – nº 303 – 15 mai 1960 – p.2. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

No jornal de 15 de julho, encontra-se notícia sobre a OPER – Organização Paroquial das Escolas Radiofônicas -, que tinha um plano: funcionaria na sede de cada paróquia um Comitê Paroquial formado por homens e mulheres em número de 5 pessoas, tendo diretor, secretário, tesoureiro e líderes. A finalidade do Comitê seria “coordenar as atividades

radiofônicas na Paróquia, sob a orientação técnica e pedagógica da Rádio sirena”¹⁹⁹. (...) Continuando a explicação, a matéria diz que cada Igreja filial seria um Departamento da Organização e a diretoria teria o mesmo número de elementos do Comitê Paroquial. Cada escola contaria com um monitor, que receberia treinamento na própria sede da Paróquia, de 10 dias, no mínimo. “Haja ou não haja escola rural nas proximidades, é conveniente que cada igreja filial seja a sede de uma Escola Radiofônica, além de outras que se instalem na região”²⁰⁰. A matéria termina instruindo sobre os trabalhos preparatórios para a instalação das Escolas Radiofônicas.

Em julho houve uma chamada pedindo doações para a pintura e reforma de algumas imagens da Igreja do Rosário, da Catedral e da Capela do Palácio.

Reforma e Pintura de Imagens – A convite do Exmo. Sr. Bispo Diocesano, encontra-se nesta cidade, há três meses, o competente pintor Sr. Antônio dos Santos Oliveira, do rio de Janeiro, para reformar e pintar grande número de imagens da Igreja do Rosário, da catedral e da Capela do Palácio. (...) Que os fiéis escolham então, de acordo com sua devoção uma das imagens acima mencionadas e façam sua oferta para custear estas despesas. Os mais favorecidos pela fortuna paguem a despesa completa de uma das imagens maiores. Os que podem menos deem também sua contribuição para ajudar nestas despesas forçadas.²⁰¹

Em setembro de 1960, *O Leopoldinense* registra a campanha coordenada por Dom Delfim para angariar donativos para a reconstrução da Igreja do Rosário.

No dia 20 p. passado, o Exmo. Sr. Dom Delfim promoveu uma reunião no Salão São João Bosco, a que compareceram representantes de todas as classes sociais de Leopoldina. (...) S. Excia. Revma. Explicou aos presentes a finalidade da reunião: Apresentação do Balancete e a situação real das obras da Catedral, Seminário e Igreja do Rosário. (...) Ouviram-se várias opiniões, que culminaram com a proposta do farmacêutico e industrial Joaquim C. Guimarães, sugerindo que se organizasse entre os presentes uma comissão encarregada de levantar UM MILHÃO DE CRUZEIROS para a reconstrução da Igreja do Rosário. (...) Por aclamação foram eleitas as seguintes pessoas para a CAMPANHA DE UM MILHÃO: Presidente: Fco. Joaquim C. Guimarães; Vice-Presidente: Dr. José Gomes Domingues; Tesoureiro: Sr. Pedro Domingues Chaves; Secretário: Prof. José de Andrade; membros: Prof. João Batista de Castro Alvim, Dr. Haroldo Maranha, Sr. José Carlos Junqueira Reis, sr. Rubens Duarte, Sr. Rafael Iennaco e Sr. Denerval Vargas. Na ocasião, foram arrecadados entre os presentes Cr\$96.000,00 depositados no Banco Mineiro da Produção, abrindo-se assim uma conta destinada à CAMPANHA DE UM MILHÃO.

¹⁹⁹ Jornal *O Leopoldinense* – Ano XIII – nº 307 – 15 jul 1960 – p.4. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

²⁰⁰ Jornal *O Leopoldinense* – Ano XIII – nº 307 – 15 jul 1960 – p.4. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

²⁰¹ Jornal *O Leopoldinense* – Ano XIII – nº 306 – 01 jul 1960 – p.4. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

O jornal não citou mais nenhuma notícia sobre as obras e sobre esta campanha, e a última edição encontrada no arquivo da Cúria foi de 15 de setembro de 1960, de número 311. Monsenhor Chamel, no documento²⁰² intitulado *Breve História da Catedral de Leopoldina*, diz que as obras se prolongaram até 1965, com a construção da torre e o aparelhamento geral da sacristia. Durante esses anos, a Catedral passou por diversas reformas e pinturas, sendo que, em 2006, foi construída a cripta para sepultura dos bispos.

Imagem 15: Matriz de São Sebastião em construção



Catedral de São Sebastião
em construção no início do século XX
Acervo Foto Jarbas

Fonte: CAPRI, 1916.

²⁰² O documento datilografado foi gentilmente cedido pelo Monsenhor Antônio Chamel e é datado de 28 de novembro de 2006.

Imagem 16: Catedral de São Sebastião – desenho da fachada principal



Fonte: Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano X – nº 205 – 15 jan 1956 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

Imagem 17: Catedral de São Sebastião – foto atual (Arquivo pessoal)



Fonte: Do autor, 2019.

2.4 – Dom Delfim, o mais novo bispo da Diocese de Leopoldina – MG (1943-1960)

Dom Helvécio, além da escolha da cidade para sediar o bispado, também sugeriu um nome à apreciação do Papa Pio XII. Seria o do jovem padre Delfim Ribeiro Guedes, que viria a ser o mais moço dos bispos que passaram pela Diocese. Para que um bispo fosse empossado, de acordo com o Código Canônico²⁰³ vigente à época, ele deveria ter algumas qualidades: que fosse filho legítimo, tivesse pelo menos trinta anos de idade, tivesse cinco anos de sacerdócio, fosse dotado de bons costumes, piedade, zelo pelas almas, prudência e demais qualidades que o fizessem apto para governar a diocese, fosse doutor ou pelo menos licenciado na sagrada Teologia ou em Direito Canônico em algum Instituto de Estudos aprovado pela Santa Sé; e se fosse religioso que tivesse recebido de seus superiores um título equivalente de verdadeira competência.

Dom Delfim Ribeiro Guedes, filho do Sr. Lucas Evangelista Guedes e da Sr^a. Amélia Ribeiro Guedes, nasceu em Maria da Fé – MG, em 02 de maio de 1908 e faleceu em 23 de fevereiro de 1985, como bispo emérito da Diocese de São João del Rei,.

Fez o estudo primário em sua cidade natal e o secundário no Seminário de Pouso Alegre – MG e no início de 1926 matriculou-se no Pontifício Colégio Pio Latino-Americano para terminar seu curso de Teologia em 1931. Segundo Vital²⁰⁴

este colégio foi inaugurado em 1858, no pontificado de Pio IX. Confiado aos jesuítas para a formação de bons padres, de professores competentes de filosofia e teologia para os seminários diocesanos e de futuros bispos afinados com a doutrina de Roma. A ideia era dar aos alunos formação teológica e espiritual adequada ao pensamento da Santa Sé para que ao retornar ao local de origem, repassassem o verdadeiro ensinamento romano. Os bispos brasileiros enviavam para o Pio Latino seminaristas que fossem considerados aptos para uma futura mitra episcopal. Ainda segundo Vital, era comum o Vaticano consultar lista de ex-alunos sempre que precisava nomear um bispo ou cardeal na América Latina. Ainda informa que o Pio Latino foi fundado pelo padre chileno Ignacio Victor Eyzaguirre, com a aprovação entusiástica do Papa Pio IX, que conhecera o continente latino-americano na juventude. Foi o primeiro papa a pisar o solo da América Latina. Em 1927, os bispos brasileiros, incomodados com o domínio da língua espanhola no Pio Latino, começaram a planejar a construção de um seminário brasileiro em Roma. Com apoio do Papa Pio XI, arrecadando recursos em suas dioceses, finalmente foi lançada a pedra fundamental do colégio brasileiro. Em 03 de abril de 1934, o prédio foi inaugurado na Vila

²⁰³ CÓDIGO DE DERECHO CANÓNICO Y LEGISLACIÓN COMPLEMENTARIA. Texto latino e versión castellana, con jurisprudencia y comentarios. Madrid: La Editorial Catolica, 1957, Art.331, p.131.

²⁰⁴ VITAL, J. D. . *Como se faz um Bispo: segundo o alto e baixo clero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

Aurelia, Roma. O primeiro grupo brasileiro era formado por 34 padres e seminaristas. Um deles, Agnelo Rossi, anos depois cardeal, recebeu a matrícula de número 1. Hoje, nem o Pio Latino nem o Pio Brasileiro acolhem mais seminaristas – somente padres. Dom Delfim recebeu, pois, esmerada educação em total harmonia com a visão de mundo emanada de Roma.

Imagem 18: Notícia da posse de Dom Delfim



Fonte: Cf.: Jornal Gazeta de Leopoldina – Ano XLIX – nº 52 – 07 nov 1943 – p.1.

Segundo registrado no livro dos bispos²⁰⁵ da Diocese de Leopoldina, Dom Delfim recebeu as ordens nas seguintes datas:

- Subdiácono: 30/05/1931
- Diácono: 20/07/1931
- Presbítero: 25/10/1931

Depois de sua ordenação, de volta ao Brasil, Dom Delfim exerceu as seguintes funções: foi vigário em Delfim Moreira-MG e Pouso Alegre-MG, capelão militar e Reitor do Seminário de Pouso Alegre. Em 26 de junho de 1943, foi escolhido pelo Papa Pio XII para primeiro bispo da Diocese de Leopoldina. Foi sagrado bispo em 03/10/1943 em Pouso Alegre por Dom Otávio Chagas de Miranda – bispo de Pouso Alegre-MG e teve, como bispos

²⁰⁵ Disponível no Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

consagrantes, Dom Lafayette Libânio – bispo de São José do Rio Preto-SP e Dom Hugo Bressane de Araújo – bispo de Guaxupé-MG.

Foi como reitor do Seminário de Pouso Alegre que recebeu a carta do Papa Pio XII informando de sua escolha para estar à frente do novo bispado de Leopoldina. Na carta, o papa deixa para que Dom Delfim escolha o bispo que faria a sua sagração, e ele escolhe Dom Otávio Chagas de Miranda da então Diocese de Pouso Alegre. A escolha pesou pelo fato de ter sido Dom Otávio a pessoa que conduziu Dom Delfim ao Seminário e ao Colégio Pio Latino. A carta, datada de 25 de junho de 1943, foi publicada no jornal *O Leopoldinense* como uma parte da História da Diocese. O editor faz o seguinte comentário introdutório: “a carta foi emitida quando avançando pelas terras da Itália, a marcha dos guerreiros levou a Roma, novos e terríveis encargos”²⁰⁶. Continuando, o editor diz que a carta assume um significado especial: “revela a preocupação do Pastor Supremo em suprir as necessidades das Igrejas distantes, mesmo quando os piores obstáculos tentavam impedir-lhe os passos e as atitudes”²⁰⁷.

A *Gazeta de Leopoldina*²⁰⁸ também traz a notícia da posse do novo bispo. Interessante observar que a notícia vem sem a foto do novo bispo, o que seria esperado, visto que se tratava de um novo personagem na cidade e região. Ao invés disso, ao lado da notícia, em destaque ao lado contrário, traz a imagem de Getúlio Vargas, como defensor da Pátria.

Imagem 19: Posse do Primeiro Bispo de Leopoldina



Fonte: Cf.: Jornal *Gazeta de Leopoldina* – Ano XLIX – nº 53 – 11 nov 1943 – p.1.

²⁰⁶ JOSÉ, Oiliam. Para a História da Diocese. *O Leopoldinense*. Leopoldina, nº 6, p.1 e 4, Março de 1947.

²⁰⁷ JOSÉ, Oiliam. Para a História da Diocese. *O Leopoldinense*. Leopoldina, nº 6, p.1 e 4, Março de 1947.

²⁰⁸ JUNQUEIRA, Joaquim C. R. Posse do Primeiro Bispo. *Gazeta de Leopoldina*, nº53, p. 1, 11 de novembro de 1943.

Dom Delfim esteve afinado às diretrizes de Roma. Comparando com as ideias de Mainwaring²⁰⁹, Beozzo²¹⁰ e Miceli²¹¹ no que se refere à neocristandade e à Igreja romanizada, exerceu algumas dessas atividades que caracterizaram este movimento. Citamos como exemplo: preocupação com a educação, promovendo acesso a todos a uma educação gratuita e de qualidade; visitas pastorais, buscando aproximação dos fieis e levando os sacramentos às pessoas que teriam muita dificuldade para recebê-los; criação do jornal católico *O Leopoldinense*, que seria o porta-voz da Igreja na cidade e região; formação da LEC e da Ação Católica; combate ao comunismo; criação de seminários e de outras obras; convocação de sínodos e retiros.

Imagem 20: Notícia sobre o ensino religioso nas escolas municipais



Fonte: Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 1 – 08 dez 1946 – p.2. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

²⁰⁹ MAINWARING, Scott. Op. cit. p. 46

²¹⁰ BEOZZO, José Oscar. A igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização. In: FAUSTO, Boris (Dir). *O Brasil Republicano: economia e cultura (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p.273-341.

²¹¹ MICELLI, Sergio. Op. cit. p. 135.

Imagem 21: Notícia sobre a instalação da Ação Católica na Diocese de Leopoldina



Fonte: Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 1 – 08 dez 1946 – p.2. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

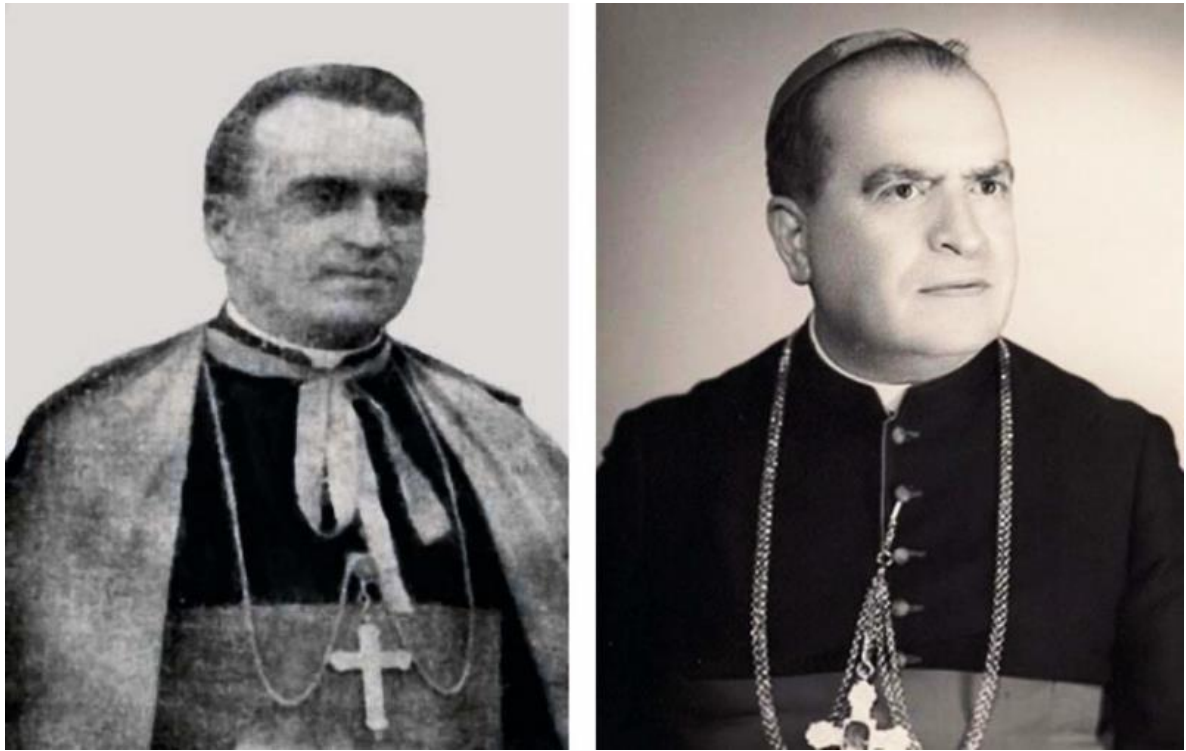
Miceli (1988)²¹² reforça essas ações ao dizer que os integrantes da nova geração de prelados sentiam-se engajados num programa mínimo de realizações, que incluíam: “edificação do palácio episcopal, a criação do seminário diocesano, a construção ou reforma da catedral, a fundação de estabelecimento de ensino e de jornais”. Todas essas instituições funcionavam como frentes de atuação da organização eclesial e definiam a contribuição da Igreja ao trabalho político e cultural. Incluíam-se também a criação de obras assistenciais como asilos, hospitais, orfanatos, entre outras.

Dom Delfim, segundo José²¹³, sofreu muita incompreensão não exemplificada pelo autor, mas que se pode inferir a partir do atendimento aos menos favorecidos, criando-lhes oportunidades, o que deveria incomodar as elites locais. E, além disso, a campanha anticomunista e a reação à expansão de outros credos devem ter insuflado a incompreensão de tantos outros.

²¹² MICELLI, Sergio. Op. cit. p. 140-1

²¹³ JOSÉ, Oílham. *Lições e recordações*. Belo Horizonte: edição do autor, 2002, p. 118.

Imagem 22 - Dom Delfim Ribeiro Guedes



Fonte: Leopoldinense, 2016.

Capítulo III – *O Leopoldinense* e os sinais da neocristandade

3.1 O jornal – o contexto para sua criação

A data de criação de *O Leopoldinense*, dezembro de 1946, remete ao período do pós-guerra, que gerou consequências das mais diversas por todo o mundo. Uma das principais delas foi o acirramento da luta ideológica entre capitalistas e socialistas, que veio alimentar a “guerra fria” entre as potências que sobressaíram como líderes desses grupos como Estados Unidos e União Soviética.

No Brasil, o governo era conduzido pelo General Eurico Gaspar Dutra. Neste período, foram iniciados os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte e, em 18 de setembro de 1946, a 5ª Constituição Brasileira foi promulgada, “sob a proteção de Deus”²¹⁴. Nela, teve-se a manutenção do regime republicano, federativo, presidencial e representativo, o voto secreto e universal para os maiores de 18 anos, excluindo os analfabetos (o que, segundo dados do IBGE²¹⁵, excluiria mais da metade da população do processo eleitoral).

O Leopoldinense foi idealizado por Dom Delfim com o objetivo, entre outros, de divulgar as ideias da Igreja Católica e intensificar o combate ao que seria identificado como “mal” aos bons católicos. Os “inimigos” da Igreja Católica a serem combatidos seriam o comunismo, o protestantismo, a maçonaria e o espiritismo, principalmente, numa clara manifestação de responder aos avanços advindos com a modernidade.

Aplicando-se os estudos de Löwy e Bourdier, inferimos que com a criação do jornal, a intenção seria passar aos leitores a “visão de mundo”²¹⁶ sobre a óptica católica que acreditavam e através de sua importância na sociedade, a Igreja mantinha um “poder simbólico”²¹⁷ que mantinha os fiéis unidos em volta de seus preceitos e valores, levando-os também a não aceitar e criticar qualquer outro tipo de prática que não fosse dentro dos padrões católicos, com isso os inimigos da Igreja Católica seriam os inimigos do povo católico também.

²¹⁴ Cf: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm. Acesso em: jul. 2019

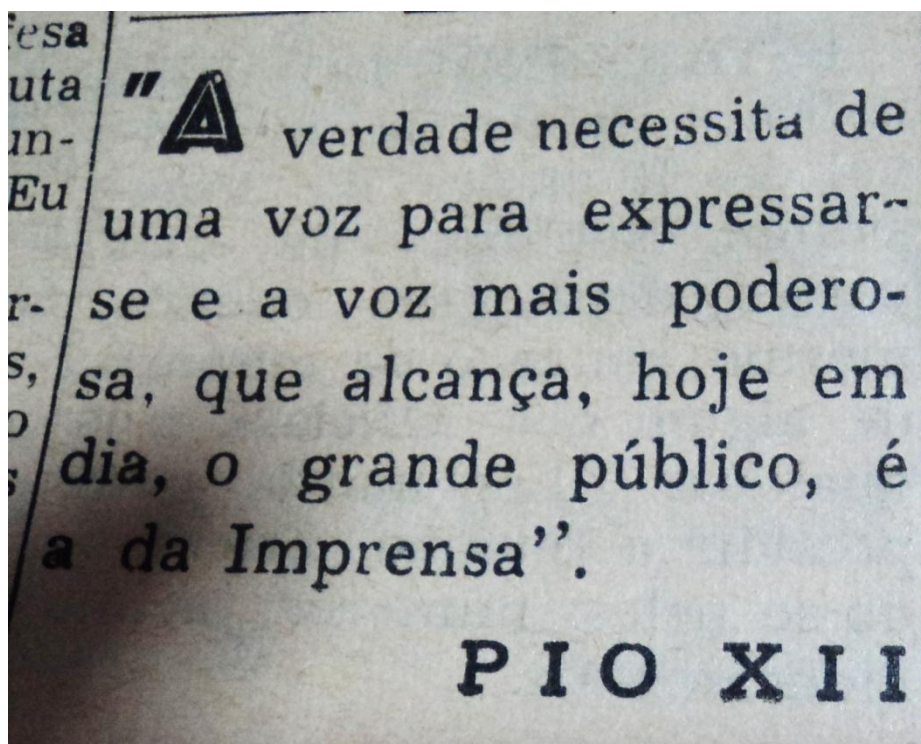
²¹⁵ Conforme os dados do Censo de 1950, o Brasil contava com uma população de 41.236.315 habitantes em 1940, sendo que 43,78% sabiam ler e escrever e 55,97% não sabiam. Em 1950, a população passou para 51.944.397 habitantes e desses 49,31% sabiam ler e escrever e 50,49% não sabiam. Cf: *Censo Demográfico 1950* – Serviço Nacional de Recenseamento – Série Nacional – Vol. I – Brasil. Rio de Janeiro, 1956, p.32.

²¹⁶ LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1995, p.11-25

²¹⁷ BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989, p.7-16.

Serbin destaca a importância dos jornais católicos ao dizer que “ a imprensa e a indústria editorial católica prosperaram e despontaram como importantes ferramentas missionárias profissionais.”²¹⁸ Isso reforça a ideia de que o jornal funcionava como veículo de informação, uma vez que ser missionário é propagar uma ideia, levando, então, a palavra de Deus aos leitores. Neste caso, ser ferramenta missionária significaria que o jornal atuaria como um mensageiro das ideias da Igreja Católica.

Imagem 23: Palavras de Pio XII sobre a imprensa



Fonte: Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano VIII – nº 179 – 15 out 1954 – p.2. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

Como já dito nos capítulos anteriores, a Igreja Católica Brasileira se esforçava para se tornar ativa e participante nas decisões políticas, principalmente na República, incluindo suas demandas nas novas leis promulgadas, como por exemplo, a manutenção do ensino religioso nas escolas. Para isso, a Igreja contava com o apoio das classes média e alta e também, não oficialmente, do Estado. Como também já foi abordado anteriormente, na segunda fase da República, esse apoio ganhou destaque quando foi estabelecido um “pacto”²¹⁹ entre o governo Vargas e a Igreja Católica. Esse “pacto entre Vargas e a Igreja representou na

²¹⁸ SERBIN, Kenneth P. *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 98.

²¹⁹ SERBIN. *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil...* p. 100.

prática, o restabelecimento do catolicismo como religião oficial do Brasil”²²⁰. A imprensa foi amplamente utilizada para fazer frente ao comunismo que crescia e que passaria a ser o inimigo do Estado e, conseqüentemente, dos bons cristãos. Mainwaring reforça esse pensamento:

A Igreja apoiava Getúlio Vargas não só por causa dos privilégios que recebera, mas também devido à afinidade política. A ênfase que a Igreja atribuía à ordem, ao nacionalismo, ao patriotismo e ao comunismo coincidia com a orientação de Vargas. Clérigos destacados acreditavam que a legislação de Getúlio realizava a doutrina social da Igreja e que o Estado Novo efetivamente conseguia superar os males do liberalismo e do comunismo.²²¹

Azzi²²² e Motta²²³ citam os Congressos Eucarísticos como estratégia da Igreja Católica para se firmar na sociedade. Os congressos nacionais aconteciam, geralmente, em capitais, sendo que o primeiro aconteceu na Bahia. Aconteciam também os Congressos Eucarísticos Diocesanos. O Primeiro Congresso da Diocese de Leopoldina aconteceu de 18 a 22 de agosto de 1954, mesmo ano das comemorações do centenário de criação do município de Leopoldina, conforme é relatado nas edições de agosto de 1954 de *O Leopoldinense*. Além disso, ele foi também uma preparação para o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, que seria realizado na cidade do Rio de Janeiro, em 1955. O cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro, participou das solenidades de encerramento, em Leopoldina. Já Dom Helvécio não pôde participar. Representações de diversos segmentos foram descritas como: representante do Presidente da República, deputados federais, vice-governador de Minas Gerais, secretários estaduais, caravanas de dioceses vizinhas, como por exemplo, Miracema. Nas edições que antecederam o evento, o jornal repassou aos leitores os mínimos detalhes, desde a organização até encerramento. Registra-se aqui a nota extraída da edição de setembro, que ainda trouxe o relato dos acontecimentos, fazendo referência ao representante do Presidente da República, Getúlio Vargas, que havia morrido em 24 de agosto de 1954.

²²⁰ SERBIN. *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil...* p. 100.

²²¹ MAINWARING, Scott. *A Igreja católica e a política no Brasil (1916-1985)*. Trad. Heloísa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 2004, p.47.

²²² AZZI, Rioldo. *Sob o Báculo Episcopal: a igreja católica em Juiz de Fora – 1850-1950*. Juiz de Fora: Centro de Memória da Igreja de Juiz de Fora, 2000, p. 308.

²²³ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Tese (doutorado em História Econômica). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo. SP, p.45.

A Palavra do Representante do Presidente da República – Não é sem emoção, agora ampliada pela tragédia que enlutou o País na manhã do dia 24, que destacamos em nossos noticiários sobre o Primeiro Congresso Eucarístico Diocesano a deferência do Sr. Presidente Getúlio Vargas para com este magnífico certame de Fé, enviando como seu representante o Revmo. Sr. Pe. Capitão Wilson Vale da Costa, capelão das guarnições da 4ª Região Militar. Foi segundo tudo indica, das últimas representações do Presidente, senão a última, em comemorações no interior do País. E são dêsse Representante do Sr. Presidente Getúlio Vargas junto ao nosso Primeiro Congresso Eucarístico Diocesano as seguintes expressões colhidas de seu discurso no encerramento do mesmo Congresso, na tarde do dia 22 de agosto: “Conclamamos, pois, Leopoldina e os congresistas presentes a bendizer a deus, porque Deus nos está bendizendo”. “A Liberdade brasileira nasceu nos Presbitérios; a alma brasileira cresceu nas Catedrais, a perpetuidade do Brasil existe em Jesus Cristo”, “Leopoldina nunca se mostrou tão livre, quanto no momento em que se escraviza aos princípios imutáveis das gloriosas tradições mineiras, qua são as cristãs”. “Este Congresso é a manifestação consciente da Fé que convenceu o homem de ontem e que convence o homem de hoje da incapacidade de viver sem Deus e muito menos de explicar-se sem Ele”²²⁴.

Sobre esses congressos Motta afirma: “uma das realizações mais caras à Igreja no período foram os Congressos Eucarísticos, enormes encontros de líderes e fiéis católicos que tinham por objetivo mostrar à sociedade e ao Estado a força mobilizadora da Instituição”.²²⁵ Azzi cita quatro finalidades dos congressos eucarísticos:

demonstrar publicamente a força da instituição católica, através de um contingente numeroso de fieis, (...), reafirmar a preeminência da fé católica entre o povo brasileiro, de forma a marginalizar o mais possível a ação de outras denominações religiosas (...), mostrar o portencial da força política subjacente nessa numerosa aglomeração de fiéis, (...) transformar o Brasil num país verdadeiramente cristão.²²⁶

²²⁴ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano VIII – nº 176 – 1 set 1954 – p.4. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina (Mantida a grafia original).

²²⁵ MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*... p.45.

²²⁶ AZZI, *Sob o Báculo Episcopal: a igreja católica em Juiz de Fora – 1850-1950*...p.281.

Imagem 24: Notícia sobre o Primeiro Congresso Eucarístico de Leopoldina



Fonte: Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano VIII – nº 173 – 15 jul 1954 , p.4 e nº. 174 – 1 ago 1954, p. 1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

Fato é que, a Igreja Católica no Brasil, com o advento da República, viu-se cercada de acontecimentos que a ameaçavam, sendo que um deles aconteceu de maneira oficial, logo no início da nova forma de governo, que foi o decreto que instituiu a separação Estado-Igreja. Entre outros, com o passar do tempo, destacamos o crescimento da maçonaria, do protestantismo, do espiritismo e do comunismo.

Percebe-se uma frente de ataque maior ao comunismo, que, em virtude da ascensão bolchevique ao poder na Rússia, desencadeou o crescimento dos partidos e ideais comunistas pelo mundo. Com isso despertou a ideia de conflito entre comunistas e anticomunistas, uma luta encabeçada pelos Estados Unidos, “que empenharam o peso de seu poder e riqueza oferecendo suporte ideológico, político e material aos grupos dispostos a enfrentar o “perigo vermelho”²²⁷

Autores como Almeida, Parenti e Motta passam a dimensão do significado da palavra “comunista” indo além do aspecto ideológico, apresentado como a personificação do mal. Segundo Motta, na sociedade ocidental, o mal está ligado à ideia de sofrimento, pecado e morte. Acrescenta que:

a nova organização social por eles proposta implicaria em pecado, pois questionava a moral cristã tradicional, defendendo o divórcio, o amor livre e o aborto; e a morte estaria sempre acompanhando o rastro dos bolcheviques,

²²⁷ ALMEIDA, Maria Isabel de Moura. *O anticomunismo na imprensa goiana: 1935 – 1964*. 2003. 136f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Goiás – Goiânia – GO, p. 7.

a quem se acusava de assassinar em massa seus oponentes e de provocar guerras sangrentas.²²⁸

Parenti reforça a ideia de pecado, levando para o campo de uma luta divina:

O importante é que Deus e a América lutavam lado a lado. O que é a batalha contra o comunismo senão uma luta entre o anti-Deus e a crença no Todo-Poderoso?, ponderava Eisenhower. Os comunistas sabem disto. Eles tem de eliminar Deus de seu sistema. Quando Deus entra, o comunismo tem de ir-se.²²⁹

Almeida também faz relato dessa associação de conotações de tudo que é mal à figura do comunista.

O jogo com as conotações e associações de palavras como *maus*, *ateus*, *falsos*, *agitadores*, *revolucionários*, etc., um trabalho longamente preparado por agentes específicos como intelectuais, jornalistas e instituições, Igreja, Estado, consegue se apresentar como evidente. Admite-se como óbvio: *um comunista é um inimigo*.²³⁰

Almeida ainda ressalta o valor da imprensa na luta contra o comunismo.

Noticiar o comunista como possuidor de atributos que o caracterizam como “inimigo” é destruir os recursos simbólicos por eles acumulados, e assim, minar seu poder. A imprensa se torna a arena central onde essa luta é travada.²³¹

No Brasil, a campanha contra o comunismo começou por meio da imprensa, que atacava a tomada de poder pelos bolcheviques. Sobre isso destacamos a obra citada por Motta²³² na qual trata, em seu apêndice, da Revolução Russa e a Imprensa Carioca.

Jamais, jamais se viu na imprensa do Rio tão comovedora unanimidade de vistas e de palavras, como, neste instante, a respeito da revolução russa. Infelizmente, tão comovedora quanto deplorável, essa unanimidade, toda afinada pelas mesmíssimas cordas da ignorância, da mentira e da calúnia. Saudada quando rebentou e deu por terra com o czarismo dominante, a revolução russa é hoje objeto das maldades da nossa imprensa, que nela só

²²⁸ MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*...p.72.

²²⁹ PARENTI, Michael. *A cruzada anticomunista*. Trad. Marcelo Guimarães. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1970, p.56.

²³⁰ ALMEIDA, *O anticomunismo na imprensa goiana: 1935 – 1964*. 2003... p. 10-11.

²³¹ ALMEIDA, *O anticomunismo na imprensa goiana: 1935 – 1964*. 2003... p. 7.

²³² MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*...p. 20.

vê fantasmas de espionagem alemã, bicho perigoso de não sei quantos milhões de cabeças e de garras.²³³

Astrojildo Pereira²³⁴ além de criticar a imprensa, criticou também a maneira como foi feita a mudança da forma de governo no Brasil.

É que os nossos jornais partem de um ponto de vista errado, supondo que o povo russo tem a mesma mentalidade do povo brasileiro de 89, que assistiu, “bestializado”, à proclamação, por equívoco, desta bela choldra que nos desgoverna. Não; o povo russo é um povo de memoráveis tradições revolucionárias, cuja mentalidade, formada através das mais ásperas e mais empolgantes batalhas libertárias destes últimos cem anos, não pode satisfazer-se com o regime falsamente democrático da plutocracia, regime de espoliação em nome da igualdade perante a lei, de embuste e burla eleitoral e de parlamentarismo oco, palavreiro, desmoralizado, safadíssimo.²³⁵

Motta destaca que havia grupos anticomunistas diferentes, e essas “diferenças não se restringiam às formas diferentes de conceber a organização social, mas também se faziam presentes na elaboração de estratégias de combate ao comunismo”²³⁶. Segundo ele, a ideia desses grupos era “ser contra, não a favor de algo”.²³⁷ Entendemos assim que não havia nenhuma proposição de mudança ou alternativa por parte destes grupos. Importava a eles tão somente ser contra o que consideravam ser o inimigo vermelho.

Houve, por parte da imprensa, uma forte colaboração para criar no imaginário coletivo a impressão negativa sobre o comunismo soviético, constituindo assim uma ideia de negação a ele, e que foi disseminado em vários setores da sociedade, incluindo aí a Igreja Católica. O Dicionário de Política, diz que “o anticomunismo assumiu necessariamente valores bem mais profundos que o de uma simples oposição de princípios”²³⁸. Encontramos a seguinte definição a respeito de anticomunismo:

Sendo o anticomunismo um fenômeno complexo, ideológico e político ao mesmo tempo, explicável, além disso, à luz do momento histórico, das condições de cada um dos países, e das diversas origens ideais e políticas em que se inspira. (...) se distingue entre o anticomunismo de tipo clerical,

²³³ Texto que compõe o apêndice de autoria de Alex Pavel (Astrojildo Pereira – Rio – 1918) Cf. BANDEIRA, Moniz; MELO, Clóvis e ANDRADE, A.T. *O ano vermelho: a revolução russa e seus reflexos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 303-4.

²³⁴ Astrojildo Pereira foi ex-anarquista, escritor, jornalista, crítico literário e político. Em março de 1922, participou do congresso de fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB) e foi eleito secretário-geral da organização. Cf: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/astrojildo_pereira. Acesso em julho 2019

²³⁵ BANDEIRA; MELO e ANDRADE, *O ano vermelho: a revolução russa e seus reflexos no Brasil*...p. 304

²³⁶ MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*...p. 4.

²³⁷ MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*...p. 4.

²³⁸ BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. 5 ed, Brasília: Imprensa Oficial do Estado, 2000, Vol 1, p. 34.

fascista, nazista hitleriano, e “o americano que é o mais recente. Há depois as variantes de tipo social e de tipo democrático.”²³⁹

A repercussão imediata da Revolução Russa no Brasil foi a “criação do Partido Comunista, Seção Brasileira da Internacional Comunista, a 27 de março de 1922”.²⁴⁰

Segundo Motta, até 1935, a ação de anticomunistas era discreta, com poucas referências na imprensa e em livros. Falava-se mais do que ocorria na Rússia, tendo-se muito pouco a relatar sobre o PCB, “dada a sua fragilidade orgânica.”²⁴¹ Vianna também trata sobre isso chegando a dizer que “apesar de sua pouca expressão social, o PCB foi sempre a vítima prioritária do terrorismo legal – da polícia, dos tribunais, da truculência patronal e dos preconceitos da imprensa– o que o forçava a permanecer quase que todo o tempo na clandestinidade”.²⁴²

Além do comunismo, a Igreja Católica possuía outros inimigos, aos quais ela atacava insistentemente, que seriam a maçonaria, as igrejas protestantes e o espiritismo. Além disso, a Igreja buscava difundir pelo jornal, ideias, condutas e posturas, que para ela, eram condizentes com o verdadeiro cristão. O enaltecimento da família, de valores como matrimônio, de boas leitura e da educação. A busca pela educação para todos, usando a radiodifusão, em determinado momento, foi uma busca constante da gestão de Don Delfim.

No caso da Diocese de Leopoldina, a criação do jornal *O Leopoldinense*, foi uma das formas de passar mensagens e pontos de vista sobre os assuntos, dentro do modelo de neocristandade.

3.2 O jornal – fundadores, diretores e redatores

O Leopoldinense foi o jornal oficial da Diocese de Leopoldina que circulou de 08 de dezembro de 1946 a 15 de setembro de 1960. Às vezes, deixava de circular, o que era justificado na edição seguinte. Um exemplo foi no ano de 1948, quando, por conta de uma tromba d’água²⁴³ que atingiu o território da Diocese no dia 15 de dezembro, as edições de 1º e 15 de dezembro não circularam. Com tiragem de 1000 exemplares na primeira edição, era

²³⁹ BOBBIO, *Dicionário de Política...*p. 34.

²⁴⁰ BANDEIRA, Moniz; MELO, Clóvis e ANDRADE, A.T. *O ano vermelho: a revolução russa e seus reflexos no Brasil...*p. 300.

²⁴¹ MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*...p. 22.

²⁴² VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935: sonho e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p.69.

²⁴³ Essa tromba d’água fez vítimas e deixou muitas famílias desamparadas. O jornal, nas edições de janeiro e dos meses posteriores, trouxe notícia de toda a tragédia e das ajudas recebidas, incluindo uma doação do Papa Pio XII de CR\$10.000,00 e envio de mensagem através do Núncio Apostólico, Carlo Chiarlo. (Cf. *O Leopoldinense*, edição de 1º de janeiro de 1949, nº47, p.1)

[illegible]

O fundador e idealizador do jornal foi Dom Delfim Ribeiro Guedes. Seu lema era: *Contra spem in spem: esperar contra toda esperança*. Esteve à frente da Diocese de Leopoldina de 1943 a 1960. Dom Delfim utilizou o jornal para divulgar suas visitas pastorais, o andamento de obras e reformas dentro do território da Diocese, além de divulgar cartas pastorais e assuntos que envolvessem as diretrizes da Igreja Católica. O jornal serviu também como veículo para noticiar fatos políticos, eventos nacionais e internacionais. O objetivo que, de fato, marca sua afinidade com o modelo de neocristandade seria a acirrada luta contra o comunismo, a maçonaria, o protestantismo e o espiritismo. Evidenciam-se as orientações

oriundas da hierarquia católica, como pode ser exemplificado através da Ação Católica e da Liga Eleitoral Católica, tratadas mais adiante.

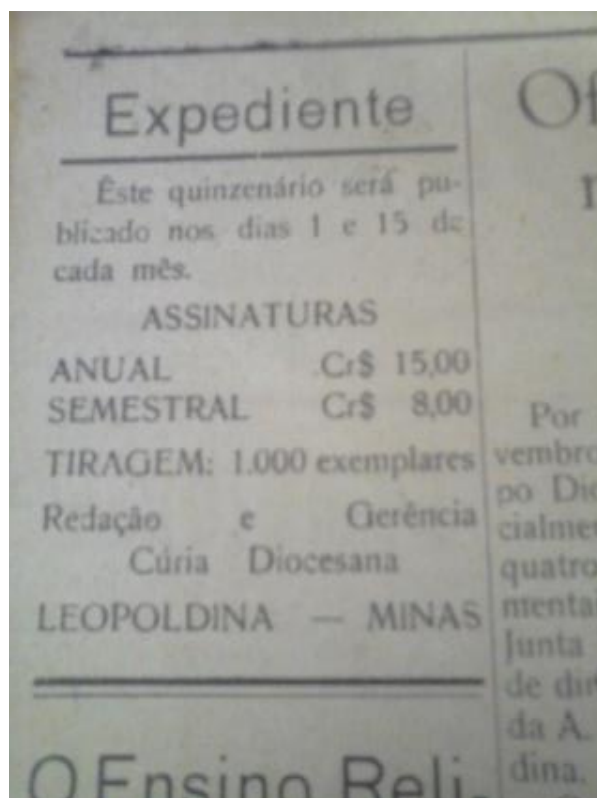
O Leopoldinense teve, sucessivamente, os seguintes diretores: Monsenhor José Domingues Gomes, afastado por conta de várias ocupações, ficando até a edição de dezembro de 1948; Cônego Geraldo Mendes Monteiro, diretor a partir da edição de 15 de janeiro de 1949, também colaborador do jornal desde 1946; além de ter publicado vários estudos sobre o problema sacerdotal, era jornalista e permaneceu na direção até a edição de 1º de fevereiro de 1958, ao se tornar capelão na cidade de Cataguases-MG; e, por último, Cônego José Ribeiro Leitão, que assumiu em 15 de fevereiro de 1958 ficando até a última edição.

Como redatores, o jornal teve registrado em todas as suas edições o nome de Oíliam José²⁴⁴. A partir de 1º de outubro de 1957, respondiam pela redação, além dele, Pe. José Zamagna que saiu em 1959, e em seu lugar assumiu a tarefa José de Andrade, a partir de 1º de janeiro de 1960. Oíliam José disse sobre Dom Delfim e *O Leopoldinense*: “conhecendo bem o valor da palavra escrita, manteve de 1946 a 1960, o quinzenário “O Leopoldinense”, em cujas coleções se encontra material doutrinário, noticioso e histórico.”²⁴⁵

²⁴⁴ O professor Oíliam José (1921-2017) nasceu em Visconde do Rio Branco – MG. Além de professor, foi secretário municipal da Prefeitura de Visconde do Rio Branco. Contabilista da Secretaria de Finanças do Estado de Minas Gerais, na gestão de Celso Machado, chefiou seu gabinete na direção da Imprensa Oficial (1957-1959), além de Secretário de Segurança Pública (1959-1961). Decano da Academia Mineira de Letras, ocupou a cadeira de número 30. Destacou-se por escritos sobre a Região da Zona da Mata, especialmente a biografia que escreveu sobre Guido Marlière, militar francês que atuou como colonizador na região, onde ocupou o cargo de capitão de cavalaria. Além de redator chefe do jornal *O Leopoldinense*, era amigo de Dom Delfim e irmão do Monsenhor Antônio Chamel, atual responsável pelo arquivo da Cúria Diocesana.

²⁴⁵ JOSÉ, Oíliam. *Lições e recordações*. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2002, p. 113.

Imagem 26: Expediente de *O Leopoldinense*

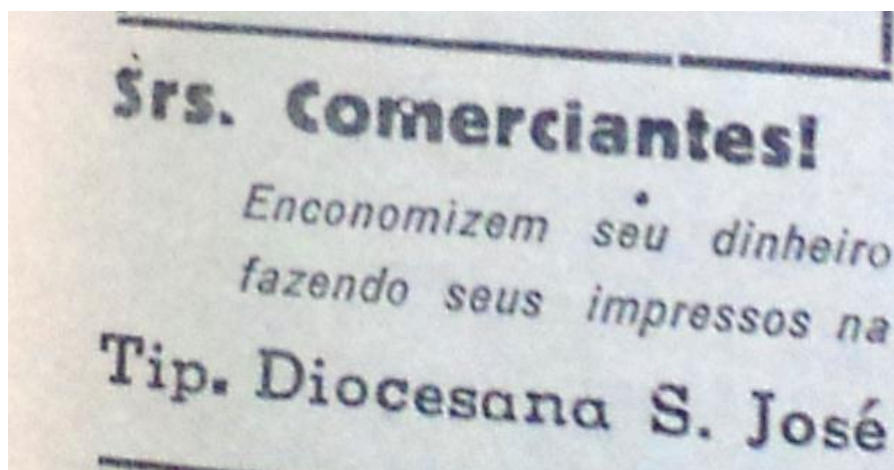


Fonte: Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 1 – 8 dez 1946 – p.3. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

O jornal possuía assinaturas semestrais e anuais por todas as paróquias que compunham a Diocese. No início, o jornal era composto e impresso nas oficinas de obras da *Gazeta Leopoldina*, que, segundo consta em propaganda publicada em sua edição de março de 1947, era “a maior organização tipográfica da Zona da Mata”²⁴⁶. Posteriormente, a Diocese adquiriu a Tipografia São José, que passou a se chamar Tipografia Diocesana São José e que funcionou de 1952 a 1962, passando a imprimir os jornais até a última edição de 15 de setembro de 1960. A tipografia também prestava serviços externos, fazendo chamadas no jornal, como demonstrado a seguir:

²⁴⁶ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 8 – 28 mar 1947 – p.3. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

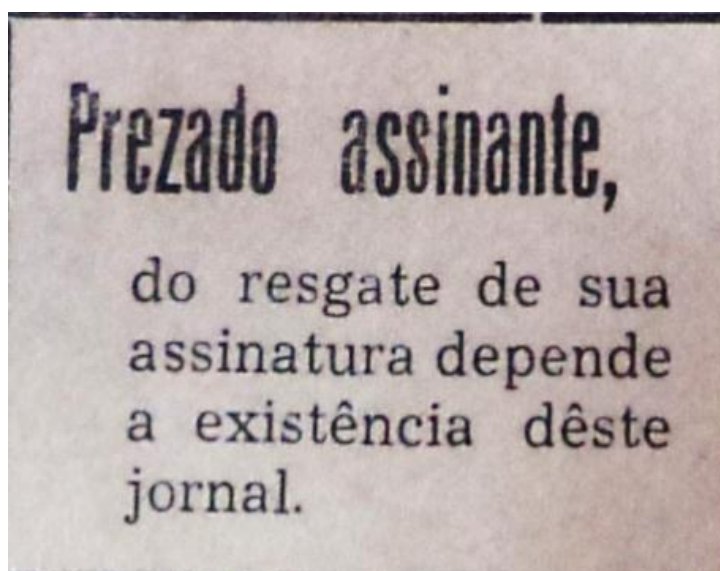
Imagem 27: Propaganda da Tipografia Diocesana



Fonte: Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano IX – nº 190 – 01 mai 1955 – p.3. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

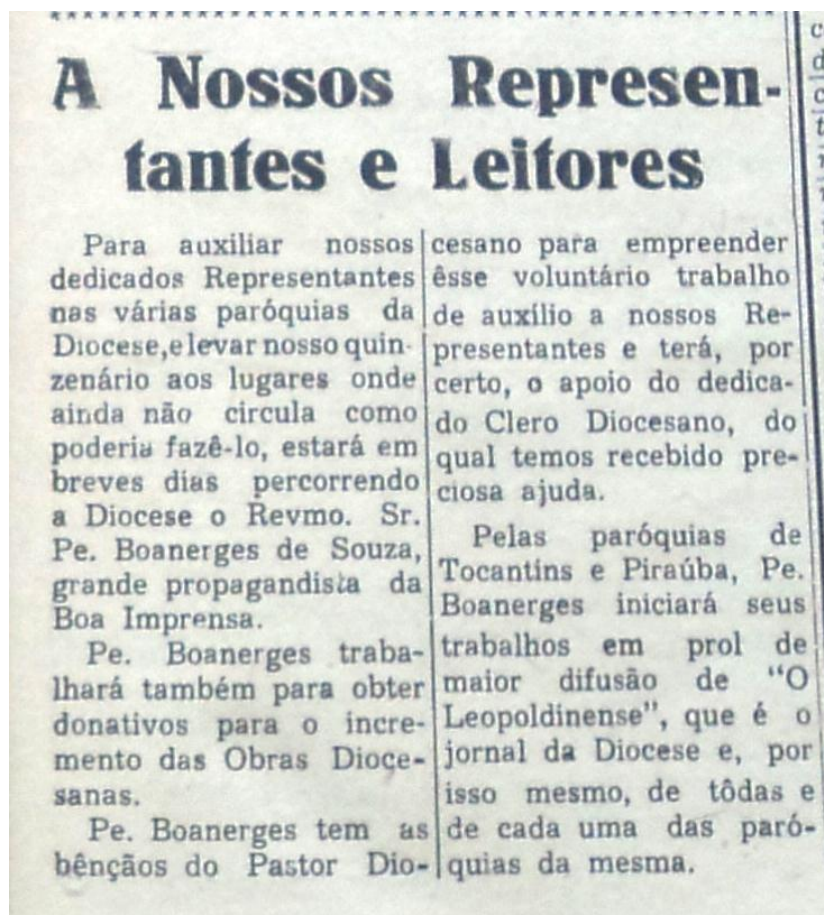
O jornal, nas últimas edições, quase sempre trazia chamadas sobre o pagamento das assinaturas, o que leva a supor que a falta de condições financeiras para sua manutenção pode ter sido um dos motivos de seu término.

Imagem 28: Cobrança aos assinantes



Fonte: Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano XII – nº 285 – 01 jul 1959 – p.4. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

Imagem 29: O Propagandista da Boa Imprensa



Fonte: Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano VIII – nº 162 – 01 fev 1954 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

Essa chamada mostra que, além dos representantes comerciais, que vendiam as assinaturas, fez-se necessário a presença e apoio de um padre, tratado como “grande propagandista” para angariar mais assinaturas do quinzenário. Tem-se aqui a expressão *boa imprensa* que aparece em várias edições de *O Leopoldinense*. Sobre a boa imprensa destaca-se que ela tinha a:

finalidade de fazer oposição à imprensa liberal e maçônica, com seus ataques à instituição católica. Essa nova burguesia emergente acusava a instituição católica de estar vinculada ao antigo regime monárquico e ser defensora de um modelo autoritário de sociedade. Em razão dessas acusações, os católicos foram estimulados a sair à luta através da imprensa. Na realidade, a maior parte das publicações católicas que se iniciaram nesse período estava nas mãos do clero, sendo em grande parte destinada a fazer a promoção das autoridades hierárquicas, do pensamento católico, e dos movimentos e associações vinculados à própria Igreja. Em outras palavras, tendo em vista o fortalecimento da instituição eclesiástica.²⁴⁷

²⁴⁷ AZZI, Riolando. *Sob o Báculo Episcopal: a igreja católica em Juiz de Fora – 1850-1950*. Juiz de Fora: Centro de Memória da Igreja de Juiz de Fora, 2000. p.281.

Azzi reforça a importância da imprensa como veículo de informação, de meio de fortalecimento da própria Igreja Católica e como opositora à má imprensa, quando diz que:

a imprensa em geral, era acusada com frequência de difundir no país a impiedade e a imoralidade. Em diversas cartas pastorais e assembleias episcopais os bispos passaram a denunciar a influência maléfica dos maus jornais, e a necessidade de contrapor a eles a “boa imprensa”, ou seja, publicações inspiradas e moldadas por princípios católicos.²⁴⁸

Este era um dos princípios de *O Leopoldinense* — levar aos católicos da Diocese de Leopoldina e região as diretrizes e princípios que norteavam a Igreja Católica.

O redator do jornal, Sr. Oiliam José, descreve em seu livro de memórias um dos motivos que levaram ao término da circulação de *O Leopoldinense*, quando se referia à gestão do sucessor de Dom Delfim, Dom Gerardo Ferreira Reis.

Como advogado da Diocese nesse episcopado, pude conhecer bem como Dom Reis sabia defender os direitos da Igreja, sem despertar ódio nas partes contrárias. (...) A essa altura, cabe-me fazer referência a duas medidas que tomou e que geraram certa incompreensão: a do encerramento da circulação de “O Leopoldinense”, o quinzenário diocesano, e o fechamento da Tipografia “São José” que produzia outros impressos. Como redator Chefe do órgão informativo em questão, cabe-me afirmar que as duas medidas se tornaram necessárias, em face, principalmente, da falta de recursos financeiros e de superar interesses verdadeiramente barreiras (sic).²⁴⁹

O fator financeiro sempre foi empecilho tanto para as obras da Diocese como para o funcionamento de seus órgãos.

Sodré destaca a dificuldade encontrada por pequenas empresas para manterem seus jornais. Se a matéria-prima, o papel, era inacessível aos jornais mais pobres, o que dizer do jornal de uma diocese que dependia exclusivamente de assinaturas e doações? O autor destaca o ano de 1955 quando, na realização do VI Congresso Nacional de Jornalistas, em Belo Horizonte, esse assunto foi colocado em discussão. Cinco anos depois, a situação se agravou. Para ele, as dificuldades estariam vinculadas ao “Programa de Estabilização Monetária”, do Ministro da Fazenda, Lucas Lopes (1958-59), no governo de Juscelino Kubitschek. Sodré destaca a fala de Fernando Segismundo²⁵⁰, no Congresso de Jornalistas: “a supressão dos

²⁴⁸ AZZI, *Sob o Báculo Episcopal – A Igreja Católica em Juiz de Fora – 1850-1950...* p.281.

²⁴⁹ JOSÉ, Oiliam. *Lições e recordações*. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2002, p. 170.

²⁵⁰ Fernando Segismundo foi fundador do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro, onde lecionou História Política e Econômica no curso de Capacitação Jornalística que ajudou a criar. Escreveu também vários livros, entre eles “Imprensa brasileira — vultos e problemas”, em que faz uma retrospectiva da ABI, de Gustavo de Lacerda à Era Getúlio Vargas. Durante o regime militar, integrou o rol de jornalistas presos,

preços diferenciais do papel favorece a concentração da atividade industrial jornalística, age no sentido de criar o novo e odioso privilégio, qual seja o de limitar a liberdade de imprensa àqueles que têm bastante dinheiro.”²⁵¹ Fernando Segismundo afirma ainda que com isso há o fortalecimento do monopólio de informações. Por fim, atribui ao governo a responsabilidade de paralisação de inúmeras empresas jornalísticas.

Sodré traz, em números, o aumento sofrido pela matéria-prima dos jornais: “de fevereiro de 1958 a julho de 1963, a alta do preço do papel importado para a imprensa foi de mais de 3294%; de mais de 5744%, se for considerado período mais largo, dois decênios, de 1943 a 1963.”²⁵² A firma Klabin²⁵³, detinha o monopólio na produção de papel nacional e seus preços acompanhavam a alta do dólar. Dessa forma, a pequena imprensa foi arrasada. “A desvalorização vertiginosa do cruzeiro, a abolição das regalias concedidas para a importação de papel, os aumentos sucessivos do salário mínimo, cada um desses fatores determinou a cadeia sinistra de elevação de tudo.”²⁵⁴

Nesse contexto, percebe-se a inviabilidade de manutenção de jornais tidos como pequenos e que dependiam de agentes externos para sua sobrevivência.

3.3 O Leopoldinense – difusor da ideias da Igreja Católica do Brasil – o modelo de neocristandade

Sobre o alinhamento de Dom Delfim com as diretrizes da Igreja Católica, Oiliam José, também secretário da Diocese e que trabalhou diretamente com o bispo, diz que Dom Delfim planejou e realizou o Sínodo Diocesano em Leopoldina no ano de 1955 “do qual resultou a coordenação das atividades pastorais da Diocese e sua plena concordância com as leis e costumes da Igreja e da própria Diocese.”²⁵⁵

No tratamento de *O Leopoldinense* como objeto e fonte desta pesquisa, fez-se o recorte temporal correspondente à sua existência, 1946 a 1960. Segundo Mainwaring²⁵⁶, o surgimento do modelo de neocristandade foi em 1916, destacando que seu ápice se deu no

acusados de subversão. Cf: <http://www.abi.org.br/institucional/historia/fernando-segismundo-1977-1978-e-2000-2004/>. Acessado em julho/2019.

²⁵¹ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 410.

²⁵² SODRÉ, *História da Imprensa no Brasil*...p.411.

²⁵³ Para saber mais sobre a firma Cf: <https://www.klabin.com.br/memoria-klabin/>.

²⁵⁴ SODRÉ, *História da Imprensa no Brasil*...p.413.

²⁵⁵ JOSÉ, Oiliam. *Lições e Recordações*...p.114.

²⁵⁶ MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)*. Trad. Heloísa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 2004, p.43

governo Vargas – 1930 a 1945. Apesar de a circulação do jornal não corresponder a este período, observa-se que ele guardava características deste modelo, comprovadas diante da exposição dos temas que será apresentada.

A carta pastoral de Dom Sebastião Leme (1916), segundo Mainwaring e como já foi relatado anteriormente, alerta para vários problemas que a Igreja tinha, dentre eles:

fragilidade da Igreja Institucional, as deficiências das práticas religiosas populares, a falta de padres, o estado precário da educação religiosa, a ausência de intelectuais católicos, a limitada influência política da Igreja e sua depauperada situação financeira.²⁵⁷

Sobre a periodização dos modelos de Igreja (neocristandade, modernizadora, reformista e popular), citados por Mainwaring, vê-se que “o surgimento de um novo padrão não impossibilita a continuidade de existência de modelos que tenham aparecido anteriormente.”²⁵⁸ Isso posto, tenho como hipótese que, em Leopoldina, o modelo de Igreja identificado na gestão de Dom Delfim se caracterizou como o modelo de neocristandade, guardando sintonia com os elementos que definem esse modelo, principalmente: “influência católica sobre o sistema educacional, a moralidade católica, o anticomunismo e o antiprotestantismo”²⁵⁹. Acrescento, ainda, no caso da Diocese de Leopoldina, a luta contra a maçonaria, o espiritismo e apoio irrestrito às diretrizes da Liga Eleitoral Católica — LEC, por ocasião dos períodos eleitorais, com indicação de nomes que apoiassem a Igreja Católica e também da Ação Católica.

A LEC foi criada como uma saída a um anseio que havia de participação política da Igreja Católica, visto que alguns membros da hierarquia e leigos queriam que essa fosse de maneira direta, criando um partido católico. Por orientação de Dom Leme, seria inviável a criação de um partido católico, uma vez que “partido e católico são duas denominações que se repelem, são dois termos em completa antítese. Partido quer dizer fração, parte e católico quer dizer universal”.²⁶⁰ Assim, a forma indireta de agir, evitando se indispor com os governos, foi a criação da LEC (1932), que tinha como finalidade instruir, congregar, alistar o eleitorado católico e também assegurar aos candidatos, o voto dos fiéis, mediante aceitação por parte dos mesmos candidatos dos princípios sociais católicos e do compromisso de defender esses

²⁵⁷ MAINWARING, *A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)*...p.41

²⁵⁸ MAINWARING, *A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)*...p.41

²⁵⁹ MAINWARING, *A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)*... p.43

²⁶⁰ BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização*. In: FAUSTO, Boris (Dir). *O Brasil Republicano: economia e cultura (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p.304.

princípios na Assembleia Constituinte. Beozzo traz o depoimento de Alceu Amoroso Lima, que foi secretário da LEC: “...o nosso propósito ao elaborar os Estatutos da Liga Eleitoral Católica era (...) encontrar um meio termo justo entre o Partido e a omissão”.²⁶¹ Essa declaração de Alceu demonstrava o quanto a Igreja se preocupava em não ser omissa, em fazer parte da política, com o objetivo que suas garantias no âmbito nacional fossem mantidas e suas futuras reivindicações acatadas. A LEC atuou nas eleições de 1933 (Assembleia Nacional Constituinte), 1934 (Câmara Federal e Assembleias Constituintes Estaduais), 1945 (presidencial), 1946 (Assembleia Constituinte), 1947 (governos estaduais, parte do Congresso e deputados estaduais, prefeitos e vereadores) e 1950 (presidencial).

O Leopoldinense trazia diversas orientações da LEC nos períodos eleitorais. Isso aconteceu desde os primeiros números, já que, em 19 de janeiro de 1947, ocorreram eleições gerais para escolha de 20 governadores de estado, eleições suplementares para senador e para deputados federais, além de deputados estaduais. Haveria ainda eleições para vereadores na capital do país, então, Rio de Janeiro.

Dentre as orientações divulgadas no jornal, destacamos algumas: “Nenhum católico, sob pena de gravíssima traição a Deus e à Pátria, poderá votar em qualquer candidato do Partido Comunista Brasileiro”²⁶². “Nenhum católico poderá sufragar qualquer partido ou candidato que não tenha obtido aprovação da LEC e que não conste dos comunicados a ser [sic] publicados pela Junta Estadual em *O Diário* de Belo Horizonte, a partir de hoje, terça-feira”.²⁶³ “Eleitor Católico, tudo o que lhe foi dito a respeito do gravíssimo dever de votar está de pé: vote, no dia 19 de janeiro com todo sacrifício possível. Não vote em branco, sob nenhum pretexto”²⁶⁴. “Eleitor Católico – vote no dia 19 de janeiro, ainda que isto lhe custe sacrifícios”²⁶⁵.

²⁶¹ BEOZZO, *A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização...* p.304.

²⁶² Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 3 – 15 jan 1947 – p.4. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

²⁶³ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 3 – 15 jan 1947 – p.4. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

²⁶⁴ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 3 – 15 jan 1947 – p.2. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

²⁶⁵ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 3 – 15 jan 1947 – p.3. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

Imagem 30: Campanha política no jornal



Fonte: Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 3 – 15 jan 1947 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

Nas eleições de 1947, em Minas Gerais, foi eleito para governador, Milton Campos. Para senador, Artur Bernardes Filho. Foram eleitos também 3 deputados federais e 72 deputados estaduais. O PCB elegeu seu primeiro deputado em Minas, o líder sindical Armando Ziller, que com o cancelamento de registro do partido em maio de 1947, teve seu mandato cassado em janeiro de 1948.

Sobre essas eleições de 19 de janeiro, os redatores registraram surpresa pelo alto índice de abstenção. “As abstenções atingiram nesta Zona a 25%. O sintoma revela grave anomalia.”²⁶⁶

Em relação ao governador Milton Campos, a edição de 28 de março de 1947 traz uma homenagem ao novo governador, o que demonstra a satisfação com sua vitória.

Com a posse, em 19 do corrente, do Sr. Milton Campos no governo de Minas, voltou o nosso Estado ao regime constitucional. O novo Governador é figura destacada na vida política e jurídica de Minas Gerais e um dos melhores valores da cultura mineira. Senhor de um passado que se impõe, o Sr. Milton Campos assume as funções de Chefe do Executivo Mineiro sob os aplausos de seus coestaduanos, todos desejosos de que S. Excia. faça um fecundo e brilhante governo.²⁶⁷

²⁶⁶ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 4 – 7 fev 1947 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

²⁶⁷ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 8 – 28 mar 1947 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

Na edição de agosto de 1947, *O Leopoldinense* trata da promulgação da Constituição Mineira e da eleição do vice-governador de Minas Gerais. O jornal afirma: “com a promulgação da nova Constituição Estadual, mais um passo decisivo se deu no sentido da redemocratização de Minas. A nova carta trouxe conquistas sociais pelas quais tantos católicos lutaram. Foi promulgada em 14/7/1947.”²⁶⁸ E fechando a matéria informa que no dia 15/7/1947 foi realizada a eleição para vice-governador, sendo eleito o deputado estadual José Ribeiro Pena.

A edição de junho de 1947 trouxe orientações sobre o alistamento eleitoral. E enfatizava que era dever dos católicos alfabetizados participar das eleições. “Nenhum motivo de ordem política, nem de ordem pessoal ou espiritual, isentará o católico do dever eleitoral”²⁶⁹. Nesta chamada além de reforçar o trabalho de inscrição do maior número de eleitores católicos, o jornal solicitava o apoio de várias entidades ligadas à Igreja Católica e excluía a intervenção de partidos nessa etapa.

Presentemente, o trabalho é inscrever o maior número possível de eleitores católicos. E a esse trabalho da mais absoluta urgência devem entregar-se quantos querem realizar apostolado: Congregados Marianos, jovens da Pia União e da A.C., associados do Apostolado da Oração, de São José, das organizações masculinas e femininas da A.C., vicentinos, Irmãos do Santíssimo, etc. Faz-se necessário, porém, não subordinar êste trabalho a este ou aquêlê Partido. Êsse trabalho de apóstolos deve ser feito junto aos católicos e, diretamente, junto aos Cartórios Eleitorais. Tôda e qualquer subordinação a interesses partidários inutilizará o trabalho de apostolado.²⁷⁰

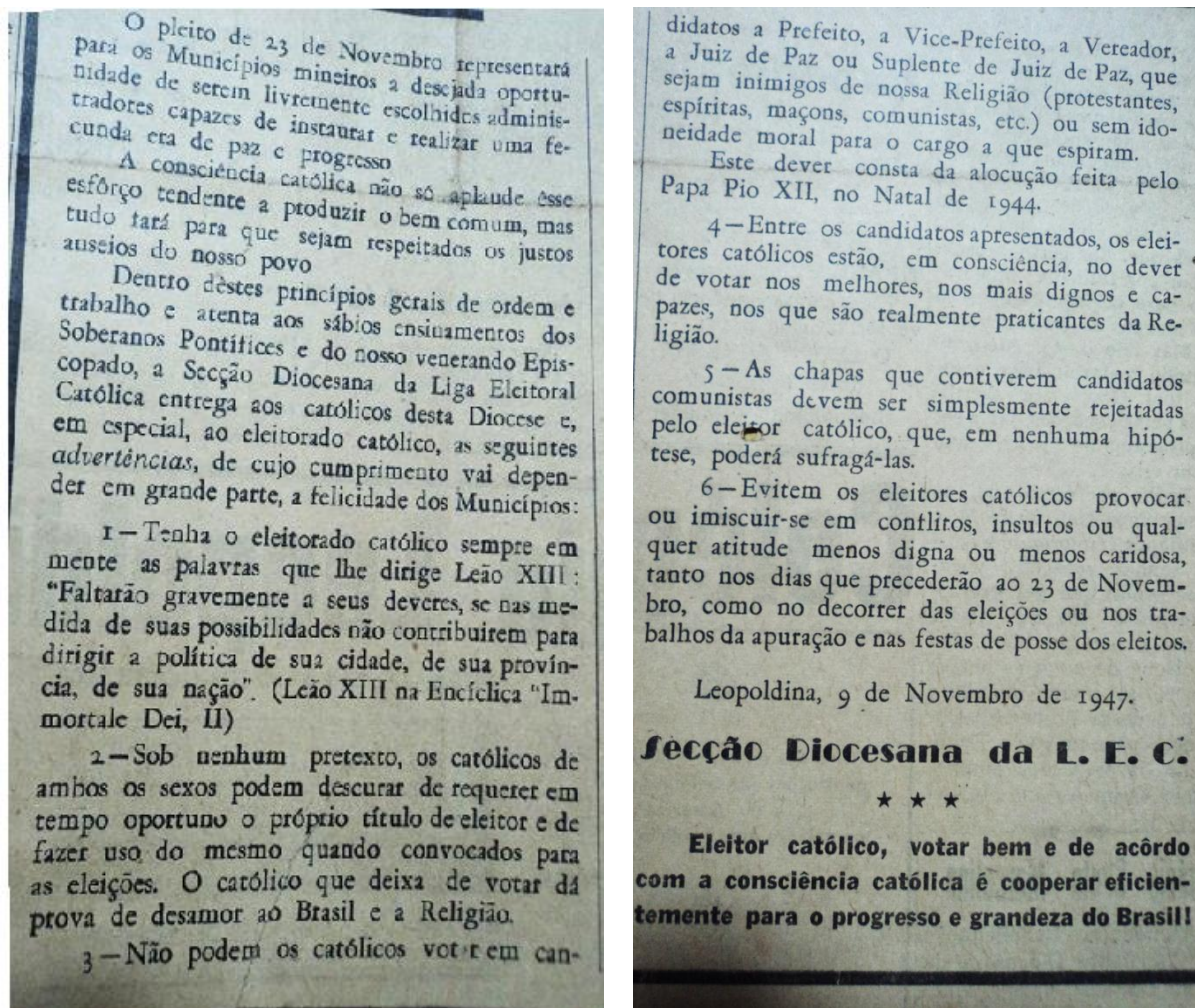
A Liga Eleitoral Católica, a respeito das eleições municipais em 23 de novembro de 1947, trouxe as seguintes orientações aos leitores/eleitores, com o título: Liga Eleitoral Católica (Secção Diocesana de Leopoldina) – Ao Eleitorado Católico.

²⁶⁸ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 16 – 1 ago 1947 – p.4. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

²⁶⁹ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 12 – 1 jun 1947 – p.2. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

²⁷⁰ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 12 – 1 jun 1947 – p.2. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. Mantida a grafia original.

Imagem 31: Orientações da LEC



Fonte: Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 22 – 15 nov 1947 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

Essas orientações da LEC enfatizam a obediência à hierarquia. Por meio delas, observa-se a relação entre o mau eleitor e o mau católico. Responsabiliza-se o eleitor católico pela sua omissão e pela sua desobediência.

O jornal modificava toda a sua estrutura de apresentação com a finalidade de chamar a atenção do leitor, como nas primeiras páginas das edições de 15 de outubro e de 15 de novembro de 1947. Observa-se a importância do chamamento do eleitorado católico para que seguisse as instruções da LEC.

Imagem 32: Mensagem aos eleitores



Fonte: Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 21 – 15 out 1947 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

Imagem 33: Notícia das eleições



Fonte: Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 22 – 15 nov 1947 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

A respeito dessas orientações, o editorial do jornal, edição de 15 de dezembro de 1947, traz algumas observações feitas pela Direção da LEC, após a eleição municipal de 23 de novembro de 1947.

Erros e Ensinamentos – Ao circular esta nossa edição, já a quase maioria dos municípios da Diocese terá entrado definitivamente na vida constitucional, depois da posse dos novos prefeitos e dos vereadores às câmaras municipais. Julgamos, por isso, ter chegado o momento oportuno para traçar estas linhas, através das quais queremos registrar nossas observações acerca do último

pleito e dos acontecimentos que o cercaram, quer antes quer após o 23 de novembro. Acreditamos ter razão. O tempo e a proclamação dos eleitos deram severos retoques aos homens e aos acontecimentos, permitindo-nos assim um julgamento, senão completo pelo menos quase completo sobre as relações entre os pontos de vistas doutrinários e a prática defendida e executada por muitos chefes políticos e cabos eleitorais das mais variadas mentalidades. Cabe-nos, a princípio, louvar a maneira elevada e digna com que se conduziram em geral as forças políticas que concorreram ao pleito. Foi deveras consolador sentir que uma nova mentalidade política se formou entre nós, isto é, nos municípios que compõe o território da Diocese. (...) muito à vontade nos sentimos para condenar a atitude e as manobras daqueles que se serviram das recomendações da Liga Eleitoral Católica, estampadas em nossa edição de 15 de novembro último e amplamente difundidas em boletins pela Diocese para, sem fundamento, atingirem seus opositores políticos, no evidente propósito de se servirem da Igreja para melhor arrebatar os votos de ponderáveis partes do eleitorado. Infelizmente, e é com pesar que o confessamos, tais fatos se repetiram em vários pontos da Diocese, conforme os dados coligidos pelos dirigentes da LEC Diocesana e postos à disposição das autoridades eclesiásticas. Até senhores que tudo podem ser menos católicos, se fizeram, às vésperas das eleições, “apóstolos orientadores para os católicos, passando por mais seguros intérpretes do pensamento da LEC Diocesana que os responsáveis por este importante Setor da Ação Católica. Neste registro vai, pois, o nosso formal protesto contra essa perigosa maneira de lançar a confusão entre certos meios católicos. A Seção Diocesana da LEC não formulou nenhuma condenação nominal dêsse ou daquele candidato, visto não ter havido tempo para as necessárias consultas e verificações, já que os partidos políticos só apresentaram, em geral, os seus candidatos quando o tempo de registro estava a esgotar. (...) Guardem, pois, os católicos, os nomes desses leigos que se arvoraram em guias de rebanho, para não permitir em futuros pleitos a desenvoltura com que se movimentam tais semeadores de confusão.”²⁷¹

Pelo que foi explicado, entre o registro das candidaturas e a eleição municipal, não houve muito tempo, pois a LEC de Leopoldina não conseguiu avaliar os candidatos para orientar os eleitores. Iguns candidatos aproveitaram e usaram das orientações divulgadas pela LEC para conquistar os eleitores.

Em outro editorial, *O Leopoldinense* trata da intervenção dos políticos nas opções dos católicos. Os editores deixam clara a obediência à hierarquia e repassam essas orientações aos leitores.

O paternalismo que os partidos e políticos tentaram (ilegível*) aos católicos deve ser repudiado com energia, Nós, católicos, temos a hierarquia para nos orientar, temos a Liga Eleitoral Católica para nos dizer, em nome do Episcopado, a palavra de ordem e de estímulo. Que os políticos orientem

²⁷¹ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 24 – 15 dez 1947 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. Mantida a grafia original.

politicamente os seus partidários. Nós, católicos, pediremos à Igreja, o conselho de que precisamos.²⁷²

Beozzo diz que “a LEC , calibrada para intervir num período eleitoral, findas as eleições, tornava-se inútil”.²⁷³ Para uma ação permanente contando com leigos e com estrutura nacional, surge a Ação Católica Brasileira - ACB.

A ação católica teve destaque nas notícias veiculadas. Na primeira edição de 08 de dezembro de 1946, *O Leopoldinense* trata da instalação da ação católica na diocese, ocorrida em novembro do mesmo ano.

A ACB foi “um dos mais importantes movimentos leigos na Igreja Contemporânea”.²⁷⁴ De origem italiana, a versão brasileira da ação católica foi criada em 1920, com as bênçãos de Dom Sebastião Leme. Seus princípios baseavam-se na “submissão a todos os membros da hierarquia. A hierarquia insistia na disciplina da obediência pronta e filial aos vossos superiores hierárquicos”.²⁷⁵ A Juventude Universitária Católica – JUC –, criada em 1930, foi um braço da ACB, que, ao passar por uma reorganização entre 1946 e 1950, tornou o movimento estudantil mais autônomo. Em 1960, a JUC se envolve com a esquerda brasileira. A esquerda católica viria, então, a competir com os partidos comunistas: o Partido Comunista Brasileiro – PCB e o Partido Comunista do Brasil – PC do B. Essa formação foi considerada “uma força hegemônica da esquerda organizada”.²⁷⁶

O então Padre Agnelo Rossi, em 1947, era assessor da juventude da ação católica: JIC – Juventude Independente Católica (1936-1956) e da JUC – Juventude Universitária Católica (1944 – 1956) e teve um de seus artigos publicados em *O Leopoldinense* em que tratava da atuação dos católicos no Brasil, do crescimento dos movimentos de oposição à Igreja Católica e da necessidade da ação católica. Ele também cita outros fatores que contribuíram para a alienação dos católicos, como a imprensa, programas de rádio e peças teatrais. Intitulado *A Defesa da Fé e da Moral é Necessária e Urgente*, o artigo faz crítica à modernidade e julga também os católicos que se omitem diante das transformações. “O católico que assiste impassível aos avanços da heresia e da imoralidade já está contaminado pelo ar pestilencial do

²⁷² Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 4 – 7 fev 1947 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. Mantida a grafia original. *Devido a deterioração de parte da página do jornal, ficou ilegível a palavra deste trecho da matéria.

²⁷³ BEOZZO, *A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização...* p.321.

²⁷⁴ MAINWARING, *A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)*...p.83

²⁷⁵ MAINWARING, *A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)*...p.83

²⁷⁶ MAINWARING, *A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)*...p.44

erro e do vício, já é vítima do paganismo moderno”.²⁷⁷ Sobre o Censo Demográfico de 1940, o artigo chama a atenção para o fato de que 95% da população brasileira era católica, mas que esses católicos foram “tangidos para o matadouro de sua fé e de sua moral por uma minoria organizada e ousada”.²⁷⁸

Destaco o trecho final do artigo no qual o então padre Agnelo Rossi teceu comentário sobre a indiferença e tolerância dos católicos sobre o que estava acontecendo no país em relação à modernidade e ao crescimento do comunismo.

De outro lado, alastraram-se as conquistas dos erros religiosos. O comunismo viceja sob o manto da liberdade democrática, que será sua primeira vítima. E nós, o alvo atingido pelos nossos inimigos, permaneceremos indiferentes? Iremos pactuar com eles, baseados numa tolerância, que é sinal de fraqueza, pretexto para inação aliada ideal dos nossos intolerantes adversários? Até quando continuará essa situação? Pois até hoje só venceram por causa de nossa negligência, da nossa desorganização, do nosso egoísmo. É por isso que surge a AÇÃO CATÓLICA, conclamando todos os elementos de boa vontade para, coesamente, nos DEPARTAMENTOS DA FÉ E DA MORAL, defenderem os valores sagrados de nossa religião contra as investidas do mal e do erro.²⁷⁹

É nesse contexto que *O Leopoldinense* pôde colocar em prática as orientações do modelo de neocristandade, visto a preocupação da diocese de se alinhar à hierarquia, apoiando aqueles que se dispunham a defender as ideias sociais da Igreja Católica e a garantir seu espaço na sociedade.

3.3.1 O comunismo e o anticomunismo

Dentre os vários inimigos que a Igreja Católica elencou, o comunismo teve destaque, segundo os autores Pierucci; Mainwaring e Azzi: “Mas é à crítica do socialismo, assimilado ao comunismo, assimilado ao bolchevismo, que se concede o lugar mais importante nos discursos da hierarquia católica neste imediato pós-guerra”.²⁸⁰ “A partir do início da década de 30, a Igreja dedicou muita atenção ao combate ao comunismo, reproduzindo as atitudes de

²⁷⁷ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 20 – 01 out 1947 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. Mantida a grafia original.

²⁷⁸ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 20 – 01 out 1947 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. Mantida a grafia original.

²⁷⁹ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 20 – 01 out 1947 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. Mantida a grafia original.

²⁸⁰ PIERUCCI, Antônio Flavio de Oliveira; SOUZA, Beatriz Muniz de; CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Igreja católica: 1945 - 1970. In: FAUSTO, Boris (Dir). *O Brasil Republicano: economia e cultura (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p.347.

Roma”.²⁸¹ “O medo do comunismo começou a se espalhar no país, após a frustrada “intentona” de 1935. A Instituição Católica contribuiu para difundir esse clima de temor, publicando com frequência relatos de atividades comunistas em outras partes do mundo.”²⁸²

Seguindo essa linha de combate, *O Leopoldinense* deu destaque, desde sua primeira edição, à campanha anticomunista, criando a imagem negativa sobre tudo que se referia aos comunistas, desde condenações de suas ações até a leituras julgadas inadequadas aos católicos. Como exemplo, pode-se citar uma edição, de 1º de abril de 1949, na qual a notícia intitulada *Trabalho Comunista* fez o relato de atitudes dos comunistas espanhóis: “eis um dos “trabalhos” dos comunistas espanhóis nos dias de guerra civil: assassinaram 7.947 sacerdotes e religiosos, sendo 13 bispos, 5.255 sacerdotes e 2.669 religiosos”.²⁸³

O Leopoldinense reproduzia notícias, como a que segue, no intuito de, além de criticar os russos, enaltecer os americanos, o que evidencia a posição dos editores em relação à bipolaridade mundial vivida naquele momento.

Longas conversas com Moscou – Rio, 27 (Asapress) – O sr Hamilton Nogueira fez uma revelação sensacional, durante a mesa redonda organizada pela Rádio Globo. Referindo-se à atividade dos comunistas no Brasil, disse que a embaixada soviética no Brasil mantém oito horas diárias de telefone internacional, com Moscou, enquanto a embaixada dos Estados Unidos, que possui interesses muito maiores no Brasil, mantém apenas 4 horas por semana. –Qual o motivo dessa longa conversação diária do embaixador Suritz, com Moscou? – pergunta o Sr. Hamilton Nogueira. Depois de outras considerações, o representante udenista leu, sem maiores comentários um telegrama que lhe enviou um cidadão residente no Rio, informando que há dias fora cobrar na embaixada soviética uma conta de um russo. O secretário da embaixada, depois de recusar o pagamento, teria então afirmado: “Na embaixada vigora a Constituição russa, que dentro em breve vigorará também em todo o país”. O senador chamou a atenção do Ministro da Justiça para essa declaração. (De “O Diário” de 28-1-47).²⁸⁴

O que estava publicado parecia para muitos leitores ser verdade, o que dificultava a sobrevivência dos comunistas brasileiros, vítimas de constantes ataques, sobretudo em cidades do interior, como Leopoldina, com elevado número de católicos, com tradição agrária, com os fazendeiros receosos de perderem seu patrimônio, devido à ideia de que os comunistas iriam desapropriar suas terras e dividi-las. A notícia *Não brinquemos com fogo*, publicada na edição de 15 de junho de 1950 de *O Leopoldinense*, endossa essa ideia quando

²⁸¹ MAINWARING, *A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)*...p.49

²⁸² AZZI, *Sob o Báculo Episcopal – A Igreja Católica em Juiz de Fora – 1850-1950*... p.296.

²⁸³ Cf.: *Jornal O Leopoldinense* – Ano 3 – nº 53 – 01 abr 1949 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. Mantida a grafia original.

²⁸⁴ Cf.: *Jornal O Leopoldinense* – Ano I – nº 04 – 07 fev 1947 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

menção o caso ocorrido na Itália, em que comunistas se apossaram de terras, dividindo-as entre si.

Além disso, diversas chamadas faziam associações negativas sobre o comunismo, como pode ser observado a seguir. A frase destacada na chamada (imagem 34) do jornal é parte da mensagem do Papa Pio XI – *Divinis Redemptoris* sobre o comunismo ateu, de 19 de março de 1937. Nesta carta, Pio XI, relembra outras publicações que segundo ele “chamavam a atenção do mundo, em termos bem explícitos, para as consequências da descristianização da sociedade humana.”²⁸⁵ Como exemplo, a mensagem cita a Encíclica *Qui Pluribus*, de 9 de novembro de 1846, de Pio IX, destacando um trecho dela: “doutrina nefanda do chamado comunismo, sumamente contrária ao próprio direito natural, a qual, uma vez admitida, levaria à subversão radical dos direitos, das coisas, das propriedades de todos e da própria sociedade humana”²⁸⁶. Continuando, a carta também traz um trecho da Encíclica *Quod Apostolici Muneris*, de 28 de dezembro de 1878, de Leão XIII: “peste mortífera, que invade a medula da sociedade humana e a conduz a um perigo extremo (...) filosofia que de há muito porfia por separar a ciência e a vida da fé da Igreja”.²⁸⁷

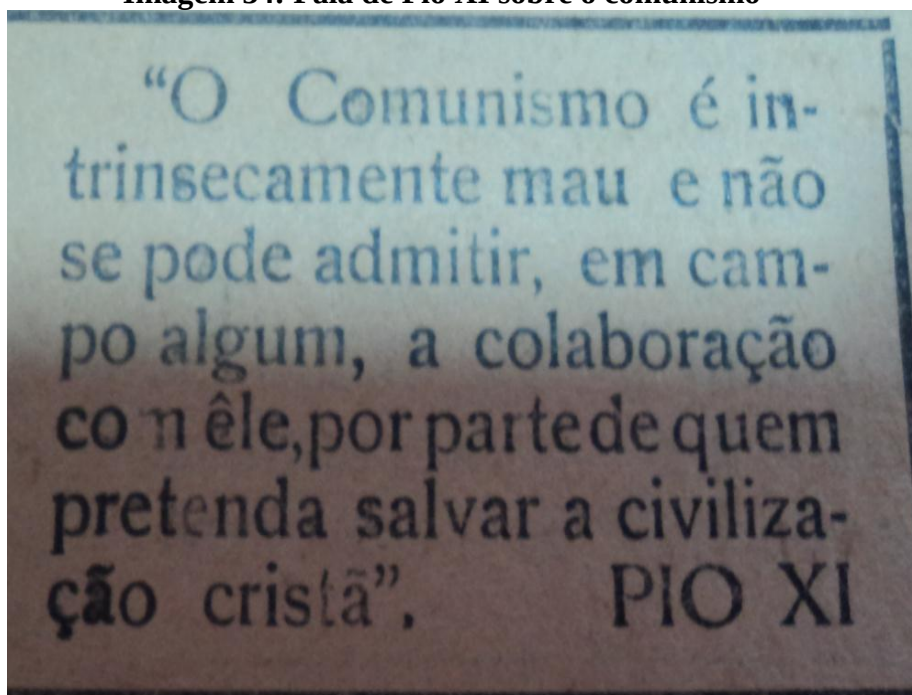
O *Leopoldinense* sempre recorria às palavras dos papas para reforçar suas mensagens de antagonismo ao movimento comunista, como nesta frase atribuída a Pio XI, que foi reproduzida em várias edições do jornal.

²⁸⁵ Pio XI, Carta Encíclica *Divinis Redemptoris*, p. 2. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19370319_divini-redemptoris.html. Acesso em: jun. 2019.

²⁸⁶ Pio XI, Carta Encíclica *Divinis Redemptoris*... p. 2.

²⁸⁷ Pio XI, Carta Encíclica *Divinis Redemptoris*...p. 2.

Imagem 34: Fala de Pio XI sobre o comunismo



Fonte: Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 07 – 1º mai 1947 – p.3. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

Sobre essa encíclica, Motta destaca o seu caráter ofensivo, uma vez que até então, os documentos anteriores tinham uma postura preventiva. Nela, Pio XI já constatava os efeitos do comunismo na sociedade, principalmente entre os operários. A mensagem deixava de ser de prevenção e passava a ser mais de reação. Sobre a frase citada na chamada, Motta faz a seguinte observação:

a formulação de que o comunismo seria “intrinsecamente mau” revelou-se particularmente marcante, significando o caráter irrevogável da atitude anticomunista da Igreja. A frase foi muito utilizada e reproduzida ao longo das décadas seguintes, argumento de autoridade ao qual se recorria sempre quando se fazia necessário recordar aos católicos que a Igreja tinha um compromisso básico com o anticomunismo.²⁸⁸

O jornal também fazia alusão às relações diplomáticas do Brasil com a Rússia pós-guerra. De um modo geral, tentava mostrar que seria difícil essa aproximação e remetia o leitor à associação entre Rússia e expansão do comunismo e o mal embutido nessa relação.

Os incidentes de Moscou – A Nação recebeu com a mais profunda tristeza os acontecimentos verificados em Moscou e nos quais se viu agredido e espancado o Secretário da nossa Embaixada, Sr. Soares de Pina. Também

²⁸⁸ MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*...p. 41.

indelicadamente tratado pelas autoridades soviéticas foi o nosso Embaixador na Rússia, Sr. Pimentel Brandão. Realizam-se infelizmente os prognósticos daqueles que viam no reatamento de relações diplomáticas com a Rússia mais um caminho para o expansionismo internacional marxista em nossa terra e mais uma pedra de tropeço em nossa já tão atribulada posição no exterior.²⁸⁹

O Leopoldinense reforçava, através de reportagens com declarações oficiais sobre o comunismo, seu posicionamento combativo. Lembrando que, em 1947, o Brasil estava sob o governo de Dutra, que foi eleito, após a saída de Getúlio Vargas. Seu governo foi marcado por colocar o PC do B na ilegalidade (1947), Pela cassação do mandato dos comunistas (1948) e pela ruptura com a União Soviética (20/10/1947).

Declaração do Sr. Ministro da Justiça – Na tarde de 8 do corrente em São Paulo, foi o Sr. Ministro da Justiça abordado pela reportagem, tendo feito, então, as seguintes declarações: - No meu modo de entender, depois de promulgada a Constituição da República, o Partido Comunista do Brasil é um partido ilegal. Para examinar bem este ponto deve-se tomar em consideração o que é na realidade e o que tem sido o PCB no país, e não os estatutos que êle ofereceu e conseguiu registrar, cujos postulados não observa. Interrogado sobre se acreditava que o desenvolvimento do comunismo no Brasil resultava de influências externas, respondeu: - É a minha convicção. E a uma pergunta sobre como encara o combate ao comunismo no Brasil disse: - Como um imperativo inspirado pela própria Constituição.²⁹⁰

“A ação dos revolucionários comunistas significava uma continuação da obra destruidora da Reforma, movida pelo mesmo desejo de aniquilar a verdadeira Igreja e a ordem social espelhada em seus ensinamentos.”²⁹¹ Segundo Motta, o comunismo competia com a religião católica “em termos de fornecer uma explicação para o mundo e uma escala de valores, ou seja, uma moral.”²⁹²

A explicação para o temor do perigo vermelho se dava porque:

A filosofia comunista se opunha aos postulados básicos do catolicismo: negava a existência de Deus e professava o materialismo ateu; propunha a luta de classes violenta em oposição ao amor e à caridade cristãs; pretendia substituir a moral cristã e destruir a instituição da família; defendia a igualdade absoluta contra as noções de hierarquia e ordem, embasadas em Deus. No limite, o sucesso da pregação comunista implicaria no

²⁸⁹ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 02 – 1º jan 1947 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. Mantida a grafia original.

²⁹⁰ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 03 – 15 jan 1947 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. Mantida a grafia original.

²⁹¹ MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*...p. 36.

²⁹² MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*...p. 38.

desaparecimento da igreja, que seria um dos objetivos dos líderes revolucionários.²⁹³

Funcionando como um porta-voz da Igreja Católica, *O Leopoldinense* reproduzia notícias vindas do Vaticano, via Rádio. Como neste caso, em que replica uma resposta dada a um jornal de Moscou:

O Vaticano responde a acusação de Moscou – O Rádio do Vaticano respondeu em 21 último, à noite, a um recente artigo do jornal soviético “Novos Tempos”, o qual disse que a Santa Sé, nos primeiros anos da guerra, “baseou suas expectativas na vitória certa das nações fascistas”. “A história dos primeiros anos da guerra mostra a mais completa solidariedade do Papa com aqueles que foram vítimas de ataques injustos”, comenta a emissora do Vaticano. “Os telegramas que, a 10 de maio de 1940, enviou Pio XII à Bélgica, à Holanda e ao Luxemburgo, vítimas de agressões não provocadas, condenam perante a humanidade a violação dos direitos das nações”. E o que faziam então certos campeões de liberdade? A mesma história registra o pacto teuto-soviético, isto é, a cumplicidade de que Hitler necessitava para a agressão. O “Novos Tempos” faria melhor se não tocasse nesse assunto de criminosos de guerra.²⁹⁴

Ao fazer esse registro, o jornal demonstrava que a hierarquia da Igreja Católica não se calava frente a acusações e usava os meios de comunicação disponíveis para divulgar suas respostas.

O Leopoldinense chegou a reproduzir outra notícia divulgada no jornal *O Diário* – Sucursal do Rio de Janeiro – em 25/03/1947. Com essa divulgação, infere-se que a intenção seria mostrar para a população que os dirigentes do PCB não agiam de acordo com os preceitos de igualdade por eles preconizados.

BASTA DE MISTIFICAÇÕES E TRAIÇÕES – Estão sendo espalhados pela cidade os seguintes e sensacionalistas boletins: “Comunistas! Camaradas! Basta de mistificações e traições. Enquanto nós, operários, tiramos dos nossos parques salários parcelas que representam mais um alimento ou mais uma roupa para nossos filhos, folhetos, retratos, medalhas escudos, etc, os nossos chefes não nos prestam conta de todo o dinheiro que tem sido arrecadado. Da campanha da “Imprensa Popular”, nem mais se falou para onde foram os fundos arrecadados. BOAS POLTRONAS – Enquanto isto, eles, os chefêtes, se refestelam nas luxuosas poltronas dos Hoteis Serrador e Glória, nos luxuosos apartamentos da Zona Sul, nos automóveis de classe, adquirem propriedades – Agildo, na Ilha do Governador tem uma vivenda principesca, Pomar tem luxuosa residência em Laranjeiras e Prestes passa para o seu nome tudo aquilo que representa o patrimônio do nosso partido e não se cansam de nos pedirem mais dinheiro.

²⁹³ MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*...p. 39.

²⁹⁴ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 05 – 15 fev 1947 – p.2. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. Mantida a grafia original.

– O que fizeram por nós até hoje? Sómente noites perdidas em trabalho de propaganda à chuva, longas caminhadas, enquanto os chefêtes nos fiscalizavam rodando comodamente em seus automóveis. TRAMA DE PRESTES – Agora, camaradas, mais grave é o que se trama contra a liberdade de que nossos chefes se dizem apóstolos. Por que Prestes está exigindo a renúncia de alguns de nossos companheiros mais votados nas últimas eleições? Por que Prestes não nos dá o exemplo de acatamento à vontade da massa? Por que Prestes quer que alguns menos votados sejam contemplados com as cadeiras no Conselho Municipal? Nosso querido companheiro Pinho está ameaçado de perder a cadeira de vereador por intimidação de Prestes, que quer dá-la a um de seus “Cadetes cheirosos” conhecidos. Expressamos nossa vontade ou não? Somos nós o Partido ou o Partido é Prestes?²⁹⁵

As notícias eram veiculadas sem nenhuma manifestação expressa pelos redatores, como Azzi relata: “os relatos de atividades comunistas (...) envoltas em análises superficiais e simplistas.”²⁹⁶ E ainda acrescenta: “falta de espírito crítico existente no ambiente católico, onde já havia a predisposição para acreditar em qualquer coisa que se afirmasse a respeito daqueles que eram considerados inimigos da Igreja.”²⁹⁷ Mas, a notícia em si demonstrava o posicionamento deles (redatores). Em alguns artigos procurava-se levar ao conhecimento dos leitores interpretações e definições, logicamente produzidas por pessoas contrárias ao movimento comunista e seus membros, como pode ser observado na página que trazia definições sobre democracia e socialismo.

Socialismo e Democracia (M.H. Ludolf de Mello) – Muito se tem discutido sobre os regimes governamentais. Uns defendem o Socialismo, outros a Democracia. O certo é que muitos esclarecimentos nos têm vindo desse fato. Para nós, o caso não é apenas uma questão de adotar essa ou aquela filosofia. A questão é um pouco mais complexa - está precisamente na interpretação filosófica do caso em lide. O Socialismo preocupa-se com o fato político e, tropeça, de quando em vez, com o bem geral. Talvez seja isso uma resultante da má execução ou manejo da máquina Democrática, nem sempre lubrificada e cuidada suficientemente para o necessário manejo. Esclareçamos este ponto: queremos dizer que o homem nem sempre está educado para o exercício da Democracia. O Sr. Edmundo Muniz, que é socialista, vem ao nosso encontro, quando examina Stáline, em face do Marxismo. Diz o citado autor em “A Rússia e o Socialismo”: “A indigência ideológica de Stáline não pode seriamente ser constatada por ninguém. Só por disciplina burocrática é que seus partidários têm audácia de apresenta-lo

²⁹⁵ Cf.: *Jornal O Leopoldinense* – Ano I – nº 09 – 15 abr 1947 – p.2. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. Mantida a grafia original.

Agildo Barata foi tesoureiro do PCB (expulso em agosto de 1957 por divergências) e Pedro Pomar foi membro do PCB (saiu em 1962 quando fundou com seu grupo o PC do B – Partido Comunista do Brasil. Em março desse ano ressurgiu, sob sua direção, o jornal A Classe Operária). Cf: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-comunista-do-brasil-pc-do-b>. Acessado em: jul. 2019.

²⁹⁶ AZZI, *Sob o Báculo Episcopal – A igreja católica em Juiz de Fora – 1850-1950...* p.296.

²⁹⁷ AZZI, *Sob o Báculo Episcopal – A igreja católica em Juiz de Fora – 1850-1950...* p.297.

como continuador da obra de Max, de Engels e Lenine. O exemplo disso está nos livros técnicos, científicos, artísticos e literários publicados na Rússia, que citam obrigatoriamente um conceito qualquer do ditador. A citação vem quase sempre sem propósito, apenas para constar, encaixada de certo pelo bureau de controle, o que nos leva a meditar na coação espiritual sob a qual vivem no regime Stalinista, os homens de ciências e letras”. Não será assim, também, deformada a Democracia pelos responsáveis pelo seu poder? Isso vem confirmar a nossa tese, isto é, que nem sempre o homem está preparado para a Democracia. No Socialismo, que é a fase inicial do Comunismo, vemos um enorme defeito – a supressão das liberdades. Os chamados sindicatos, na Rússia, nada valem. O operário é ali, apenas, uma figura decorativa, pois a pessoa vive com o seu sindicato que é o espelho, o reflexo do Estado. Em síntese há no Comunismo o que se chama de ditadura de classe. Na Democracia o vento sopra diferente. Algumas vezes, o indivíduo ou uma classe, sofre determinada acusação, a Constituição ou uma lei subsidiária, garante-lhe o direito de protestar e de recorrer. Existe o Congresso, os Tribunais, as Câmaras Legislativas que garantem o direito do cidadão, acaso violado pelo Chefe de Estado. Eis aí uma das vantagens da Democracia sobre o chamado Socialismo que, no Brasil, desejam impingir-nos com o rótulo de “Prestimos”.²⁹⁸

Em 15 de janeiro de 1947, às vésperas da eleição para governadores, o jornal reproduziu uma crítica à postura de candidatos como Ademar de Barros, candidato do Partido Social Progressista ao governo de São Paulo que se uniu aos comunistas com a finalidade de conseguir mais votos. As palavras são de Dom Carlos Carmelo, primeiro cardeal de São Paulo.

(...) Deu-se a aliança de um suposto cristão e brasileiro com outro sabidamente anti-cristão e anti-nacional, por isso, contra Deus e internacional. Portanto, como advertiram os bispos de São Paulo, os católicos não podem concorrer com os seus votos em benefício dessa conjuração de lesa-Divindade e de lesa-Pátria. Quem for católico e brasileiro cumpra o seu dever eleitoral – “Os votos dos fieis cristãos são para os cristãos fieis”. São Paulo – 4 de janeiro de 1947. Cardial Arcebispo de São Paulo.²⁹⁹

Percebe-se que, do início ao fim do ano de 1947, a política permeou as edições de *O Leopoldinense*. Tornou-se importante seguir e repassar as orientações da LEC. E combater o comunismo era, dessa forma, uma prática recorrente nestas edições.

Na edição de maio de 1947, *O Leopoldinense* trouxe a notícia do cancelamento do registro do partido comunista, cuja sessão no Tribunal Superior Eleitoral ocorreu em 7 de maio de 1947. Assim foi retratado o assunto: “terminou o julgamento do mais importante

²⁹⁸ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 09 – 15 abr 1947 – p.4. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. Mantida a grafia original.

²⁹⁹ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 3 – 15 jan 1947 – p.4. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. Mantida a grafia original.

feito que já transitou pela justiça eleitoral brasileira, decidindo pelo cancelamento do Partido Comunista do Brasil”³⁰⁰. Segundo o redator, “a medida decretada pela justiça eleitoral vem abrir novos rumos na vida política do Brasil, determinando longa e séria tarefa para a própria nacionalidade”.³⁰¹ As acusações feitas ao partido neste processo³⁰², que culminaram com sua cassação foram: o partido seria uma organização internacional orientada pelo comunismo marxista-leninista da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas; em caso de guerra com a Rússia, os comunistas se posicionariam contra o Brasil; o partido seria estrangeiro e estaria a serviço da Rússia. Em um momento de nacionalismo exacerbado, tudo que fizesse frente a isso seria motivo de desconfiança e retaliação. Segundo Motta, “Dutra manteve uma atitude resolutamente anticomunista durante toda a sua vida”.³⁰³

Mesmo com o cancelamento do registro, as atividades comunistas continuaram, e, em consequência, a reação anticomunista da Igreja Católica também não cessou. As edições de *O Leopoldinense* pós-cancelamento do registro do PC do B insistiam em atacar qualquer indício de manifestação do mesmo. Como exemplo, nas últimas edições de 1949, os redatores chamavam a atenção dos leitores/eleitores para os candidatos eleitos nas últimas eleições, observando o que fizeram em favor dos católicos e dos princípios por eles defendidos. Além disso, chamavam a atenção também para a prudência com que os eleitores deveriam agir, para que os ânimos não se exaltassem, pois “a violência das críticas e dos insultos aproveita apenas aos agitadores e aos oportunistas, aos profissionais da politicagem e aos que tentam subverter nossa comunidade, os comunistas”.³⁰⁴ Essas recomendações serviriam para serem aplicadas nas eleições de 1950.

Para reforçar a ideia do mal na figura dos comunistas, um artigo do Padre Adalberto de Paula Nunes é reproduzido no jornal. Ele explica a expressão “terror vermelho”. Segundo o padre, “é porque os comunistas, uma vez com o poder nas mãos, estabelecem um sistema de governo que tem por base o terror, o medo, e a tortura”.³⁰⁵ Neste mesmo artigo, intitulado “Técnica Comunista de Matar”, o padre diz que “quando os comunistas sobem ao poder, procuram cumprir imediatamente a ordem de exterminar os que estiverem na oposição. Inaugura-se a fase de terror para consolidar o regime”.³⁰⁶ Ele exemplifica isso dizendo que os

³⁰⁰ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 1 – 15 mai 1947 – p.2. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

³⁰¹ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 1 – 15 mai 1947 – p.2. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

³⁰² Cf. processo em: www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tse-resolucao-1841-cancelamento-do-registro-do-pcb. Acesso em julho de 2019

³⁰³ MOTTA, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*...p.283.

³⁰⁴ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano 4 – nº 68 – 1 dez 1949 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

³⁰⁵ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano 4 – nº 78 – 1 jun 1950 – p.2. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. Mantida a grafia do documento original.

³⁰⁶ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano 4 – nº 78 – 1 jun 1950 – p.2. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

dirigentes do partido recorriam a seus fichários e a suas listas “negras”, que continham nomes, profissões e residências dos que eles chamavam “inimigos do Povo”. Ele ainda cita que em Valladolid, na Espanha, a “lista negra” marcou 10.000 pessoas com a descrição minuciosa dos modos de torturas que lhes foram aplicadas. Finaliza a notícia com a pergunta: “Para o Brasil desejaríamos, por acaso, que fosse instalado o regime de terror e a técnica de matar dos comunistas?”³⁰⁷

Isso comprova como a Igreja alimentava, sobretudo, no imaginário, dos leitores católicos a ideia negativa associada ao comunismo. Para aqueles que pregam a paz, o amor entre os irmãos, esse tipo de associação do comunismo à morte, ao mal, e à tortura ia contra todos os princípios defendidos pela Igreja Católica.

O ano de 1950 seria mais um ano de eleições gerais. Do segundo semestre desse ano em diante as chamadas alertando os eleitores foram intensas. O jornal reproduziu um artigo do Cônego Lincoln Ramos, no qual ele alerta que nestas eleições o católico teria um duplo dever: dever legal e dever moral. O legal estaria em obedecer o que preconizava a lei eleitoral; o moral seria eleger candidatos cuja maneira de pensar e de agir garantisse a aprovação de leis boas e justas. Finalizando o artigo, o cônego diz: “O Brasil não tem partido católico. Nem as circunstâncias aconselham sua criação. Os católicos têm liberdade de filiar-se a qualquer agremiação política cujo programa nada encerre de contrário à doutrina católica”.³⁰⁸

A preocupação da Igreja a respeito dessas eleições era grande. Pelos artigos divulgados em *O Leopoldinense*, percebe-se que essa preocupação era tanto em relação aos eleitores, no sentido de orientação a quem deveriam dar o seu voto, como também em relação aos candidatos, que fossem afinados às diretrizes da Igreja Católica, garantindo assim seu espaço na sociedade, se propusessem a cumprir um mandato dentro da moralidade e dos bons costumes. Assim os editores trouxeram o assunto:

Aos chefes dos partidos tanto na esfera estadual, como na municipal, cabe o indeclinável dever de só incluir, nas chapas a serem elaboradas, nomes que, pelo seu passado, pelas suas idéias e pelo seu valor moral, sejam capazes de concorrer, eficientemente, para o bem comum. A consciência católica, chamada a opinar no próximo pleito, não pode sufragar nomes de candidatos que, pelas suas idéias acatólicas ou pelo seu indiferentismo religioso, não ofereçam garantia de uma atuação equilibrada e respeitadora dos sagrados princípios da Igreja. Sobre cada chefe ou político responsável pesarão as terríveis consequências da escolha de candidatos maçons, espíritas,

³⁰⁷ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano 4 – nº 78 – 1 jun 1950 – p.2. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

³⁰⁸ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano 4 – nº 79 – 1 jul 1950 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

protestantes, comunistas, ou faltos de requisitos necessários para bem legislar ou governar.³⁰⁹

As eleições de 1950 mereceram destaque em todas as edições do segundo semestre desse ano. Os editores não se cansavam de repetir as mesmas orientações da LEC, chegando a colocar em negrito as denominações daqueles que julgavam inimigos da Igreja Católica, como foi no caso do artigo intitulado *Aspirações*, do qual destacam-se alguns trechos:

Nenhuma consideração, por conseguinte, legitimará qualquer tentativa de nos oferecer candidatos **maçons, espíritas, protestantes, comunistas, etc.** (...) Esses 60 anos de República já nos mostraram à saciedade o que tem sido a “justiça” feita pelos inimigos à ação da Igreja! Hostilidade, perseguição, má vontade, desinterêsse, tudo isso tem entrado sempre e muito nessa história de oposição à extensa e multiforme ação benéfica da Igreja!³¹⁰

Outro artigo, assinado por Clóvis Lima Garcia, traz um suposto movimento revolucionário encabeçado pelos comunistas, além de citar denúncia de possíveis infiltrações de candidatos comunistas nas chapas de partidos que concorreriam às eleições de 1950.

“Ano Decisivo”! Assim foi chamado este 1950. Por quem? Pelos que tramam abertamente a revolução universal: os comunistas. Documentos sumamente comprometedores foram apreendidos em mãos dos vermelhos sulamericanos que, na Bolívia, articulavam grande convulsão social destinada a cobrir toda a América. Êsse movimento revolucionário-segundo os agentes de Moscou – deveria culminar com a instalação de um super-Estado totalitário que, já antes de nascer, recebera o nome de União Soviética da América do Sul. Diligentes, os fantoches bolchevistas! Como penhor da submissão batizam a primogênita continental com o nome da mãe eslava. Carinhos de carrasco, já se vê. (...) Não nos iludamos. Os filhos das trevas são mais astutos...Quando eles dormem é porque estão mais astutos...Quando eles dormem é porque estão mais alertas do que nunca. No Brasil, lançados fora da lei, os vermelhos agem com a cautela de felinos e não perdem oportunidade de encabeçar greves, de atizar arruaças, de instilar veneno na imprensa subversiva ou venal...Há pouco foi denunciada a tática de infiltração de candidatos comunistas nas chapas de partidos políticos registrados que concorrerão às eleições deste ano. Tática sobejamente conhecida. No entanto, os “democratas” sentem-se à vontade na troca da própria dignidade por uns votos de cabresto...Tanto pode um prato de lentilhas, quando o caráter passou a ser flor de retórica para fins eleitorais! (SFS)³¹¹

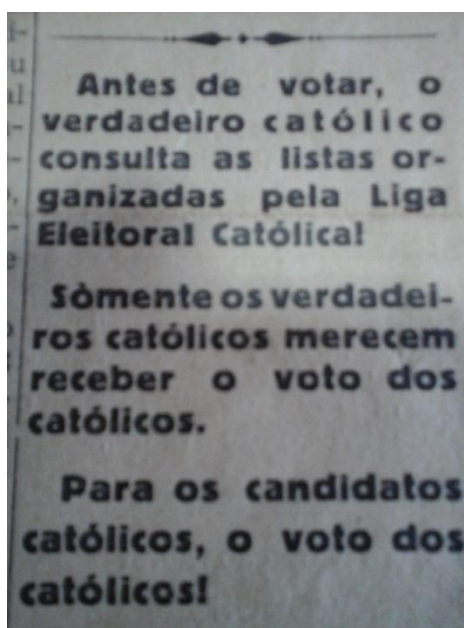
³⁰⁹ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano 4 – nº 79 – 1 jul 1950 – p.4. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

³¹⁰ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano 4 – nº 82 – 15 ago 1950 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. Mantida a grafia original.

³¹¹ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano 4 – nº 81 – 1 ago 1950 – p.2. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

As duas edições de setembro de *O Leopoldinense* trouxeram orientações da LEC aos eleitores para as eleições de 3 de outubro de 1950. Em primeiro lugar, chama a atenção para que não se repita o grande número de abstenções, ocorridas em eleições anteriores; e, em segundo lugar, traz critérios para escolher os candidatos, mencionando pontos que deveriam ser observados. O compromisso do candidato deveria ser expresso, e uma das principais metas deveria ser: “combate a tôdas as medidas que atentem contra os direitos, interesses e respeitabilidade da doutrina católica”³¹²

Imagem 35: Instruções aos eleitores



Fonte: Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano 4 – nº 83 – 1 set 1950 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

Com esse “bombardeio” de mensagens, o jornal buscava conquistar os eleitores católicos, para que, seguindo suas orientações, elessem candidatos afinados com a postura da Igreja Católica e com suas diretrizes.

Na edição de 1º de setembro de 1950³¹³, o jornal trouxe as mensagens enviadas pelos dois candidatos ao governo de Minas Gerais ao bispo Dom Delfim. Da parte do deputado Gabriel de Rezende Passos, candidato da coligação UDN/PRP/PDC: “Vejo no espírito religioso de nosso povo o mais seguro esteio para a manutenção das belas tradições que caracterizam e dignificam a gente mineira”. E do deputado Juscelino Kubitschek, candidato da coligação PSD/PR: “Nesta oportunidade, asseguro ao nobre prelado que, se eleito,

³¹² Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano 4 – nº 83 – 1 set 1950 – p.4. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. Mantida a grafia original.

³¹³ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano 4 – nº 83 – 1 set 1950 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

conduzirei os negócios do Estado com rigorosa observância dos princípios da Igreja Católica, nos quais me eduquei e que alentam a alma do nosso povo.

O resultado das eleições para Presidente da República e Governador de Minas Gerais foi o seguinte:

Quadro 3 – Resultado eleição 1950 – Presidente e Vice-Presidente do Brasil

Cargo	Candidato	Coligação	Nº de Votos/percentual	Aprovado pela LEC
Presidente da República	Getúlio Vargas	PTB/PSP	3.849.040 – 48,73%	SIM
	Eduardo Gomes	UDN/PRP/PDC/PL	2.342.384 – 29,66%	SIM
	Cristiano Machado	PSD/PR/PDT/PST	1.697.213 – 21,49%	SIM
	João Mangabeira	PSB	9.466 – 0,12%	NÃO
	Branços	---	211.433	
	Nulos	---	145.473	
Vice-Presidente da República	Café Filho	PTB/PSP	2.520.790 – 35,76%	NÃO
	Odilon Braga	UDN/PRP/PDC/PL	2.344.841 – 23,40%	SIM
	Altino Arantes	PSD/PR/PDT	1.649.309 – 23,40%	SIM
	Vitorino Freire	PST/PTN	524.079 – 7,43%	SIM
	Alípio Correia Neto	PSB	10.800 – 0,15%	NÃO
	Branços	---	1.048.778	
	Nulos	---	156.392	

Fonte: Cf.: <https://sites.google.com/site/atlasleicoespresidenciais/eleio-de-1950>. Acesso em: set. 2019.

O Leopoldinense trouxe, na edição de 1º de fevereiro de 1951, notícia sobre o resultado das eleições gerais de 1950. Destaco que o editor não fez menção a Café Filho, eleito vice-presidente, cujo nome não foi aprovado pela LEC.

Novos governantes – com o dia de ontem, encerraram-se os mandatos do Executivo e Legislativo que nos governaram. E novos dirigentes, eleitos em 3 de outubro, assumiram a direção da coisa pública, para o período de 1951-1955. Na esfera federal, a Presidência da República passa das mãos de General Eurico Dutra para as do sr. Getúlio Dornelles Vargas, cujo Ministério é de tendências conciliatórias. No Estado o Sr. Juscelino Kubitschek de Oliveira recebe o Governo das mãos do Sr. Milton Campos. O Sr. Newton Monteiro de Barros é o novo Prefeito de Leopoldina, sucedendo ao sr. José Ribeiro dos Reis. No Legislativo Federal, figuram os seguintes diocesanos leopoldinenses: Senador Levindo Eduardo Coelho e Deputados Carlos Coimbra da Luz e Manoel Inácio Peixoto. Representam a Diocese na Câmara Estadual os Deputados Luiz Maranha, José Alcino Bicalho, Carvalheira Ramos e Olavo Tostes Filho. O Governo Mineiro aproveitou no Secretariado o diocesano leopoldinense, Dr. Antonio Pedro Braga. Que a todos Deus Nosso Senhor conceda suas graças para bem corresponder à confiança que neles depositou o povo.³¹⁴

³¹⁴ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano 5 – nº 92 – 1 fev 1951 – p.3. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

Percebe-se, além da exclusão do nome de Café Filho, a repetição do adjetivo “diocesano” para qualificar alguns dos eleitos. Isso reforça, no leitor, a ideia de que esses candidatos foram aprovados pela Igreja e seguem a doutrina católica. Ao tratar o candidato como diocesano, cria-se no imaginário a existência de um vínculo de seu mandato com as demandas da Igreja, visto que diocesano significa “Que pertence ou concerne a uma diocese. Aquele que é fiel a uma diocese, em relação ao bispo.”³¹⁵ A notícia, então, não poderia, dentro dessa linha de pensamento, incluir realmente o nome de Café Filho.

O Leopoldinense, em sua edição de 15 de outubro de 1950, trouxe em seu editorial, intitulado *Preparar-se para o Futuro*, uma avaliação do resultado das eleições de 3 de outubro de 1950. Segundo os editores, a resposta das urnas representa o que o povo pensa e deseja.

Sente-se que o povo reagiu a seu modo contra a onda de politiquice que se instalou no Brasil, ora selando combinações as mais inesperadas, ora guiando em torno de homens, que, de nenhum modo, possuíam credenciais para aparecer diante do eleitorado. (...) Que mentalidade triunfou? Só o futuro responderá, pois se os resultados do pleito afastaram de vitória políticos sem sagacidade, não deixaram também de consagrar verdadeiras nulidades, em detrimento de muitos que trabalharam decidida e eficientemente em favor de suas comunas ou de suas regiões. Em meio a tênues esperanças e sombrias angústias caminhamos, pois, para as realidades do futuro (...). Ninguém pode negar que os dirigentes da Liga Eleitoral Católica trabalharam com eficiência e coragem, mesmo quando os partidos, atrasando na publicação dos nomes de seus candidatos, ameaçaram impedir fosse o eleitorado católico devidamente instruído. Por que então não terem sido de 100% os resultados colhidos por esse trabalho da LEC. Porque nem todos os católicos tiveram tempo de conhecer o texto dos comunicados da LEC e porque numerosos grupos de católicos não tiveram a heróica coragem de romper o círculo que os prendia a sua panelinha política e de, em seguida, negarem-se a sufragar os candidatos condenados ou desaconselhados. Falharam esses últimos à Igreja. (...) O fenômeno Café Filho não pode estar ausente de nossos comentários. A considerável votação desse tradicional opositor da Igreja se explica com a divisão dos votos democráticos pelos três candidatos aceitos pela LEC, os Srs. Altino Arantes, Odilon Braga e Vitorino Freire. Basta somarmos os votos desses ilustres brasileiros para encontrarmos cifra maior que a dos votos dados ao Sr. Getúlio Vargas(...). Os brasileiros escolheram, ou, pelo menos, acreditaram ter escolhido seus dirigentes. Que eles saibam assumir agora as responsabilidades dessa escolha, preparando-se para as árduas tarefas dos dias que hão de vir!³¹⁶

Os anos seguintes foram marcados pelas notícias internacionais que envolviam o comunismo. E a campanha anticomunista era intensificada, como já foi falado, nos períodos eleitorais.

No ano de 1954, um fato na esfera política recebeu destaque em *O Leopoldinense* que foi a morte de Getúlio Vargas em 24 de agosto.

³¹⁵ Cf: dicio.com.br/diocesano/. Acesso em setembro/2019.

³¹⁶ Cf.: *Jornal O Leopoldinense* – Ano 4 – nº 85 – 15 out 1950 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. Mantida a grafia original.

O trágico desaparecimento do Presidente Getúlio Vargas, na manhã do dia 24, mergulhou o país em profundo pesar (...). Para a consciência católica, coberta de dor e naturalmente chocada com a solução adotada pelo Sr. Presidente da República, levanta-se agora o dever de, no íntimo, orar pela alma do Presidente e de, publicamente, pedir a Deus Nosso Senhor que, em sua infinita misericórdia, salve o país dos reflexos da crise político militar desenvolvida desde a madrugada de 5 de agosto.³¹⁷

Em outra edição de 1954, *O Leopoldinense* reproduziu uma entrevista de Dom Helder ao jornalista Al Neto. Nela, tratam, entre outros assuntos, da CNBB e também da morte de Getúlio Vargas. As palavras de Dom Helder na entrevista reforçavam a necessidade de o país voltar a ter equilíbrio, sem ódios. A mensagem também demonstrou uma tendência de aproximação e de aceitação do novo presidente ao tratar das nomeações feitas por ele. Lembre-se que, com a morte de Getúlio Vargas, quem assumiu a presidência foi Café Filho, que não teve respaldo da LEC no período eleitoral. Dom Helder Câmara era, nesta data, bispo auxiliar do Cardeal Dom Jaime Câmara e Secretário Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB (criada em 14/10/1952). O jornalista explicou que a CNBB era um órgão permanente que se dedicava aos estudos fundamentais dos problemas da nacionalidade. Os problemas colocados em pauta nas reuniões levavam à confecção de documentos de base através das circunscrições eclesiais. Sobre Getúlio Vargas, Dom Helder comenta com Al Neto que cabe rezar pela alma do Chefe da Nação. Sobre o destino do país, ele esperava que se restaurasse o quanto antes o clima de decência e dignidade, sem ódios, nem rancores, deixando uma mensagem de paz ao povo brasileiro:

Sim – repete – ele, uma mensagem de paz. Acabamos de viver dias tão densos, tão carregados que há uma ânsia geral por parte de todas as pessoas dignas: ânsia de ver, quanto antes, o país retornar um ritmo de equilíbrio, de ordem e de tranquilidade. As primeiras nomeações do novo Presidente são, aliás, uma garantia de que se aproxima uma época de segurança que só agitadores profissionais terão interesse em procurar perturbar.³¹⁸

Para complementar o assunto sobre a morte de Getúlio Vargas, o jornal também publicou a palestra do Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, proferida em 27 de agosto na Rádio Vera Cruz no Rio de Janeiro, da qual, foram extraídos alguns trechos.

³¹⁷ Jornal *O Leopoldinense* – Ano – nº 176 – 1 set 1954 – p.4 (suplemento). Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

³¹⁸ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano 8 – nº 179 – 15 out 1954 – p.2. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

De mortuis, nihil, nisi bonum; dos mortos nada se diga, se não o bem; é o prólogo bem conhecido, que tanto possui de cristão como de humano. Não sei por consentâneo a nossa natureza ou ao menos ao sentimentalismo brasileiro, o certo é que “post mortem” cada um é lembrado em sua família, não pelos defeitos que tinha, mas pelo bem que fazia. É no mesmo rumo que vai esta crônica, recordando, sem intuitos de ordem inferior, alguns benefícios prestados pelo ex-presidente da República, dr. Getúlio Vargas. Eis alguns: (...) Serviço de Assistência Religiosa junto às Forças Armadas(...). Outra conquista da Igreja no Governo Getúlio Vargas é, sem dúvida, o ensino religioso, nas escolas públicas. (...). Também para a manutenção de indissolubilidade do matrimônio na legislação brasileira, muito concorreu, ao menos na época dos decretos-leis, senão também depois, o saber-se que, mesmo contrariando opiniões de pessoas que cercavam o ex-presidente, este se mantinha ao lado da doutrina católica, ou melhor, da lei natural. Não será necessário, por bem recente, lembrar a adesão, auxílio e prestígio concedidos aos nossos dois Congressos: o “Nacional da Padroeira do Brasil” e o “Trigésimo Sexto Eucarístico Internacional”. É de esperar que, em recompensa, Deus, misericordioso haja concedido ao ex-presidente Getúlio Vargas, em seus últimos instantes, a suficiente luz para compreender o desatino do gesto com que se privou da vida, podendo ter ainda obtido o perdão divino. A Igreja, porém, é que ficou impedida de lhe tributar honras fúnebres, pois tem obrigação de manifestar, com essa abstenção, o horror que o suicídio merece, quer em si mesmo, por ser uma usurpação indébita dos direitos de Deus, quer pelo exemplo que deixa, tanto mais reprovável quanto mais venha do alto. (...) Recomendar sua alma à infinita misericórdia de Deus é atitude cristã, mas elogiar o suicídio, seja de quem fôr, é concorrer a agravar situações, que bem precisam da mais sadia orientação para que o Brasil volte à serenidade da ordem e da paz.³¹⁹

Foi essa a forma encontrada pela Igreja de, ao mesmo tempo, enaltecer a figura do presidente Getúlio Vargas, relembando o que ele havia feito de positivo em relação às demandas católicas, como especificadas na mensagem, e também criticar o ato que culminou com sua morte.

A partir dos anos 1950, a Igreja Católica no Brasil mudou sua estratégia. Antes, afinada com o governo e com as elites³²⁰, a partir daí iria ao encontro das “aspirações daquelas camadas que constituíam sua base social.”³²¹ As transformações na sociedade, com o avanço das formas capitalistas de organização na produção, modificaram o perfil do fiel católico nas cidades que constituía em número cada vez maior de assalariados, operários, funcionários, universitários, etc. Assim, com várias correntes de pensamento, de interesse em jogo, a Igreja precisava se modificar também. Destaca-se e reforça-se, então, o que a Igreja teria que enfrentar:

³¹⁹ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano 8 – nº 179 – 15 out 1954 – p.2. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. Mantida a grafia do documento original.

³²⁰ Cf em MAINWARING, *A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)*...p.54.

³²¹ PIERUCCI; SOUZA e CAMARGO, *Igreja católica: 1945 - 1970*. In: FAUSTO, Boris (Dir). *O Brasil Republicano: economia e cultura (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p.355.

O avanço do pensamento marxista, o exercício do voto, o aumento do peso relativo da classe operária, além da pronta penetração de um protestantismo agressivo e da propagação popular do espiritismo e da umbanda, obrigariam os bispos a levar em consideração aspirações populares e a reformular seu modo de atuação. Numa palavra, se a Igreja começa a mudar nos anos 50, é porque as grandes massas de católicos, ao serem mobilizadas pelo rápido processo de penetração e expansão do capitalismo industrial, começam a passar, visivelmente, da mera passividade política a certa atividade reivindicativa e passar a ser disputada por concorrentes ideológicos decididos, não apenas de cunho profano, mas também de caráter religioso.³²²

Em 3 de outubro de 1954, ocorreram novas eleições para alguns estados (dos quais Minas Gerais estava excluído), recomposição de 2/3 do Senado Federal e para deputados federais e estaduais, prefeitos, vereadores e juízes de paz. E mais uma vez *O Leopoldinense* iniciou uma intensa campanha, tentando ajustar os postulados católicos a candidatos que estivessem comprometidos com eles.

³²² PIERUCCI; SOUZA e CAMARGO, *Igreja Católica: 1945 - 1970...*, p.355.

Imagem 35: Orientações ao eleitorado católico

Ao Eleitorado Católico

Aos eleitores católicos da Diocese, dirigimos os seguintes apelos e advertências para que seus votos concorram, de modo eficiente e mesmo decisivo, para o bem do Município, do Estado e do País.

Nenhum interesse meramente partidário nos anima. Só uma preocupação temos: a de sentir todos os católicos da Diocese votando em candidatos dignos do cargo a que aspiram.

Assim, com a consciência tranqüila de termos cumprido nosso dever, aguardamos que o digno eleitorado católico, sob nenhum pretexto menos sério, deixe de votar, no pleito que se avizinha. Aos melhores candidatos, àqueles que têm sabido defender os postulados cristãos, dever ser dado o voto católico.

Eis os apelos e advertências dirigidos à consciência dos eleitores católicos:

- 1—Tenha o eleitorado católico sempre em mente as palavras que lhe dirige Leão XIII: "Faltarão gravemente a seus deveres, se na medida de suas possibilidades não contribuirem para dirigir a política de sua cidade, de sua província, de sua nação". (Leão XIII, na Encíclica "Immortale Dei", II)
- 2—Sob nenhum pretexto, os católicos de ambos os sexos podem deixar de fazer uso do título de eleitor, quando convocados para as eleições. O católico que deixa de votar dá prova de desamor à Pátria e à Religião.
- 3—Não podem os católicos votar em candidatos a Senador, a Suplente de Senador, a Deputado Federal, a Deputado Estadual, a Prefeito, a Vice-Prefeito, a Vereador, a a Juiz de Paz, que sejam inimigos de nossa Religião (protestantes, espíritas, maçons, comunistas, etc.) ou sem idoneidade moral para o cargo a que aspiram.

Fonte: Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano 8 – nº 177 – 15 set 1954 – p.4. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

Imagem 36 – Para os eleitores católicos



Fonte: Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano 8 – nº 177 – 15 set 1950 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

Esse é mais um exemplo de alteração da estrutura de apresentação do jornal, para inserção de chamadas referentes às eleições.

Em 1955, as edições se dividem entre a renúncia de Juscelino Kubitschek ao governo de Minas Gerais e a eleição para a presidência do Brasil e para o governo de Minas Gerais³²³. Destaca-se que a renúncia de Juscelino se deu em 31 de março de 1955, a fim de se lançar como candidato à presidência da República, só que a edição de 1º de janeiro de 1955, já trazia um telegrama do candidato a Dom Delfim, dando garantias de sua compatibilidade com as diretrizes da hierarquia católica:

Eu não poderia deixar de me dirigir a V. Excia. para manifestar-lhe que em consonância com minha condição de católico e pela minha formação realizada sob os sábios ensinamentos da Igreja, tudo farei humanamente ao

³²³ Findo o período eleitoral, o resultado foi: presidente – Juscelino Kubitschek; vice-presidente – João Goulart, governador de Minas Gerais – Bias Fortes; vice-governador – Arthur Bernardes Filho.

meu alcance para que campanha para Sucessão da República mantenha inalterável sentido de elevação espiritual, de paz e harmonia entre todos os cidadãos brasileiros(...). Atenciosos cumprimentos. Juscelino Kubitschek.³²⁴

A campanha anticomunista não cessava. Entre um período eleitoral e outro, o jornal continuava a noticiar fatos internacionais, que demonstrassem o terror comunista. A ilegalidade do PCB não diminuiu a campanha contra o comunismo. Intensificava-se ainda mais, pois alegavam que os comunistas estavam infiltrados em outros partidos.

O ano de 1958 foi marcado pelas eleições para senador, suplente de senador, deputados federais e estaduais. A Igreja Católica, continuando o propósito de apoiar candidatos afinados com suas diretrizes, fez uma intensa campanha contra a participação de comunistas em outros partidos, uma vez que o PCB continuava na ilegalidade. Luiz Carlos Prestes, líder do PCB, reiniciou suas atividades após a revogação de sua prisão preventiva no dia 19 de março de 1958, através do parecer do juiz José Epaminondas Monjardim Filho. O *Leopoldinense*, rapidamente, divulgou a notícia no intuito de conter qualquer tipo de manifestação a favor dele e de suas ideias. Em relação às eleições, o jornal trazia a seguinte manifestação: “Em matéria de tanta importância, nosso silêncio poderá ser criminoso. De nossa omissão, poderá decorrer a eleição de candidatos comunistas, heréticos, incapazes, negociastas.”³²⁵

A edição de agosto de 1958 traz em seu editorial observações sobre as eleições de 3 de outubro.

Nós não desejamos que um ateu, um comunista, um hereje, um adepto de sectário de seitas acatólicas ou um membro já sem liberdade ideológica porque constrangido a juramento cego de irrestrita aderência á seitas secretas, se ornamenta com a fictícia função e qualidade de ser nosso mandatário, como senador, deputado, vereador, prefeito, vice-prefeito, juiz de paz, só porque, no dia 3 de outubro, não soubemos cumprir com o nosso dever. PARA OS ELEITORES CATÓLICOS, SÒMENTE CANDIDATOS CATÓLICOS!³²⁶

Para finalizar este tema, será utilizado um trecho do editorial da edição de agosto de 1960, no qual percebe-se uma mudança de postura ou pelo menos uma intenção de mudança da Igreja Católica em relação ao comunismo.

³²⁴ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano IX – nº 183 – 1 jan 1955 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

³²⁵ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano VII – nº 258 – 1 mai 1958 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

³²⁶ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano XII – nº 265 – 15 out 1958 – p.1 e 4. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

É aconselhável que as autoridades prestem atenção às atividades comunistas, mas é preciso que se reconheça com a maior das franquezas que a história anticomunista é tão nociva quanto a ideologia que ela diz combater. O anticomunismo não é a resposta mais inteligente, nem mais democrática que podemos dar ao desafio que o comunismo nos faz. Temos que provar que somos mais eficientes, demonstrando a nossa capacidade de progredir no plano econômico e social sem nos transformarmos em sociedade fechada e totalitária em que a Polícia é onipresente, onisciente e onipotente. Não se combate o comunismo – idéia-fôrça – sem lhe opôr outra idéia-força. Reprimir não resolve. Importa mais convencer. E aí surgem os programas de governo, dar às massas e às elites consciência dos seus deveres, antes que as fixar, apenas, em uma noção exagerada de seus próprios direitos. Resolvidos os nossos problemas de ordem econômica, mais prementes, e melhorada a nossa maquinaria pedagógica de maneira a melhor educar os brasileiros de amanhã, não tememos afirmar nossa fé nos destinos da nossa democracia.³²⁷

Esse editorial reflete o novo posicionamento da igreja católica, que não deveria ser apenas de combate. A educação, a consciência dos direitos, a promoção de melhorias sociais seriam os meios de oposição ao comunismo.

3.3.2 O protestantismo, a maçonaria e o espiritismo – outros inimigos

O decreto 119-A de 7 de janeiro de 1890, que consagrou a liberdade de culto no Brasil, antes permitida somente em ambientes domésticos, teve repercussão no meio católico como já foi abordado anteriormente. O líder católico, Dom Sebastião Leme, proponente de algumas emendas, as chamadas “Emendas Plínio Marques”, enfrentou a vigorosa oposição de protestantes, maçons, espíritas e da imprensa, sendo, por isso, rejeitadas. As atitudes dos protestantes, nas primeiras décadas do período republicano, foram diversas, mas as esperadas aproximação e colaboração não ocorreram. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, temos o seguinte quadro:

Quadro 4: Números de brasileiros, segundo religião declarada de 1872 a 1960.

Período	Católicos	Protestantes	Espíritas
1872	9.902.712	-	-
1890	14.179.615	143.743	-
1940	39.177.880	1.074.857	463.400
1950	48.558.854	1.741.430	824.553
1960	65.329.520	2.824.775	977.561

³²⁷ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano XIII – nº 308 – 1 ago 1960 – p.2. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

Fonte: Disponível em: <https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=POP60>. Acesso em: ago. 2019.

Nesta tabela, percebe-se um maior crescimento dos protestantes em relação aos declarados católicos, entre 1890 e 1940. Infere-se que com a República, as pessoas se sentiram mais confortáveis para manifestar seu posicionamento religioso.

De acordo com essa tabela, da qual foram excluídas outras denominações religiosas, o número de protestantes e espíritas teve um crescimento significativo nas primeiras décadas da República, o que levou a hierarquia católica a se municiar frente a essa onda de crescimento. A neocristandade procurava resguardar os valores da Igreja Católica e, com a criação de dioceses e o uso da imprensa, esperava-se manter a sua hegemonia.

Destaca-se que o Concílio Plenário Brasileiro em 1939 “consagrou o episcopado nacional a fim de discutir os problemas enfrentados pela Igreja e traçar metas para a mesma”³²⁸. Estiveram em pauta questões relacionadas ao avanço de seitas protestantes e do espiritismo, além da questão social, trazida à baila pela *ameaça vermelha*. Com o Estado encampando a repressão ao comunismo, a partir das resoluções do Concílio, a Igreja passou a investir de forma mais sistemática contra as “heresias” protestantes e espíritas. “A pronta penetração de um protestantismo agressivo e da propagação popular do espiritismo e da umbanda, obrigariam os bispos a levar em consideração aspirações populares e a reformular seu modo de atuação.”³²⁹ Em 1957, o papa Pio XII, falando no II Congresso Mundial para o Apostolado dos Leigos, lembraria a urgência da formação de apóstolos leigos tanto para suprir a falta de padres como para fazer frente “aos quatro perigos mortais” que ameaçam a Igreja na América Latina: a invasão das seitas protestantes, a secularização da vida toda, o marxismo (que nas universidades se revela o elemento mais ativo e tem em mãos quase todas as organizações de trabalhadores) e, finalmente, um espiritismo inquietador.

A edição de *O Leopoldinense* de julho de 1947 trata dos ataques à Ação Católica por parte dos protestantes. No editorial que procura fortalecer o apostolado leigo em sua missão, é posto: “a imprensa protestante já há cerca de dois anos vem lançando contra a Ação Católica as mais contundentes acusações, as quais, se não fora o tom anti-papista em que são vasadas, pouco teriam a diferenciá-las do linguajar político.”³³⁰

Na edição de setembro de 1947, há uma advertência para que os católicos não leiam e nem aceitem Bíblias ou Evangelhos sem o “imprimatur”³³¹ da Santa Igreja. A mesma página

³²⁸ PIERUCCI; SOUZA e CAMARGO, *Igreja Católica: 1945 - 1970...* p.355

³²⁹ PIERUCCI; SOUZA e CAMARGO, *Igreja Católica: 1945 - 1970...* p.355.

³³⁰ Cf.: *Jornal O Leopoldinense* – Ano I – nº 15 – 15 jul 1947 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

³³¹ Palavra latina que significa “Imprima-se”. Orientação postulada no Código Canônico 1393-1394. Cf.: edtl.fcsh.uni.pt/encyclopedia/imprimatur/. Acesso em: ago. 2019.

traz a informação “A Ilusão Espírita”, dizendo que na “Biblioteca Apologética”, dirigida pelo Revmo. Pe. Agnelo Rossi, acabava de aparecer um interessante trabalho de Ramos de Oliveira sobre o espiritismo e sua presença no Brasil. Segundo o editor, “os numerosos fatos apontados não deixam dúvida acerca do aspecto trágico que o espiritismo vai assumindo no Brasil”.³³² E deixa uma mensagem na qual sugere uma superioridade dos católicos sobre os espíritas, no sentido de eles dependerem do auxílio dos católicos: “Nossos irmãos espíritas precisam do auxílio das nossas orações e da nossa palavra.”³³³

Imagem 37: Sobre os protestantes.



Fonte: Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano 3 – nº 53 – 1 abr 1949 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

Sobre o espiritismo, o jornal trazia frequentemente mensagens e artigos dos editores que desestimulassem a frequência nesses cultos. No artigo “Condenação do Espiritismo”, da edição de novembro de 1948, são descritas as penas que são imputadas contra quem segue a doutrina espírita.

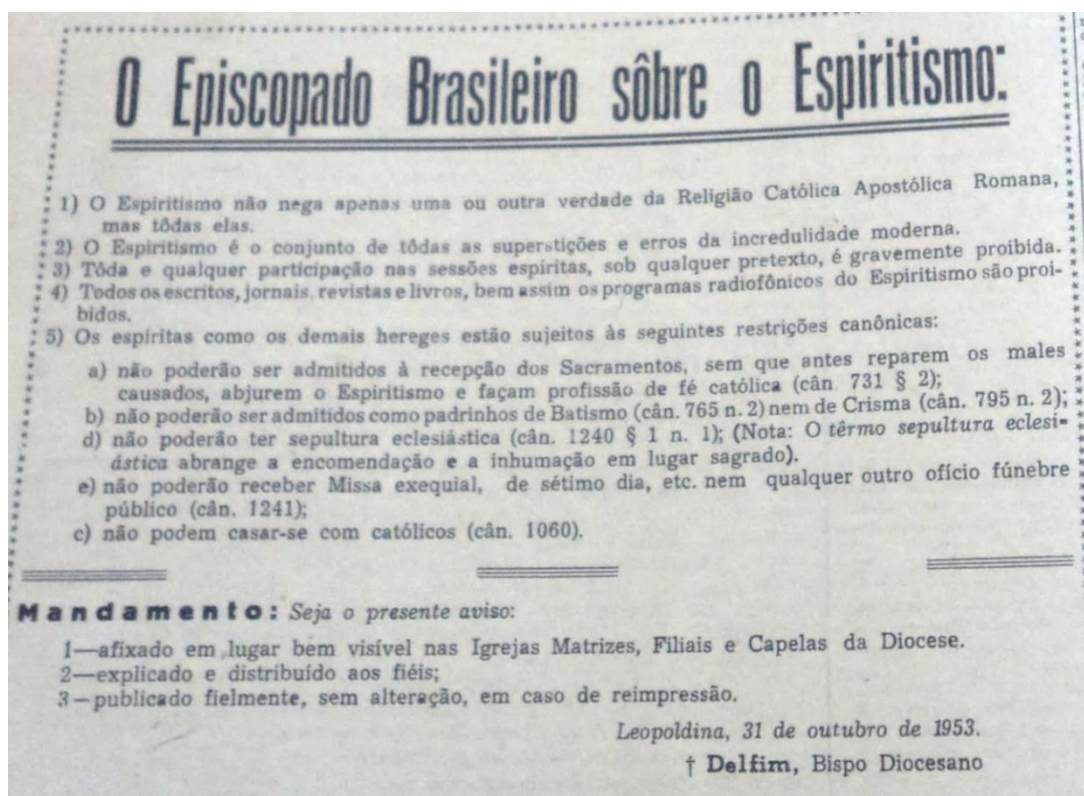
1-Incorrem em pena de “excomunhão”, *ipso facto*. É a mais grave de todas as penas canônicas e consiste na excomunhão dos fiéis, pelo que fica ele privado de todos os bens espirituais de Igreja Católica (Can.2314, 1 e 2); 2-

³³² Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 19 – 15 set 1947 – p.3. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

³³³ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 19 – 15 set 1947 – p.3. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

Não podem receber os Sacramentos, sem previamente “Abjurarem o Espiritismo” (Can. 731,2); 3- Não podem ser aceitos como padrinhos de batismo (Can. 765) nem de Crisma (795); 4- Não têm direito à Missa de sufrágio, nem a qualquer outro ofício fúnebre (124,1); 5- Ficam privados da sepultura eclesiástica (Can. 1240); 6- A pessoa que “lê e conserva livros espíritas”, incorre (*ipso facto*), na excomunhão reservada *Special Modo* a Santa Sé (Can. 2318); 7- O Santo Ofício, no decreto de 24 de abril de 1917, proíbe as inovações espíritas; 8- O Concílio Plenário Brasileiro, no Decreto 136§1,2,e3, condena as práticas do “Espiritismo”.³³⁴

Imagem 38: Manifestação sobre o espiritismo.



Fonte: Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano VII – nº 158 – 1 dez 1953 – p.2. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina.

Essa mensagem do episcopado foi repetida na edição de 15 de dezembro de 1953, na página 3. Como no fim há um mandamento para que o aviso fosse afixado em locais visíveis, infere-se que a intencionalidade da repetição fosse para facilitar essa divulgação, para que as pessoas pudessem, talvez, recortá-lo e afixá-lo, como foi mandado.

Em novembro de 1947, o jornal apresenta um artigo intitulado “A maçonaria é geradora de uma concepção de vida totalmente diversa e oposta à concepção cristã”.³³⁵ O artigo traz trechos de documentos emitidos pela própria maçonaria, que, segundo os editores, comprovam esta postulação.

³³⁴ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano II – nº 45 – 1 nov 1948 – p.2. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

³³⁵ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 22 – 15 nov 1947 – p.3. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

Nós maçons, devemos prosseguir na demolição definitiva do Catolicismo (Boletim do Grande Oriente da França, setembro 1895, pag.168); - Não esqueçamos que somos a CONTRA-IGREJA. Em nossas lojas, trabalhemos por destruir a influência religiosa, sejam quais forem as formas sob as quais se apresente. (Congresso Regional do Leste da França, Belfort, 25 a 28 de maio de 1911); - O fim da Franco-Maçonaria deve ser DESCRISTIANIZAR a França, por todos os meios, mas sobretudo ESTRANGULANDO O CATOLICISMO, pouco a pouco, com a publicação todos os anos, de novas leis contra o Clero. (Resolução de uma convenção maçônica, citada por Copin-Albancelli em “La Franc-Maçonnerie e la question religieuse”); - NÃO HÁ, NEM PODERÁ HAVER NUNCA, COMPATIBILIDADE ENTRE O CATOLICISMO ROMANO E A MAÇONARIA. (Revista Maçônica “Evolução”, órgão do Grau Oriente do Estado do Rio de Janeiro, abril e maio de 1947, pg.15).³³⁶

A divulgação dessas afirmações demonstrava a intimidação que os maçons impunham à Igreja Católica e justificava o temor e a ferrenha campanha que a Igreja fazia contra candidatos oriundos dessas organizações, uma vez que os maçons deixavam claro que queriam acabar com as conquistas católicas.

Tempos depois, em novembro de 1948, *O Leopoldinense* trouxe artigo³³⁷ assinado por Giocondo Mário Vita, secretário do Conselho Nacional da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Prosperidade (TFP), cujo fundador e presidente foi o líder católico Plínio Corrêa de Oliveira. Giocondo foi autor de vários artigos na revista *Catolicismo*³³⁸. Segundo o autor, “a Maçonaria se apresenta sempre com a fachada da sociedade filantrópica(...). Lobo em pele de ovelha, que se trai completamente quando ousa levantar a máscara”. Continuando, o artigo replica instruções da maçonaria italiana “Alta Venda” para provar que as articulações da maçonaria são contrárias às da Igreja Católica: “O nosso fim principal é o de Voltaire e da Revolução Francesa, o extermínio total da Igreja Católica e até a idéia cristã”. Várias afirmações são citadas no artigo a fim de comprovar que as teorias maçônicas não podem ser associadas às determinações da hierarquia católica.

O artigo, dando continuidade às interpretações dos pensamentos postulados por seguidores da maçonaria, cita Voltaire, fundador de lojas na França, que deixou aos discípulos a seguinte lição: “a mentira só é vício quando faz mal; quando faz bem é uma grande virtude. Sede pois virtuosos. É preciso mentir como o diabo, não com timidez, não uma só vez, mas sempre e com ousadia”. Ainda segundo o autor do artigo, havia outra recomendação de um

³³⁶ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano I – nº 22 – 15 nov 1947 – p.3. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

³³⁷ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano II – nº 46 – 15 nov 1948 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

³³⁸ Essa revista teve seu primeiro número publicado em janeiro de 1951 – Campos – RJ. O acervo está disponível em: catolicismo.com.br/Acervo.

chefe maçom: “Respirem os povos o vício pelos cinco sentidos, bebam-no e dele se saturem. Fazei corações viciosos e não tereis mais católicos.” Por fim, passa as orientações dos Sumos Pontífices a respeito da maçonaria:

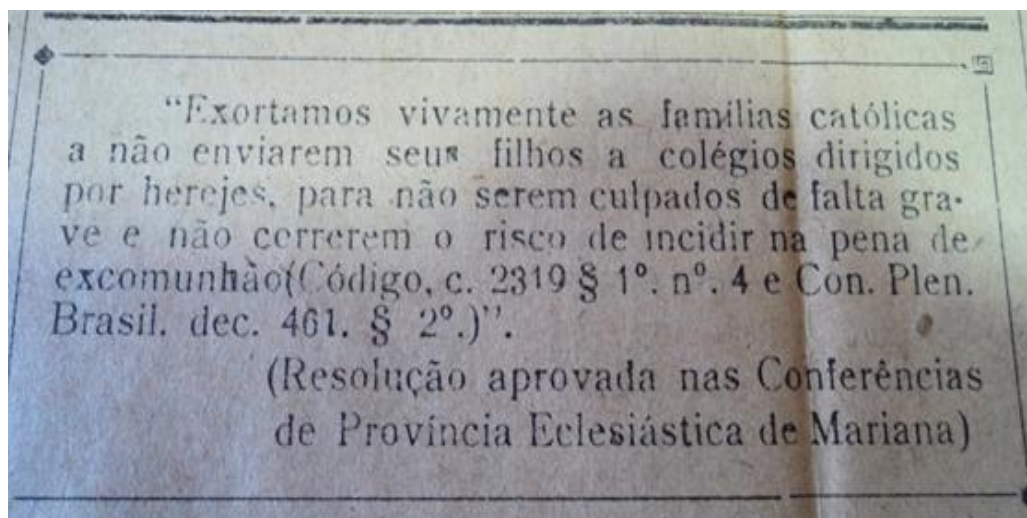
Desde Clemente XII, em 1738, a Maçonaria tem sido condenada pela Santa Igreja, Bento XIV, Pio VII, Leão XII, Pio VII, Gregório XVI, Pio IX e Leão XIII reafirmaram as sentenças pronunciadas. Por força delas todo católico que se ligar à maçonaria estará automaticamente excomungado. E excomunhão significa expulsão da comunidade católica e perda dos tesouros sobrenaturais. Loucura rematada, pois, a daqueles que pretendem harmonizar a religião de Cristo com o juramento da loja. Ninguém pode servir a dois senhores. Longe de pensar em conciliações, respondamos à hipocrisia maçônica com a sinceridade, à corrupção com a pureza. À maçonaria com todas as suas tramas oponhamos virilmente o Cristianismo, certos da vitória, porque combatemos sob a bandeira do Senhor dos Senhores, Deus Onipotente e Eterno.³³⁹

Em outra edição, de fevereiro de 1949, encontra-se artigo em que se faz referência à Bíblia, dizendo que a Igreja Católica é a única realmente fiel aos ensinamentos de Jesus Cristo e que não é certo católico participar de cultos evangélicos. Faz menção a evangélicos que assistem a romarias e a festas católicas, querendo que os católicos retribuíssem o gesto, e que a atitude de não participar de cultos evangélicos seria um pouco rude e considerada falta de boa vontade. Assim é feita a justificativa no artigo:

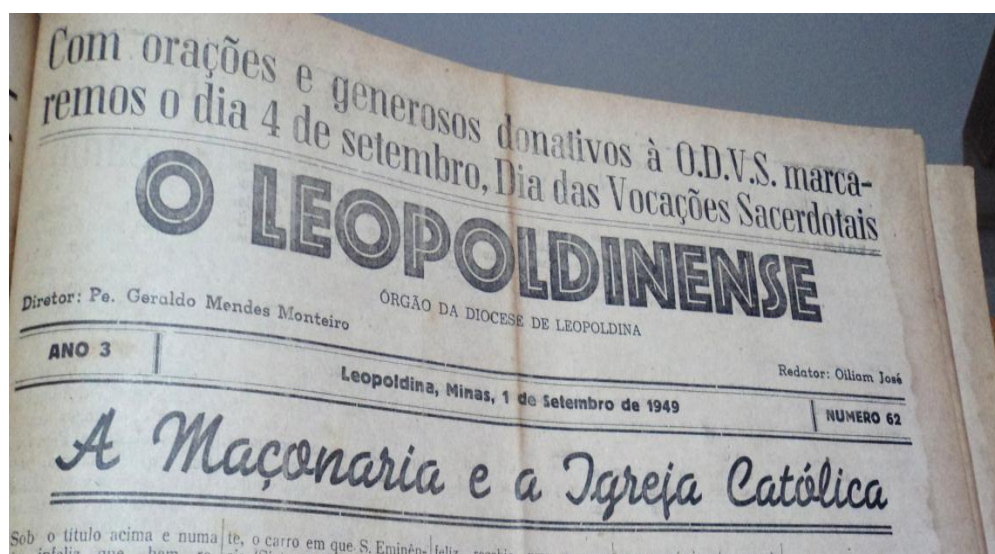
A Doutrina Católica diz que Jesus Cristo fundou uma só Igreja, a qual exclusivamente é a “Coluna e fundamento da Verdade” (I Tim. 3,15). De acordo com a Doutrina Católica, o culto protestante embora seja conforme a consciência os evangélicos e assim, bom para estes – objetivamente, é contra a vontade de Deus e proibido por Ele, pois Jesus Cristo estabeleceu “uma só Igreja”, com um só sacrifício e uma só forma de culto. De modo, se os católicos assistissem ao culto protestante, cometeriam um pecado, contrariariam a vontade “expressa de Deus” que lhes é bem conhecida. (...) Deus quer o único culto estabelecido por seu Filho Divino e exercido pela Igreja Católica Apostólica Romana: “Que todos sejam UM”³⁴⁰

³³⁹ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano II – nº 46 – 15 nov 1948 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

³⁴⁰ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano 3 – nº 54 – 1 mai 1949 – p.4. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina. Mantida a grafia do documento original.

Imagem 39: Sobre escolas não católicas

Fonte: Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano 3 – nº 50 – 1 fev 1949 – p.3. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

Imagem 40: Sobre a maçonaria

Fonte: Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano 3 – nº 62 – 1 set 1949 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

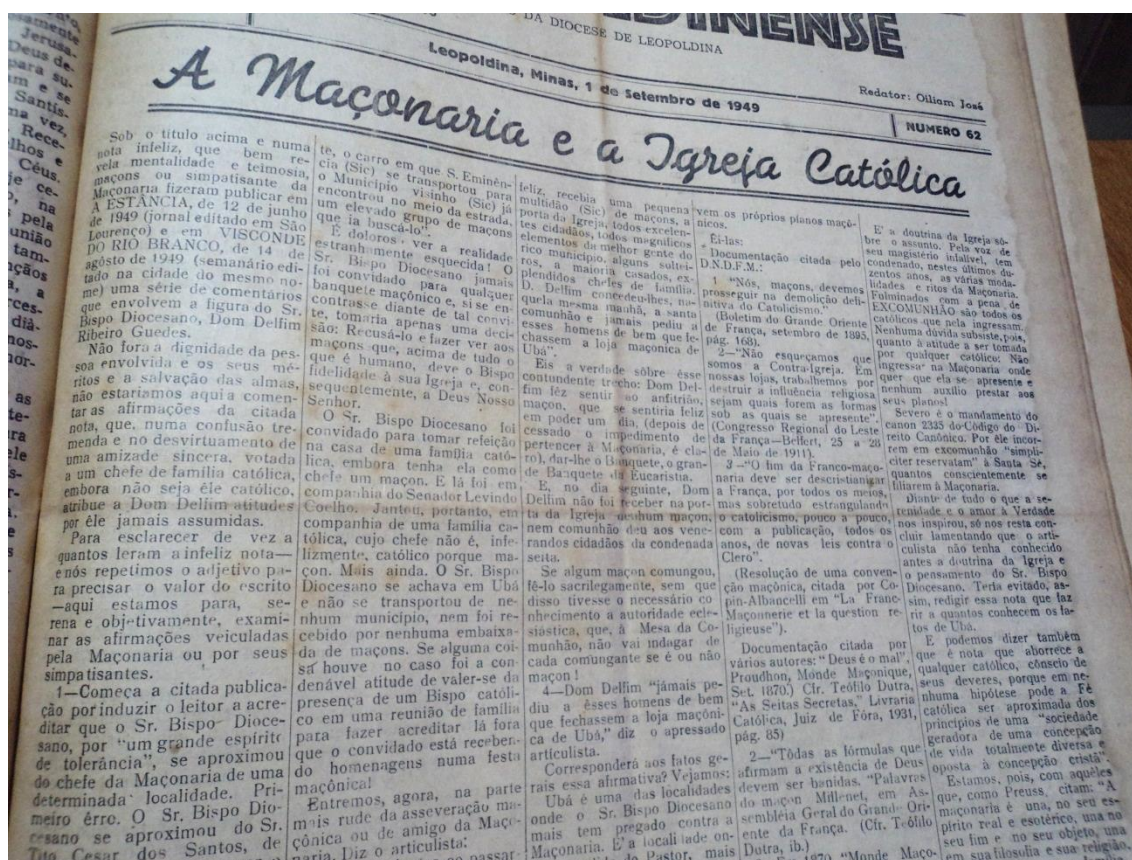
Imagem 41: Realidades Maçônicas



Fonte: Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano 3 – nº 63 – 15 set 1949 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

Vários foram os artigos referentes aos maçons, espíritas e protestantes veiculados em *O Leopoldinense*, mas destaca-se uma passagem divulgada na edição de setembro de 1949. Trata-se de uma resposta a uma matéria publicada no jornal *A Estância* de 12 de julho de 1949, editado em São Lourenço e no *Visconde do Rio Branco*, edição de 14 de agosto de 1949, semanário da cidade com o mesmo nome. O título da matéria desses jornais foi: *A Maçonaria e a Igreja Católica*. Ressalta-se que, para explicar o ocorrido, os editores ocuparam toda a primeira página, de maneira a não deixar dúvidas ao leitor, como pode ser observado na imagem a seguir.

Imagem 42: A maçonaria e a igreja católica



Fonte: Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano 3 – nº 63 – 15 set 1949 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

O Leopoldinense trouxe primeiramente a versão maçônica do fato, que resumidamente, seria: Dom Delfim, num espírito de tolerância, se aproximou do chefe da maçonaria de determinada localidade e aceitado seu convite para jantar. O bispo teria, em retribuição, convidado o tal chefe e seus confrades para irem a uma determinada igreja em Leopoldina, onde receberiam a comunhão. No fim do encontro, Dom Delfim teria pedido para que nunca fechassem a loja maçônica de Ubá. Já a versão dos editores de *O Leopoldinense* para o mesmo fato relata que Dom Delfim se aproximou do Sr. Tito César dos Santos, de Ubá, levado pelo ensinamento que manda odiar o erro, mas amar os homens. Os editores queriam dizer que, mesmo seguindo os ensinamentos da Igreja Católica de condenar a Maçonaria, o bispo via nos maçons, almas a salvar. Ele teria sido mesmo convidado para uma refeição na casa de uma família católica, apesar de o chefe dessa família ser maçom. Em companhia de Dom Delfim, estava o Senador Levindo Coelho e ambos já estavam na cidade de Ubá. Sobre a retribuição do convite, a matéria relata que o bispo ficaria muito satisfeito se um dia, cessado o impedimento de pertencer à maçonaria, pudesse o chefe dessa casa fazer

parte do banquete da Eucaristia. Não houve espera na porta de nenhuma igreja, tampouco comunhão para maçons. E finalmente sobre a loja maçônica de Ubá, que Dom Delfim teria pedido para não fecharem, eis o que foi registrado em *O Leopoldinense*:

Ubá é uma das localidades onde o Sr. Bispo Diocesano mais tem pregado contra a Maçonaria. É a localidade onde, a pedido do Pastor, mais se reza pela extinção dessa seita anatematizada por vários Soberanos Pontífices, desde Clemente XII, em 1738 e passando entre outros, por Bento XIV, Pio VII, Leão XII, Pio IX e Leão XIII. Por ordem do Sr. Bispo Diocesano, têm os sacerdotes da Diocese advertido os fiéis sobre as penas canônicas em que incorrem, filiando-se à Maçonaria. (Canon 2335 do Código do Direito Canônico). O Leopoldinense tem, por várias vezes, tratado do assunto, visando ao esclarecimento das consciências e à orientação dos católicos”³⁴¹

Pelo que diz a matéria, pode-se inferir que o ataque de Dom Delfim à maçonaria na cidade de Ubá estava incomodando, a ponto de criarem essa história com o intuito de perturbar os fiéis católicos que poderiam duvidar das intenções do bispo em suas visitas pastorais à cidade de Ubá. E o jornal servia de apoio para essa defesa.

Nos 13 anos de existência de *O Leopoldinense*, observa-se uma campanha mais intensa contra o comunismo do que contra a maçonaria, o espiritismo e o protestantismo. Mas todos foram alvos de ataque e de posicionamentos dos editores que, através de chamadas, de artigos, de reproduções de outros jornais, levavam aos leitores o lado negativo desses “inimigos” que julgavam contrários aos preceitos católicos.

Essa campanha corrobora o pensamento de que *O Leopoldinense* foi a voz da hierarquia católica, dentro do modelo da neocristandade.

³⁴¹ Cf.: Jornal *O Leopoldinense* – Ano 3 – nº 62 – 1 set 1949 – p.1. Arquivo da Cúria Diocesana de Leopoldina

Considerações Finais

Em tempos de alta tecnologia, de imediatismos, de rápida produção e veiculação de notícias, é preciso que se faça um bom exercício para conceber um jornal impresso como veículo de informação, ainda mais como porta-voz de ideias e mensagens da hierarquia eclesiástica. Trata-se, no entanto, do século XX. Um tempo tão perto, mas, que pela profusão e evolução de acontecimentos, parece-nos tão distante. O jornal *O Leopoldinense*, fruto do desejo de pessoas ligadas à educação e à hierarquia eclesiástica, como o bispo Dom Delfim e o Prof. Oilliam José, foi o canal de comunicação utilizado pela diocese de Leopoldina com seus fiéis.

Interessava aos gestores do periódico atingir o maior número possível de pessoas, pois elas replicariam as mensagens e as recomendações que eram dispensadas em suas páginas. Havia, portanto, o interesse em alfabetizar as pessoas, eleitores em potencial, que, comungando com as ideias da Igreja Católica, colaborariam para que candidatos afinados a essas ideias fossem eleitos. Por isso, Dom Delfim estimulou as escolas radiofônicas – Rádio SIRENA – Sistema Rádio Educativa Nacional. Era a oportunidade de os trabalhadores estudarem. Trabalhadores, leitores e eleitores, essa seria a conformação especial para a Igreja com a finalidade de manter sua influência sobre esses fiéis, afastando-os das ideias comunistas, principalmente.

A Igreja do início da História do Brasil sofreu com a falta de formação sacerdotal, os padres eram funcionários da Coroa, não tinham comprometimento. Na República, a Igreja, liberta do padroado, necessitava restaurar sua postura perante os problemas que surgiam. Os movimentos sociais diversos, as forças produtivas que impulsionaram o desenvolvimento, o crescimento de diferentes manifestações – como nacionalismo, fascismo, ditaduras, protestantismo, comunismo entre outros –, provocaram a reação da Igreja Católica.

O modelo de neocristandade foi o que funcionou até a metade do século XX e foi aplicado em várias dioceses como a de Leopoldina.

As ideias de Dom Leme e Alceu Amoroso Lima, sucessor de Jackson de Figueiredo no Centro Dom Vital e que dirigiu a revista *A Ordem*, tiveram eco entre os redatores do jornal e entre a hierarquia local. Muitos dos ensinamentos, artigos e posicionamentos propostos por essas lideranças tiveram repercussão na Diocese de Leopoldina como a constituição da Liga Eleitoral Católica, da Ação Católica, os Congressos Eucarísticos, a criação do jornal, a campanha contra o comunismo, o protestantismo, a maçonaria e o espiritismo. Esses assuntos

fizeram parte de cada número de *O Leopoldinense*. Alternada ou simultaneamente, a campanha combativa estava presente em notas, em notícias, em charges.

Tabular e selecionar as notícias, analisar as edições e o contexto em que foram feitas foi, para mim, uma experiência produtiva e enriquecedora.

O jornal pode ser trabalhado por diversas facetas, e focando a neocristandade o campo de pesquisa é profícuo, não se atendo somente a combater os inimigos da Igreja, como foi o foco deste estudo, mas também a pregar a moral, os bons costumes, a obediência e a ordem, semelhante ao que era divulgado na revista *A Ordem*. A importância da educação também foi muito evidenciada tanto no jornal, como na gestão de Dom Delfim, sendo possível um estudo à parte sobre esse assunto.

Dom Helvécio, arcebispo de Mariana, e Dom Delfim, bispo de Leopoldina, foram figuras de destaque no início da Diocese de Leopoldina: o primeiro, estimulando e trabalhando para a sua criação, e o segundo, empenhando na sua manutenção, na condução das obras necessárias.

Pelas páginas de *O Leopoldinense*, pode-se constatar que elas traziam em si os sinais evidentes da neocristandade. Além disso, infere-se que sua existência foi atrelada à presença de Dom Delfim na diocese, pois tão logo ele foi transferido para uma nova diocese (São João del Rei, 1960), o jornal teve sua produção encerrada. Além da questão financeira que, como expusemos, provocou o fechamento de muitos jornais de pequeno porte.

Referências

ALMEIDA, Claudio Aguiar. Em plena guerra: imprensa, catolicismo e política nas duas primeiras décadas do século XX. *Revista de História*, São Paulo, n. 174, p. 327-359, jun. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/115719>>. Acesso em mar. 2018.

ALMEIDA, Maria Isabel de Moura. *O anticomunismo na imprensa goiana: 1935 – 1964*. 2003. 136f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

AZZI, Riolando. A instituição eclesiástica durante a primeira época colonial. In: HOORNAERT, Eduardo et al. *História geral da igreja na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1977.

AZZI Riolando. D. Antônio de Macedo Costa e a posição da igreja no Brasil diante do advento da república em 1889. *Revista Síntese*, v. 3, n. 1, 1976. Disponível em: www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/2500. Acesso em: mar. 2018.

AZZI, Riolando. Elementos para a história do catolicismo popular. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Vozes, v.36, n. 141, p. 108-9, março 1976.

AZZI, Riolando. Igreja e Estado em Minas Gerais: crítica institucional. *Revista Síntese*, v. 13, n. 28, 1986. Disponível em: faje.edu.br/periódicos/index.php/Sintese/article/view/2977/3117 . Acesso em: mar. 2018.

AZZI, Riolando. Presença da igreja na sociedade brasileira e formação das dioceses no período republicano. In: SOUZA, Rogério Luiz de e OTTO, Clarícia (Orgs). *Faces do catolicismo*. Florianópolis: Insular, 2008, p. 30.

AZZI, Riolando. *Sob o báculo episcopal: a igreja católica em Juiz de Fora 1850-1950*. Juiz de Fora: Centro da Memória da Igreja de Juiz de Fora, 2000.

BANDEIRA, Moniz; MELO, Clóvis e ANDRADE, A.T. *O ano vermelho: a revolução russa e seus reflexos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

BASILE, Marcello Otávio N. de C. O império Brasileiro: panorama político. In: LINHARES, Maria Yedda (org). *História geral do Brasil*. 9. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990, p. 294.

BEOZZO, José Oscar. A igreja entre a revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização. In: FAUSTO, Boris (Dir). *O Brasil republicano: economia e cultura (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. 5 ed, Brasília: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (de 16 de julho de 1934). Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao34.htm Acesso em: 02 jun. 2016.

CAPRI, Roberto. *Minas Gerais e seus municípios*. São Paulo: Poca Weiss & Cia, 19.6

CARLETTI, Anna. *Ascensão e queda dos estados pontifícios*. Disponível em: www.ufrgs.br/nerint/folder/artigos/artigo1082.pdf . Acesso em: 15 ago. 2017.

CARRARA, Ângelo Alves. *Estruturas agrárias e capitalismo*: contribuição para o estudo da ocupação do solo e da transformação do trabalho na zona da Mata mineira (séculos XVIII e XIX). Mariana: UFOP/ Departamento de História, Núcleo de História Econômica e Demográfica. Série Estudos 2, 1999. p.20 Disponível em: www.ufjf.br/hqg/files/2009/10/Estrut-texto.pdf. Acesso em: out. 2018.

COSTA, Marcelo Timotheo da. *Um itinerário no século*: mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio; São Paulo: Loyola, 2006.

CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador*: conversas sobre história e imprensa. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221>. Acesso em: mar. 2018.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato. *Uma breve história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2010.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. 51. reimp. São Paulo: Global, 2006.

HAUCK, João Fagundes. A Igreja na Emancipação (1808 - 1840). In: HAUCK, João Fagundes et al. *História da igreja no Brasil*: segunda época – a igreja no Brasil no século XIX. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

HOORNAERT, Eduardo. A cristandade durante a primeira época colonial. In: HOORNAERT, Eduardo et al. *História da igreja no Brasil*: primeira época. Petrópolis: Vozes, 1977.

JOSÉ, Oiliam. *Lições e recordações*. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2002.

JÚNIOR, João Barroso Pereira. História de Leopoldina. *Revista Acaiaca* n. 60 – Belo Horizonte, mar. 1954.

LAMAS, Fernando Gaudereto. Povoamento e colonização da Zona da Mata Mineira no século XVIII. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao08/materia01/texto01.pdf>. Acesso em: set. 2018.

LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social*: elementos para uma análise marxista. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas – história dos, nos e por meio de periódicos. In: PINSKY, Carla Banassezi (org). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINWARING, Scott. *A igreja católica e a política no Brasil (1916-1985)*. Trad. Heloísa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MICELLI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo: São Paulo, 2000.

NEVES, Fernando Arthur de Freitas. Sem padroado e sem primaz, a igreja no Brasil no início da República. *Revista Estudos Amazônicos*, v. 4, n. 2, 2009. .

PARENTI, Michael. *A cruzada anticomunista*. Trad. Marcelo Guimarães. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1970.

PAULA, Ricardo Zimbrão Affonso de. Região e regionalização: um estudo da formação regional da Zona da Mata de Minas Gerais. *Revista de História Econômica e Economia Regional Aplicada*. v. 11, n. 1, jul./dez. 2006

PEREIRA, Mabel Salgado. *Dom Helvécio, um salesiano no episcopado: artífice da neocristandade (1888-1952)*. 2010. 349f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

PEREIRA, Mabel. *Neo-cristandade no Brasil: a obra de Dom Salesius*. In: www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art_PEREIRA_neo_cristandade.pdf. Acesso em: dez. 2017

PIERUCCI, Antônio Flavio de Oliveira; SOUZA, Beatriz Muniz de; CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Igreja católica: 1945 - 1970. In: FAUSTO, Boris (Dir). *O Brasil Republicano: economia e cultura (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

PUNTEL, Joana T. *Cultura midiática e igreja: uma nova ambiência*. São Paulo: Paulinas, 2005.

ROSENDHAL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. Difusão e territórios diocesanos no Brasil: 1551-1930. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona. v. x, n.218, ago. 2006. Disponível em: www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-65.htm Acesso em nov. 2018.

REZENDE, Francisco de Paula Ferreira de. *Minhas recordações*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

SERBIN, Kenneth P. *Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SERPA, Élio Cantalício. Igreja e poder na Primeira República. In: SOUZA, Rogério Luiz; OTTO, Clárcia (Orgs). *Faces do catolicismo*. Florianópolis: Insular, 2008.

SIMÕES, Daniel Soares. *Antiprotestantismo, neocristandade e paradigma tridentino na obra “O anjo das trevas” (1936)*. Disponível em: docplayer.com.br/18767331-Antiprotestantismo-

neocristandade-e-paradigma-tridentino-na-obra-o-anjo-das-trevas-1936.html. Acesso em: 10 jun. 2018.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TRABAJ, Marcelo Barzola. A romanização da igreja católica no Brasil. In: *Anais do IV Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil*. UNICAMP, São Paulo, dezembro de 1997. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario4/trabalhos/trab051.rtf. Acesso em: out. 2019.

TRINDADE, Raimundo. Arquidiocese de Mariana. São Paulo: 1928-1929, vol II. Apud HOORNAERT, Eduardo et al. *História da Igreja no Brasil: Primeira Época*. Petrópolis: Vozes, 1977.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935: sonho e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VITAL, J. D. . *Como se faz um Bispo: segundo o alto e baixo clero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

ANEXOS

ANEXO 1 – Carta Petição de Dom Helvécio (*Cum ambitus*³⁴²)

Beatíssimo Pai, como pastor constituído da Arquidiocese de Mariana, de vasta extensão, com intuito de ser diligente e firme em prol do bem dos fiéis, dirijo-me a Vossa Santidade, com humildade e confiança, pedindo a criação de uma nova diocese sufragânea, no espaço situado entre as Dioceses de Juiz de Fora e Caratinga. Merecendo tal intento o beneplácito de Vossa Santidade, a sugestão é que se eleja a cidade de Leopoldina como Sede Episcopal, por reunir condições amplamente favoráveis. Isto se fundamenta no critério de religiosidade dos fiéis e da situação geográfica privilegiada. As paróquias circunscritas a esta cidade desfrutam de fácil e rápido deslocamento graças a uma moderna rede rodoviária, facilitando o contato dos sacerdotes com a Sede. Além disso, há de se considerar o desenvolvimento do comércio e da indústria, com destaque para a atividade pecuária, sendo que a região se caracteriza pela produtividade e boa renda para seus habitantes. A futura Diocese de Leopoldina tem área de 10.000km² e a população atual supera 350.000 habitantes. Abrange catorze municípios, podendo contar com 31 paróquias. Assim, desmembram-se da Arquidiocese de Mariana as seguintes localidades: Astolfo Dutra (Pad. Santo Antônio), Boa Família (Pad. S. Francisco de Paula), Cataguases (Pad. Sta. Rita de Cássia), Cachoeira da Boa Vista (Pad. Imaculada Conceição B.M.V.), Santa Rita do Glória (Pad. Sta. Rita), Dolores da Vitória (Pad. B.M.V. Perdolente), Glória de Muriaé (Pad. Assunção B.M.V.) Guarany (Pad. Espírito Santo), Guiricema (Pad. B.M.V. Verbo Encarnado), Laranjal (Pad. Imaculada Conceição B.M.V.) Leopoldina (Pad. N. Sra. do Rosário), Muriaé (Pad. S. Paulo), Muriaé - Barra (Pad. Imaculada Conceição B.M.V.), Palma (Pad. S. Francisco de Assis), Patrocínio do Muriaé (Pad. B.M.V. do Patrocínio), Piacatuba (Pad. B.M.V. da Piedade), Piraúba (Pad. S. Sebastião), recreio (Pad. Menino Jesus), Rio Branco (Pad. S. João Batista), Rodeiro de Ubá (Pad. S. Sebastião), Rosário de Limeira (Pad. B.M.V. do SS. Rosário), Sant’Ana de Cataguases (Pad. Santa Ana), São Manoel (Pad. S. Sebastião, Sapé de Ubá (Pad. Sta. Ana), Tocantins (Pad. São José), Ubá (Pad. São Januário), Tuytinga (Pad. Sto. Antônio), Ubá (Pad. B.M.V. do SS. Rosário), São Geraldo (Pad. São Geraldo), Mirai (Pad. Sto. Antônio). A Igreja de Leopoldina é imponente e se destaca por sua estrutura vistosa, com telhado ligeiramente inclinado, comparando-se a uma construção suntuosa, de grandes proporções, de aparência agradável e engenhosa. Isto é algo que conheço há muitos anos como representante legal da instituição. E a construção desta obra contou com incansável trabalho, muita dedicação dos fiéis e um custo de 500.000 libras italianas, equivalendo em nossa moeda a 500 contos de réis. Não longe deste local, um novo monumento de religiosidade será construído pelos fiéis interessados em montar acomodação confortável de acordo com a dignidade e função do bispo. E não omito o fato de que a obra, ampla e confortável, ocupará uma área em local privilegiado, permitindo visualização do seminário menor diocesano. Após um ano de intensos trabalhos, construiu-se, no centro da cidade, uma obra servindo de local de reunião em louvor à B.M.V. do Rosário, em dimensões bem ampliadas e aconchegantes permitindo melhor atendimento às associações de fiéis. Nada se encontra de mais agradável e útil para os fiéis do que o fervoroso culto à B.M.V. do Rosário, agora com espaço reservado no templo restaurado e destinado à sede das funções diocesanas. Além disso, projeta-se, com vivo interesse, a edificação de uma nova igreja, de São Sebastião, com belas decorações. Assim, na parte mais alta da cidade, dedicada a São

³⁴² Carta Petição de Dom Helvécio – “*Cum ambitus*” (com livre tradução de Luiz de Melo Sobrinho) - Arquivo 5 – Gaveta 3 – Pasta 2 - Criação da Diocese de Leopoldina e Juiz de Fora – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – Mariana – MG. A carta não vem datada.

Sebastião e aos fiéis, ergue-se o templo devidamente equipado para a realização das solenidades e ofícios pontificais da Diocese e da Igreja Matriz, ou seja, um ambiente bem adequado para as funções de uma Catedral. Haverá espaço propício para acolher os sacerdotes vindos de qualquer lugar da jurisdição desta nova e provável Diocese. E não faltarão escolas superiores. Atualmente, há cinco escolas chamadas “Normais” para jovens do sexo feminino, pertencentes a famílias de melhor poder aquisitivo. E são mantidas por Congregações Religiosas. Há também seis ginásios, com cursos de conhecimentos humanos, com todos os direitos e privilégios assegurados pela legislação vigente. Para atender à demanda na área de saúde, há cinco hospitais. E existem vários orfanatos e estabelecimentos para atendimento a idosos e inválidos... Há de se lembrar, finalmente, que não faltará a ajuda que os dedicados Padres Josefinos e Agostinianos oferecem ao Clero. Todas as paróquias possuem residência paroquial própria, sendo que algumas se destacam pelas acomodações amplas e confortáveis, proporcionando um ambiente favorável e seguro como abrigo do Clero. Considere-se, também, que o patrimônio de nossa Diocese, além do valor das edificações para moradia, estimado em 125.000 libras italianas, ou seja, 125 contos de réis, conta com uma arrecadação estável de quinze mil libras, ou seja, quinze contos de réis, isenta de tributação, para sustento da Cúria Episcopal. Possui, ainda, títulos da Dívida Pública no valor de cento e cinquenta mil libras italianas, o equivalente a cento e cinquenta contos de réis. Os rendimentos destes benefícios garantem uma importância suficiente para os custeios das despesas diárias do Bispo. Nada de exorbitante, mas seguramente sustentável. Com fervorosa e humilde prece, rodo a Vossa Santidade que se digne conceder a mim e ao povo a mim confiado a Bênção Apostólica. Humilde e devotíssimo filho de Vossa Santidade. Helvécio – Arcebispo de Mariana.

ANEXO 2 – Cópia da Ata da Reunião Realizada para a Fundação do Bispado de Leopoldina³⁴³.

(Obs.: Mantida a grafia original da cópia do documento)

Acta da reunião presidida pelo Exmo e Rvdmo Sr. Arcebispo de Marianna, com o fim de constituir a Diocese de Leopoldina.

Aos sete de Janeiro, do anno de N. Senhor Jesus Christo, de mil novecentos e quarenta, na Igreja Matriz de S. Sebastião, da Cidade de Leopoldina, por convocação, compareceram as pessoas que esta subscrevem.

A sessão revestiu-se de grande solenidade por ter como seu presidente o Exmo. e Rvdmo. Sr. D. Helvécio Gomes de Oliveira, dd. Arcebispo Metropolitano de Marianna, que convidou para tomarem parte na mesa o Exmo. Sr. Dr. Carlos Coimbra da Luz, Director-gerente da Caixa Econômica Federal, o Dr. Joaquim Candido Ribeiro Junqueira, representando o Exmo. Sr. Dr. José Monteiro Ribeiro Junqueira, o Sr. Dr. Agostinho Marciano de Oliveira, presidente da Conferencia Vicentina, o Rvdmo Sr. Conego Modesto de Paiva, Vigário Foraneo da Comarca e Vigario da Cidade de Cataguazes, o Rvdmo Sr. Padre José Domingues Gomes, Vigario da Parochia de Leopoldina, e Major Lauro Guimarães, que secretariou a sessão, auxiliado pela Srta Phca Ernestina Pagano.

Entre palmas ergueu-se S. Excia., o Sr. Arcebispo D. Helvecio, proferindo eloquente discurso, em que expoz com clareza os fins da assembléa: “a criação de um bispado para dirigir os destinos espirituaes do sector de sua vasta Archidiocese, situado na Zona da Matta Mineira”.

S. Excia. salientou ter aurido esta iniciativa nos momentos de meditação profunda sobre as necessidades espirituaes de seus archidiocesanos, que aqui vivem tão distanciados da sede archiepiscopal. Exclusivamente os benefícios de ordem espiritual reclamaram de S. Excia esta feliz iniciativa que, somente Pastor tão abnegado, pode realizar. Referiu-se S. Excia. ás facilidades com que um bispo, collocado em uma das cidades centraes desta zona poderá, rapidamente, communicar-se com seu clero, estimulal-o no cumprimento de seus deveres sacros, em que se baseiam a ordem e a prosperidade e a grandeza espirituaes e materiaes de 380.000 almas desta vasta região. Dentre essas cidades salienta-se Leopoldina, já pela Igreja em construção, cuja grandiosidade mereceria tal recompensa para os fieis desta querida freguesia, já pelo entusiasmo com que elementos preponderantes da sociedade leopoldinense acolheram esta ideia, chegando alguém a dizer – : “D. Helvecio, porque a sede deste bispado não será Leopoldina?” – Com o bispado surgirá necessariamente um seminário, disse S. Excia., e assim um incentivo para as vocações sacerdotaes nesta zona; innúmeros meninos, sahidos das melhores famílias, amanhã sacerdotes do Senhor, serão mestres a ensinar, mãos a perdoar, obreiros levantando para o bem e para a moral as gerações futuras da zona, na qual o progresso material e financeiro, não raro provoca o encaminhamento para a dissolução dos costumes. De quanta espiritualidade fruirá a zona com esta esplendida realisação! A exposição de S. Excia, electrizou a assistencia.

A seguir, inflamado de zelo, levantou-se o Exmo. Sr. Dr. Carlos Luz. Suas primeiras palavras foram de respeitosa saudação ao Exmo. Sr. Arcebispo. Dirigindo-se á assembléa, destruiu S. Excia., com o ponderado de seus argumentos, qualquer preconceito de origem material desfavorável á criação do bispado. Faz-se mister o dinheiro preciso para esta

³⁴³ Arquivo 5 – Gaveta 3 – Pasta 2 - Criação da Diocese de Leopoldina e Juiz de Fora – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – Mariana – MG.

realização. Deve-se organizar o patrimonio condigno á posição de um bispo nesta terra. O mínimo exigido pelas necessidades vigentes seria de 500 contos, para que o bispo tenha seu seminário, seu palácio e sua modesta sustentação. Os esforços para consecução deste patrimonio longe estão de se comparar ao sem numero de vantagens materiaes para Leopoldina. Por sua secretaria eclesiástica, por suas realizações, o bispado canalizará para esta cidade obulos preciosos de toda a região. Concretizou suas palavras com os factos verificados e por S. Excia. vistos em Marianna. Somente D. Helvecio melhorou com tamanhos empreendimentos de ordem material aquella cidade, outrora decadente e hoje possuidora talvez de um dos mais bellos seminarios do Brasil. O patrimonio, portanto, garantiu S. Excia., não retardará a realização do bispado. Os leopoldinenses, sem distincção de classes se empenharão seriamente pela constituição do patrimônio que S. Excia. D. Helvecio pode considerar empreza realizada.

Palmas e palmas da assistência deram cunho de juramento ás palavras do grande brasileiro Dr. Carlos Luz.

Com a palavra seguiu-se o Rvdmo. Conego Modesto de Paiva, Vigario foraneo da comarca. Analysou parte do discurso de S. Excia. O Sr. Dr. Carlos Luz. Revelou á assistência o primeiro e maior doador da organização do patrimônio da nova diocese. Por diversas razões este primeiro doador é o Exmo. Sr. D. Helvecio. Com efeito, S. Excia. dá á nova diocese cerca de 50 de seus sacerdotes moços, empreendedores obedientes a seu Pastor. Si para 4 ou 5 padres annuaes, somente o seminário menor

Marianna despende 170:000R\$00, cada um desses sacerdotes custa a importância de 35 contos, pelo menos. Demais, os sacerdotes desta zona enviam anualmente a Marianna cerca de 50 contos, embora para fins determinados, de que S. Excia. ficará privado beneficiando Leopoldina.

O Rvdmo. Padre José Domingues, Vigario local, levantou-se para assegurar ao Exmo. Sr. Arcebispo a sua inteira e absoluta submissão, collocando-se nas mãos de S. Excia. como soldado disciplinado para trabalhar decididamente pelo patrimonio do bispado. Para isto, conta com o apoio de seu povo ali representado, o qual não nega seus esforços quando se tratam de realizações como esta. Nesta primeira reunião estava dado o signal de alerta e todos os leopoldinenses ahi estão promptos para seguir a voz de comando do grande chefe, que é D. Helvecio.

Representante da mulher leopoldinense, a Srta. Dr^a. Nair Nilza Péres, com a eloquência de sua punjante mocidade, demonstrou o encremento que o bispado dará ás vocações sacerdotaes nesta zona. As famílias, disse, se distanciam do contentamento com que outrora viam seus filhos partirem para o seminário. O paganismo moderno, que avança, terá seu dique no seminário e os levitas do Senhor dahi oriundos, terão benções de Deus para as almas. Os braços femininos, ella os entregou a S. Excia. o Sr. D. Helvecio. Fracos, elles serão fortes, porque arremessarão seus paes, irmãos e esposas para a realização de tão santo combate.

O Dr. Agostinho de Oliveira, por ultimo ergueu-se. Bateu palmas a todas as iniciativas. Soldado disciplinado, por si, julgou os leopoldinenses, dizendo que elles confiavam a S. Excia. D. Helvecio a missão de organizar a comissão central dos trabalhos. Organise-se o patrimônio e que isto se faça o quanto antes.

Ninguém se valendo da palavra, levantou-se o Sr. D. Helvecio. As disposições optimistas da assembléa, o levaram a por em votação o praso para a constituição do patrimonio. Determinou-se que elle se levantará em 3 mezes, prorrogáveis até 30 de Junho, si necessário. S. Excia. disse abrir amanhã, no Banco Mineiro de Produção, uma caderneta intitulada – “Archidiocese de Marianna – Para a fundação da diocese de Leopoldina.” – esclarecendo textualmente – si na data supra não estiver organizado o patrimonio, todos os donativos voltarão aos respectivos doadores. Caso contrário, como espera, ao se terminar esse

praso S. Excia descera ao Rio de Janeiro, afim de apresentar ao Exmo. Sr. Legado da Santa Sé o requerimento da criação de mais um bispado mineiro, que será o duodecimo extrahido do legendario aureo throno episcopal de Marianna.

Debaixo de grande salva de palmas, de vivas e ovações terminou S. Excia. suas palavras e encerrou a sessão agradecendo o comparecimento do escol da sociedade leopoldinense, quem abençoou carinhosamente, com a saudação christã: “Louvado seja N. Senhor Jesus Christo!”

O Exmo Sr. Arcebispo determinou que se lavrasse esta segunda acta, em Livro próprio, por ter achado a primeira deficiente.

Leopoldina, 7 de Janeiro de 1940

Helvecio Gomes de Oliveira

Carlos Coimbra da Luz

Cº. Modesto de Paiva

Agostinho M. de Oliveira

Joaquim C. R. Junqueira, por si e

pp. do Dr. Ribeiro Junqueira

Pe. José Domingues Gomes

Wilson Capdeville

Francisco Gama de Oliveira

Paulino Rodrigues

Emilio Ramos Pinto

Pedro Ribeiro Arantes

Francisco Barreto F. Freire

Mauro Pereira, por si e pelo

Prefeito de Recreio

José Wenceslau Junqueira

José Ribeiro dos Reis

João Baptista de Freitas Lustosa

Alvaro Botelho Junqueira, por si e por

Agenor Pinto Ribeiro

Francisco Ribeiro Junqueira

Milton Ovidio de Lima

Antonio G. Junqueira

João Menezes

Julio Figueiredo Damasceno

Felipe Berbari

Antonio Lamarca

Fernando Novaes de Oliveira

Antonio de Andrade Ribeiro

Lucas de Castro Lacerda

José Fajardo de Mello

João Pereira Jardim

Pergentino Carvalho

Hugo Zamagna

José G. Reis

Lauro Guimarães

Pedro D. Chaves

Altair Amaral Junqueira

Laura Lustosa Junqueira

Gladys R. Botelho Junqueira
Clara Lussy
Maraia Aparecida Damasceno
Antonia M. Junqueira Ribeiro
Theophila A. Carboni
Nadir B. de Miranda
Letizia M. de Gouvea
Mathilde M. Barbosa
Marietta I. Rezende
Georgina Odette F. Britto
Marianna Marinho Cortes
Ozila Mizael
Maria da Gloria V. Netto
Maria do Carmo Serpa
Nair Pinto
Maria das Neves Gama de Oliveira
Guilhermina Gama de Oliveira
Lyra A. Cabral
Rosalina N. Rocha
Maria dos Reis
Plobio C. de Paula
Oswaldo Ch. Vieira
Nair Nilza Peres
José Peres Alvares
Maria Joterlina Peres
Carolina Medeiros Guimarães
Maria Aparecida Costa
Christiana Ruth Junqueira
Maria do Carmo Junqueira
Ernestina Pagano.

ANEXO 3 – Tradução da Bula *Quae ad maius*

XXXVI, fls. 326-328):

PIO, Bispo, Servo dos Servos de Deus,

Para perpétua Memória

Tudo quanto se reconhece capaz de contribuir para promover o maior bem espiritual dos fiéis e tornar mais fácil o seu governo, não deixa o Pontífice Romano, de acôrdo com o supremo múnus do apostolado que exerce, de o por diligentemente em prática. Visto, pois, que a Arquidiocese de Mariana se estende por tão vasto território que não pode reger-se por um só Pastor, mesmo o mais diligente, rogaram-nos que decretemos a sua divisão e a erecção de uma nova diocese. Eis por que, depois de consultar os Nossos Veneráveis Irmãos, os Cardeais da santa Igreja Romana, Prepostos da Santa Congregação Consistorial, ouvindo também o voto favorável do Venerável irmão Bento Aloisi Masella, Arcebispo titular de Cesaréia na Mauritânia e Núncio Apostólico no Brasil, e suprido, na medida em que fôr necessário, o consentimento de todos a quem isto interessar ou de outros que presumirem ter interesse, e depois de pesar a oportunidade da medida na plenitude de Nosso poder apostólico, separamos do território da Arquidiocese de Mariana as paróquias seguintes: *Astolfo Dutra, Boa família, cachoeira Alegre, Cataguases, Conceição da Boa Vista, Sta. Rita do Glória, dores da Vitória, Glória de Muriaé, Guarani, Guiricema, Laranjal, Leopoldina, Muriaé-Barra, Muriaé, Palma, Patrocínio de Muriaé, Piacatuba, Recreio, Rio Branco, Rodeiro de Ubá, Rosário da Limeira, Sant'Ana de Cataguases, São Manoel, Sapé de Ubá, Tocantins, Tuiutinga, Ubá (tit de São Januário), Ubá (tit. Nossa Senhora do Rosário), São Geraldo,, Mirai.* A estas Paróquias, agora tiradas da Arquidiocese de Mariana, juntamos duas outras, *Argirita e Providência*, que para êste fim desmembradas da diocese de Juiz de Fora à qual pertencem, e que resolvemos chamar de *Leopoldina*, por causa da cidade de Leopoldina em que estabelecemos a sua Sé episcopal. Elevamos assim a mesma cidade à dignidade de cidade episcopal e concedemos-lhe todos os direitos e privilégios de que gozam as outras cidades episcopais. Na igreja que existe na mesma cidade e é dedicada a Deus em honra do Martir S. Sebastião, fixamos a Cátedra do Bispo, e assim elevamos essa igreja ao grau e dignidade de Catedral, concedendo-lhe a ela e aos bispos de Leopoldina todos os privilégios e direitos de que desfrutaram por direito comum as demais catedrais e seus respectivos chefes, obrigando-os, outrossim, aos mesmos onus e obrigações que aos outros incumbem. Constituímos a diocese de Leopoldina sufragânea da Igreja Metropolitana de Mariana e submetemos os respectivos bispos que nela se sucederem ao Arcebispo Metropolitano de Mariana. A mês episcopal será constituída pelos emolumentos da Cúria e pelas demais oblações que costumam os fiéis trazer, além de tudo o que para êste fim já tenha sido coletado. Como as circunstâncias atuais não permitem que se institua agora na nova diocese o Cabido dos Cônegos, permitimos que, em vez de Cônegos se escolham e empreguem, segundo as normas do direito, os consultores diocesanos. Mandamos ainda, que nessa nova diocese se funde, o mais cedo que fôr possível, ao menos o Seminário Menor segundo as prescrições do Código de Direito Canônico e as normas baixadas pela S. Congregação dos Seminários e Universidades. Queremos, todavia, que sempre haja dois jovens escolhidos ou ao menos um dessa diocese, para serem enviados à custa da mesma ao Colégio Pontifício Brasileiro em Roma, a fim de que sob os Nossos próprios olhos sejam formados na doutrina e piedade. Quanto ao regimem e

administração dessa diocese, à eleição de Vigário Capitular em caso de vacância, aos direitos e deveres do Clero e dos fiéis e ao mais que nesse gênero interessar, mandamos que seja rigorosamente observado tudo que os sacros cânones prescrevem. Quanto ao Clero especialmente, estabelecemos que, ao se dar execução a esta Carta, os Clérigos se considerem no mesmo ato, pertencentes à diocese em cujo território estiverem legitimamente. Queremos, finalmente, que todos os documentos e atos referentes à nova diocese sejam quanto antes transferidos das Cúrias episcopais da arquidiocese de Mariana e da diocese de Juiz de Fora para a Chancelaria da nova diocese de Leopoldina a fim de ser guardados com cuidado em seu arquivo. Para a execução de tudo o que acima dispusemos e constituímos, delegamos o Venerável Irmão já citado, Bento Aloisi Masella, Nuncio junto ao Governo Brasileiro, e lhe conferimos as faculdades necessárias e oportunas, inclusive a de substabelecer para efeitos de que se trata a qualquer varão constituído em dignidade eclesiástica, impondo-lhe a obrigação de remeter à S. Congregação Consistorial um exemplar dos atos da execução cumprida. Quieremos e decretamos que a presente Carta e mais tôdas as coisas que nela se contêm, em tempo algum possam ser controvertidas, impugnadas ou acusadas de vício de subreção, obreção ou nulidade ou de Nossa intenção, ou de qualquer outro defeito, embora substancial e não excogitado; mas que as tenham como feitas e emanadas de ciência certa e na plenitude do poder, que são e serão perpetuamente válidas, e que alcançam e obtêm integralmente todos os seus efeitos e devem ser inviolavelmente observadas por todos a quem isto cumprir, e se, ao contrário, algo fôr tentado sobre elas por qualquer autoridade, cientemente ou por ignorância seja e há de ser completamente irritado e nulo. Queremo-lo e decretamo-lo sem embargo, enquanto é necessária esta ressalva, de quaisquer regras baixadas em Concílios sinodais, provinciais, gerais e universais, de gerais ou especiais Constituições e Ordenações Apostólicas e de quaisquer outras disposições dos Romanos Pontífices, Nossos Predecessores, e de tudo mais que fôr contrário, mesmo que seja digno de menção, a que tudo pela presente derogamos. Queremos, ainda, e mandamos cópias, ainda impressas, desta Carta, desde que subscritas pela mão de notário público e munidas do sigilo de varão constituído em ofício ou dignidade eclesiástica, se dê a mesma fé que seria tributada a esta Carta, se ela mesma é que fôsse exibida e mostrada. A ninguém é lícito infringir este documento de desmembração, constituição, ereção, concessão, sujeição, estatuto, mandato, delegação, derrogação e vontade Nossa, nem contra ele se levantar. Se alguém temerariamente presumir tentar qualquer coisa disso, saiba que incorrerá na indignação de Deus todo-poderoso e dos bem-aventurados Apóstolos Pedro e Paulo. Dado em Roma, junto de S. Pedro, no ano Senhor de 1942, dia 28 de março, quarto de Nosso Pontificado.

Aloisius Card. Maglione
A Secretis Status

Fr. Raphael C. Card. Rossi
S.C.Consistorialis a Secretio

Alfhonsus Carinci, Proton. Apost.
Franciscus Hannibal Ferrete, Proton. Apost.

L + P

Reg. In Canc. Apost., Vol. LXVI, n. 22 - Al. Trussardi - A.A.A VOL. XXXIV, fl. 326-328